Diário de Lisboa

ANO 55.º/18753 4$00

SEXTA-FEIRA 2 MAIO 1975

Fundador **Joaquim Manso** Director **A Ruella Ramos** Director-adjunto **José Cardoso Pires**

Há um ano festejámos o Maio da nossa libertação, ontem foi a Primavera da Socialização que o País inteiro anunciou em plena alegria de sol e de cravos.

É todo um avanço histórico, uma determinação política fundamentada em experiência democrática, que separa estas duas datas. Em ambas o mesmo povo presente ... mas agora já integrado num processo de reconstrução e mais definido nas suas opções partidárias.

Não estamos ainda, sabêmo-lo bem, suficientemente politizados, em termos de grandes maiorias, para podermos desenvolver no melhor rendimento o processo que iniciámos. Mas se o civismo excepcional que temos sabido demonstrar na prática pública é, em si mesmo, uma forma de consciência política; se as respostas fulminantes às investidas reaccionárias só podem traduzir vigilância e responsabilidade democrática; se, finalmente, o voto e o exemplo de como o voto foi e decidiu livremente socialismo ... então, nada mais certo do que ver neste percurso entre duas primaveras como uma marcha de esclarecimento político e uma declaração que recusa a direita e compromete o centro.

Continua na pág. 8

PRIMEIRO DE MAIO

INCIDENTES POLÍTICOS NO ESTÁDIO

● MÁRIO SOARES NÃO ENTROU NA TRIBUNA

O comício realizado, ontem, no Estádio 1.º de Maio, no âmbito das comemorações do Dia do Trabalhador, foi marcado por alguns incidentes de carácter político que poderão ter reflexos na vida portuguesa nos próximos tempos.

As comemorações foram promovidas pela Intersindical que teve a colaboração da INATEL e da Câmara Municipal de Lisboa. Entre os convidados inicialmente, contavam-se vários partidos políticos, ou seja, o P. S., P. C. P., M. D. P./C. D. E., M. E. S. e F. S. P. A ausência do P. P. D. da lista de convidados levou este partido a tomar posição pública contra a que chamou «uma clara tentativa de marginalização do nosso partido e de contrariar as tentativas dominantes manifestadas pelo sufrágio popular».

Na véspera das comemorações, o P. P. D. teria feito mesmo tentativas junto do Governo e do Conselho da Revolução, no sentido de que a posição da Intersindical fosse modificada.

Por sua vez, o Partido Socialista levantou problemas à pre-

Continua na pág. 10

SALÁRIO MÍNIMO: 4000$00
SALÁRIOS CONGELADOS
A PARTIR DE 12 000$00

●

PROÍBIDOS OS DESPEDIMENTOS SEM JUSTA CAUSA

●

APROVADA A LEI SINDICAL
LEGALIZADA A INTERSINDICAL

COSTA GOMES

"É precisa uma revolução cultural"

. É preciso realizar uma revolução cultural que em todas as classes actuais crie uma vocação voluntarista para a sociedade portuguesa sem classes, sem ricos nem pobres, sem privilegiados nem explorados, para o socialismo português» — afirmou o Presidente da República, general Costa Gomes, num discurso repleto de reflexões sobre o actual momento revolucionário português, proferido no Estádio 1.º de Maio, durante as comemorações do Dia Mundial do Trabalho, promovidas pela Intersindical Nacional. Falando pausadamente no seu estilo característico, o general Costa Gomes assinalou que os problemas maiores que o País enfrentará são a revolução na educação e a batalha da economia.

Referindo-se às eleições, o general Costa Gomes afirmou que os grandes vencedores foram o povo a sua aliança com o M. F. A., o Portugal renovado em transição para o socialismo». Acrescentou: «Podem os intelectuais puristas discutir se o povo votou exactamente o

Continua na pág. 10

VASCO GONÇALVES

"A VITÓRIA ESTÁ NAS VOSSAS MÃOS"

«Este é um dia de unidade pelas vitórias alcançadas. Mas é também um dia de análise dos nossos problemas, um dia de tomada de consciência das nossas responsabilidades, para vencer os obstáculos que nos separam. A acção dos trabalhadores é decisiva para a libertação do povo português» — afirmou o Primeiro-Ministro brigadeiro Vasco Gonçalves, ao dirigir-se à multidão do Estádio 1.º de Maio.

Depois de se referir às tentativas contra-revolucionárias de 28 de Setembro e 11 de Março,

Continua na pág. 20

20 PÁGINAS

BAIRROS DE LATA

É costume falar de bairros de lata como unidades sociais que vivem abaixo do nível mínimo que se exige para o ser humano, como exemplos que envergonham e acusam as sociedades que as fabricam e mantêm. Os bairros de lata, cujas carências habitacionais se reflectem em todos os aspectos, tornam-se uma espécie de símbolo de um tipo de sociedade que reduz o homem à condição de ser inferiorizado, explorado, diminuído.

Os bairros de lata constituem manchas negras (não as únicas) que há que combater, não apenas limpando, mas resolvendo os problemas que são as causas fundamentais de tais situações. E isto apesar das antenas de televisão e dos automóveis que por lá existam e que tanto escandaliza as almas caridosas, as quais, apesar disso, não gostariam de viver daquele modo e naqueles «bairros degradados», mesmo com televisão e tudo...

O Governo Provisório legislou agora no sentido de resolver rapidamente as expropriações necessárias à substituição dos bairros de lata e das «ilhas» por bairros condignos à condição humana. É uma emergência, uma prioridade indispensável para o Portugal de hoje. Mas não basta.

É indispensável acabar com as condições que propiciam a proliferação de novos bairros como os que irão desaparecer. É indispensável impedir que surjam outros. Impedir não por meio de intervenções policiais, mas mercê de soluções económicas e culturais. É indispensável que a evolução portuguesa crie, de facto, um novo País. Um País novo.

MANUEL DE AZEVEDO

De quarta a sexta

Revolução do Peru contada aos portugueses

A decisão do que foi — e é — a revolução peruana, as suas características e as suas realidades, passados que são sete anos sobre o seu início, foram o tema de uma conferência do jornalista peruano dr. Hugo Neira, director do «Correo» de Lima e de «Participacion», órgão da Sinamos, que é uma espécie de Dinamização Cultural do M. F. A. naquele país.

Convidado pelo jornal «Expresso» a pronunciar esta conferência em Lisboa, o dr. Hugo Neira historiou o modo como se processou a mudança radical das condições de vida do Peru, um país em que as Forças Armadas, não tendo passado por uma guerra como as que sofreram os portugueses, constituem, no entanto, desde 1914, um escol intelectualmente preparado muito acima das classes dominantes no país, antes de 1968, tendo preparado no silêncio uma revolução «sui generis».

«A revolução levada a cabo, anticapitalista, terceiro-mundista, socialista, libertário-humanista e cristã nada quis tomar do socialismo mundial» — disse Hugo Neira. «Antes pelo contrário» — acrescentou — quer contribuir para o seu enriquecimento através do exemplo peruano, original e específico».

No Peru, a estrutura militar está acima da estrutura partidária, e quando fez a revolução trazia tudo preparado, incluindo a socialização das grandes empresas básicas do país.

E foi assim que em pouco tempo foram nacionalizados os sectores de extracção e comercialização dos petróleos, das pescas, mineiros e agrários, além da banca.

■ INCÊNDIO NUM BACALHOEIRO

Anteontem, de madrugada, deflagrou violento incêndio a bordo do navio bacalhoeiro Bissaia Barreto», que se encontrava acostado no porto bacalhoeiro da Gafanha da Nazaré. As três corporações de bombeiros que ali acorreram, com um total de 70 homens, levaram duas horas e meia a dominar o incêndio, que originou prejuízos na ordem dos 1.500 contos. Cobertos pelo seguro, acrescente-se.

■ GRANADA FERIU CINCO OPERÁRIOS

Um operário de 15 anos, Manuel Rocha Lima, da Rua do Telheiro, Santa Cruz do Bispo, encontrou uma granada numa lixeira, próximo de um hospital em construção. Curioso e com santa ignorância, quis desmontar a espoleta, tendo a granada explodido e esfacelado a sua mão esquerda. Além do Lima, que ficou internado no hospital de S. João, no Porto, foram atingidos por fragmentos da granada quatro companheiros de trabalho, que depois de socorridos regressaram a casa.

■ NASCEU NA AMBULÂNCIA

Não é inédito, mas também não é vulgar: na quarta-feira, às 12 horas, quando se dirigia para a maternidade numa automaca dos Bombeiros Voluntários de Algés, Maria Teresa Gomes, de 32 anos, não teve tempo para completar a viagem e deu à luz uma menina na ambulância. Dois dos bombeiros prestaram-lhe assistência voluntariamente.

■ MENOR AGREDIDO À NAVALHADA

No sítio chamado de Serra da Cabrela, no distrito de Montemor-o-Novo, um miúdo de onze anos, Custódio Manuel Marcela Pargana, foi agredido à navalhada por um homem de 55 anos. Ao que se diz, o agressor, Marcelino Rosa, solteiro, trabalhador rural, sofre de perturbações mentais, e ofendeu-se com algumas palavras que o pequeno Custódio lhe dirigira depois de terem visto televisão numa taberna. Resultado: com ferimentos na face, pescoço, região lombar e numa das mãos, Custódio Pargana, veio para o Hospital de S. José, em Lisboa, onde se encontra internado.

■ O 1.º DE MAIO SARILHENSE

Fundado em 1918, na pequena povoação de Sarilhos Pequenos, concelho da Moita, o 1.º de Maio Futebol Clube Sarilhense festejou ontem o seu 57.º aniversário. Depois da alvorada às oito horas, houve a actuação de uma banda das Forças Armadas, um encontro de futebol entre a CUF e a equipa «da casa» e ainda um baile.

A direcção da Emissora pediu a demissão

O tenente-coronel Calvão Borges apresentou o seu pedido de demissão de presidente da direcção da Emissora Nacional, no que foi acompanhado dos restantes elementos do elenco directivo.

No passado dia 30, a Comissão Interna de Inquérito para Saneamento e Reclassificação havia tornado público um comunicado no qual reiterava a sua confiança na direcção da Emissora Nacional; hoje de manhã, foi entregue um documento com idêntico propósito, assinado por várias centenas de trabalhadores da estação oficial.

Podemos acrescentar ser opinião generalizada entre esses mesmos trabalhadores que a decisão da direcção da E. N., a ser ratificada superiormente, acarretará grandes prejuízos aos novos processos de trabalho em curso naquela estação, onde os actuais dirigentes militares disfrutam de assinalável prestígio.

RÁDIO CLUBE

Também no Rádio Clube Português houve alteração na constituição da comissão administrativa: o Conselho Superior da Revolução nomeou o capitão João Sobral Costa para presidir à comissão administrativa que ficou constituída dos seguintes trabalhadores: César Pereira (técnico), Fernando Jorge (operador), Jaime Fernandes (noticiarista), Fernando Curado Ribeiro (realizador) e Matos Maia (realizador). A comissão revolucionária continua em funções.

Personalidade jurídica para a Intersindical

Personalidade jurídica para a Intersindical Nacional e novas leis para regular as associações sindicais e patronais foram algumas das importantes resoluções que o Conselho da Revolução tomou na sua reunião de anteontem.

Estas decisões foram divulgadas pelo ministro do Trabalho, Costa Martins, num encontro em que estiveram presentes delegações sindicais internacionais: Confederação Mundial do Trabalho (CMT), Confederação Internacional dos Sindicatos Livres (CISL), Federação Sindical Mundial (FSM) e delegações sindicais de Angola, Jugoslávia, Itália, Chile, Polónia, Cuba, Roménia, Espanha, República Democrática da Alemanha, França, União Soviética, Guiné, Vietname e Hungria.

No mesmo encontro, Costa Martins apelou para a unidade de todos os trabalhadores, a nível nacional e mundial, e sublinhou que as novas medidas tomadas, nomeadamente a lei das associações patronais, «facilitarão bastante, neste momento, alguns dos problemas pendentes, relativamente aos contratos colectivos de trabalho.»

Costa Pereira, da Intersindical, ao usar da palavra, informou, após algumas referências ao significado do 1.º de Maio, que vão ser estabelecidos contactos com organizações sindicais de outros países no sentido de ser conseguido apoio em técnicos agrícolas, adubos e máquinas, para que se possa dar novo impulso à nossa economia.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
Secretaria de Estado da Cultura e Educação Permanente
Direcção-Geral dos Assuntos Culturais

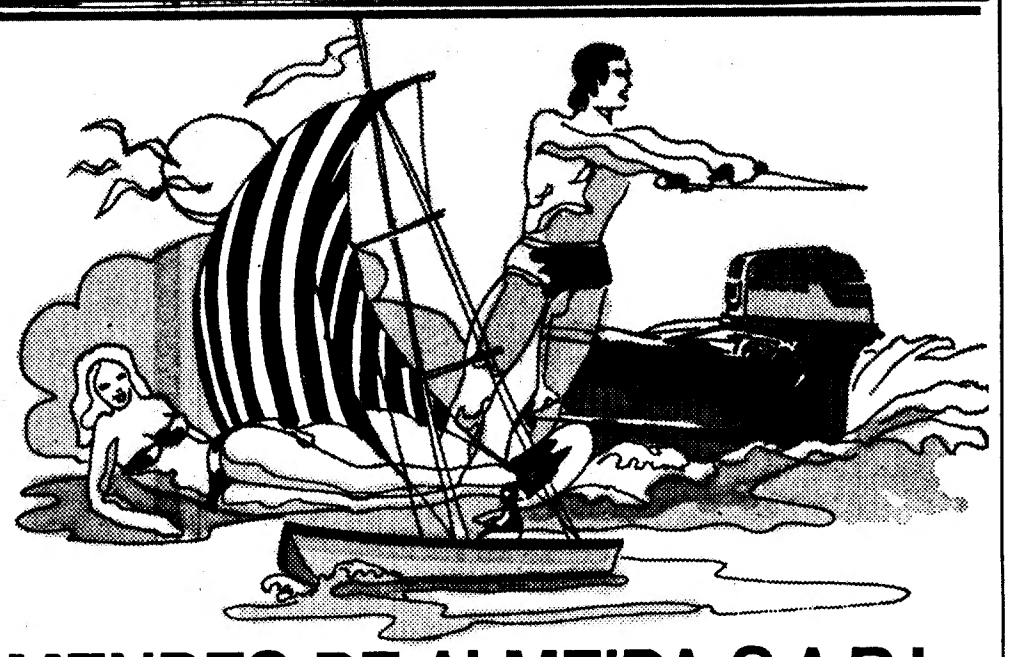
TEATRO NACIONAL DE S. CARLOS

EXPOSIÇÃO COMEMORATIVA DO BICENTENÁRIO DO NASCIMENTO
— DE —
JOÃO-DOMINGOS BOMTEMPO

NO SALÃO NOBRE DO TEATRO DE S. CARLOS ESTÁ ABERTA AO PÚBLICO NOS DIAS ÚTEIS, DAS 15 ÀS 20 HORAS, UMA EXPOSIÇÃO DOCUMENTAL, BIBLIOGRÁFICA E ICONOGRÁFICA INTEGRADA NAS COMEMORAÇÕES DO BICENTENÁRIO DO COMPOSITOR PORTUGUÊS JOÃO-DOMINGOS BOMTEMPO, LEVADA A CABO POR ESTE TEATRO NACIONAL

ÓPERA «**SALOMÉ**»
DE R. STRAUSS

AVISA-SE O PÚBLICO QUE O PRINCIPAL PAPEL DA ÓPERA «**SALOMÉ**», DE R. STRAUSS, NAS PRÓXIMAS RÉCITAS DOS DIAS 7 E 9 DE MAIO, NO TEATRO DE S. CARLOS, E DO DIA 11 DE MAIO, NO COLISEU DOS RECREIOS, SERÁ INTERPRETADO PELA CANTORA **ROBERTA KNIE** (A INTÉRPRETE PROTAGONISTA DA «VALQUIRIA» NO ÚLTIMO FESTIVAL DE BAYREUTH) E NÃO PELA CANTORA **URSULA SCHROEDER-FEINEN**, COMO ANTERIORMENTE SE ANUNCIARA



MENDES DE ALMEIDA, S.A.R.L.
espera-o na Nauticampo

As suas férias aproximam-se.
Mendes de Almeida, S.A.R.L.
tem à sua disposição na Nauticampo:
– Barcos de recreio de todos os tipos.
– Motores EVINRUDE
– Uma vasta gama de acessórios náuticos.
– Mini-motoretas. Motograziella.
– Artigos para desporto.

FIL / FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA
De 2 a 11 de Maio
Dias úteis das 16 às 23 horas
Sáb. e Dom. das 15 às 23 horas

MENDES DE ALMEIDA, S.A.R.L.
Avenida 24 de Julho, 52 A/G, Lisboa 2, Tel. 663371-663379

COMPANHIAS REUNIDAS GÁS E ELECTRICIDADE

AVISO AOS CONSUMIDORES

Trabalhos inadiáveis para a boa conservação das redes obrigam-nos a interromper, durante algumas horas, o fornecimento de energia eléctrica no próximo domingo, nos seguintes Sectores e Zonas:

4.º Sector — **Concelho de Lisboa**: Av.ª do Uruguai 25 a 51-B e de 34-B a 38; Est.ª de Benfica 384 a 416 (das 8 às 12 horas).

5.º Sector — Trav.ª do Carvalho de 2 a 14 e 37, Rua de S. Paulo 71 a 85 e de 112 a 222. (das 8 às 12 horas).

6.º Sector — Trav.ª Nova de S. Domingos 2 a 44, Rua 1.º de Dezembro 61 a 101. (Das 8 às 12 horas).

8.º Sector — Av.ª de Roma 32 a 40, Av.ª Frei Miguel Contreiras 54 a 58, Rua Frei Amador Arrais, Rua Jerónimo Corte Real, Praça Gonçalo Trancoso. (das 8 às 12 horas).

9.º Sector — Av. Mouzinho de Albuquerque. Lotes 1 a 10. (das 8 às 12 horas).

Zona — **Concelho de Oeiras**: Santo Amaro de Oeiras (das 8 às 14 horas). Alameda Conde de Oeiras. (das 8 às 14 horas).

2.ª Zona — **Concelho de Cascais** — **PAREDE**: Rua Capitão Leitão, Rua José Relvas, Rua Miguel Bombarda, Av.ª da República e imediações. (das 8 às 14 horas). **PENEDO-MURTAL**: Alto dos Arcos, Madorna, Penedo e imediações. (das 8 às 14 horas). Bairro das Caixas. (Das 8 às 14 horas).

3.ª Zona — **Concelho de Sintra** — **ALGUEIRÃO**: Rua Vale do Milho, Rua S. Pedro, Rua S. Romão, Rua S. José, Rua do Mercado, Rua Almeida Garrett, Rua Jau, Rua Luís de Camões, Rua do Moinho, Rua João de Deus, Rua Eng.º Júlio Gomes da Silva, Av.ª Cap. Américo dos Santos, Av.ª D. Afonso Henriques, Av.ª Marginal e imediações. (das 8 às 14 horas). **MASSAMÁ**: Estrada da Tascoa, Rua Direita, Rua dos Bem Casados, Rua João Lucas, Terras da Várzea e imediações. (Das 8 às 14 horas). **S. JOÃO DAS LAMPAS**: Alfaquiques, Fachada, Aldeia Galega, Codiceira, Pernigem, Chilreira, Sacario, Rádio Farol. (das 8 às 14 horas). **MONTELAVAR**: Rua das Mimosas, Estada Nacional n.º 9 a Norte de Pêro Pinheiro. (das 8 às 14 horas).

4.ª Zona — **Concelho de Mafra**: Bandalhoeira. (das 8 às 15 horas).

5.ª Zona — **Concelho de Vila Franca** — **ALHANDRA**: Bairro de Santo António, Est.ª de A-dos-Loucos (parte). Est.ª de Arruda dos Vinhos (parte), Est.ª Sub-Serra (parte) Senhor da Conceição, Est.ª Nacional, Quinta da Hortinha e imediações. (das 8 às 14 horas). Verdelha do Ruivo. (das 8 às 14 horas). Bom Retiro, Estrada de Arruda (parte). (das 8 às 14 horas).

MELIÁ NA NAUTICAMPO 75
(2 a 11 de Maio)
● Sugestões para as suas férias
● 4 Programas aliciantes
ALGARVE
FUNCHAL
MARROCOS
RÚSSIA
E tudo o mais sobre viagens
PROCURE O STAND MELIÁ na NAUTICAMPO

Nacional

MAIS DE 200 MIL PESSOAS NO PORTO

SALÁRIO MÍNIMO DE QUATRO CONTOS

— anunciou o ministro do Trabalho

PORTO, 2 — «Não é com palavras que se constrói o socialismo. E não tem sido com palavras que nós M. F. A., Governo Provisório e povo trabalhador o temos feito. Hoje mesmo, em Lisboa, o sr. Primeiro-Ministro anuncia novas medidas no campo económico e financeiro que marcam o irreversivel caminho que nos propusemos» — afirmou o major Costa Martins, ministro do Trabalho, no decorrer do gigantesco comício do 1.º de Maio, no Porto, que reuniu centenas de milhares de pessoas na Praça Humberto Delgado, Av. dos Aliados, Praça da Liberdade e artérias adjacentes. O ministro do Trabalho, várias vezes interrompido pela multidão que gritava em coro «O Povo está com o M. F. A.», prosseguiu: «A vossa luta e a vossa maturidade na batalha da economia e do desenvolvimento não é também uma luta de palavras: é e será uma prática consciente da classe trabalhadora empenhada na verdadeira reconstrução nacional. A curto prazo, em matéria de trabalho e salários, há que atender às situações de maior injustiça, com particular acuidade, justamente aqui, no Norte do País.

«Nessa linha, posso hoje anunciar que serão decretadas a elevação do salário mínimo para 4 000$00, a elevação do mínimo de férias para 15 dias com correspondente subsídio de 100 por cento, bem como a suspensão dos despedimentos sem justa causa por um período definido, e o congelamento dos salários superiores a 12 mil escudos».

Estas afirmações do major Costa Martins foram particularmente ovacionadas. Um mar de palmas e braços erguidos, semeado de bandeiras vermelhas, que se agitavam no ar, desde o edifício da Câmara até ao passeio das Cardosas, constituiu, nesse e noutros momentos, a expressão da confiança nas medidas concretas que vêm ao encontro da vontade do povo e que o ministro acentuou ainda afirmando em seguida: «Que a classe trabalhadora entenda estas medidas no contexto da situação política, económica e social que atravessamos e saiba tomar como sua a batalha da economia».

Costa Martins afirmou no seu discurso que «a via do socialismo é a via dos trabalhadores» e depois de se referir aos passos dados pela revolução desde o 1.º de Maio do ano passado, acentuou: «Como militar, não posso deixar de pôr em relevo a institucionalização do M. F. A. e a criação do Conselho Superior da Revolução. Ninguém de boa-fé, ao ver as leis que se foram publicando desde o dia 11 de Março poderá pôr em dúvida a nossa dedicação à causa do povo trabalhador e a nossa decisão em construir um Portugal socialista com amplas liberdades. Só os cegos, obsecados ou vendidos poderão dizer ou insinuar que o Poder político não se encontra nas mãos dos que querem estar com o povo e com as suas mais justas e legítimas aspirações».

CONTROLO TRABALHADOR

Antes da chegada do ministro à varanda dos Paços do Concelho, a União dos Sindicatos do Porto — Intersindical, entidade promotora dos festejos do 1.º de Maio, havia chamado para o local elementos de cada um dos partidos convidados que a apoiaram (P. S., F. S. P., M. E. S., M. D. P./C. D. E., e P. C. P.). Tendo usado da palavra um seu representante que, em nome da U. S. P. / Intersindical, começou por saudar todos os trabalhadores portugueses e bem assim os da Espanha e Chile, das Nações irmãs da Guiné, Angola e Moçambique e, entre fortes aplausos, o do Vietname do Sul, «neste primeiro dia da sua vitória definitiva sobre o imperialismo americano». Depois de recordar que foi no Porto, em 18 de Janeiro de 1890, que se reuniu o congresso das associações operárias, onde se decidiu, pela primeira vez, comemorar o 1.º de Maio, o orador afirmou, a propósito das medidas económicas do Conselho da Revolução: «Uma importante parcela do poder económico foi arrancada das mãos dos monopólios e colocada debaixo do controlo directo da colectividade, através do Estado. É necessário que os trabalhadores sintam que a economia já não lhes é estranha, ou seja, que a construção socialista da economia é tarefa deles e para eles. Isto implica a afirmação clara do princípio de controlo organizado da produção pelos trabalhadores para objectivos de produção e eficiência coordenados pelos órgãos centrais de planeamento, segundo esquemas a definir com brevidade».

PERMANENTE VIGILÂNCIA

A encerrar o comício falou o coronel Charais, membro do Conselho da Revolução que afirmou a dado passo depois de se referir ao significado do 1.º de Maio: «do Conselho da Revolução trago aos trabalhadores e soldados do Porto uma palavra de gratidão pelas inúmeras provas de confiança e de apoio que sempre prestaram ao M. F. A., contribuindo para as sucessivas vitórias sobre as forças reaccionárias. O caminho que nos propomos trilhar para a construção de um Portugal verdadeiramente democrático e independente e de uma sociedade onde a exploração do homem pelo homem não tenha lugar e onde o poder económico e político esteja nas mãos dos trabalhadores não vai ser fácil e vai exigir de todos os trabalhadores portugueses e das suas Forças Armadas grandes sacrifícios e permanente vigilância».

Depois de afirmar que todos os países do Mundo têm os olhos postos em Portugal, seguindo «com admiração, ansiedade e, por vezes, com ceptícismo a nossa experiência», o coronel Charais concluiu: «trabalhadores e soldados, coesos e unidos venceremos».

O comício teve lugar às 17 e 30, sendo precedido por uma concentração e manifestação que abrindo com «chaimites» do Exército sobre um dos quais seguia de pé o ministro do Trabalho, saiu da Praça Humberto Delgado onde voltou cerca de duas horas depois, tendo percorrido as ruas Camões, Gonçalo Cristóvão e Sá da Bandeira, entrando na Praça da Liberdade pelos Congregados. Dezenas de milhares de pessoas, militantes dos cinco partidos políticos que aderiram às comemorações, sindicatos, associações culturais, trabalhadores do teatro e de dezenas de empresas da região do Porto, participaram nessa manifestação.

Depois do comício milhares de pessoas acompanharam os membros do Conselho da Revolução até ao Quartel-General da Região Militar do Porto, onde aqueles se reuniram com os órgãos de Informação. Entretanto, na Baixa portuense, o ambiente de festa, iniciado logo de manhã com zés-pereiras e bandas de música que percorreram a cidade, instalou-se definitivamente e prosseguiu até às primeiras horas da madrugada. Milhares e milhares de pessoas permaneceram em confraternização, passeando e conversando por toda a parte, muitas descansando na relva da avenida onde também brincavam inúmeras crianças. Música e variedades junto à estátua de Garrett, pessoas de todas as idades ostentando os seus emblemas na lapela, bandeiras vermelhas agitando-se fora dos automóveis transformados em apitos, garotos empoleirados nas árvores. Ao cimo de toda a festa, o granito do edifício da Câmara riscado por longas fitas vermelhas em torno dum enorme catazee cartaz das campanhas do M. F. A.

EM AVEIRO A FESTA TEVE POUCA GENTE

AVEIRO, 2 — Não atingiu, de maneira alguma, o brilho espectacular de 1974 o 1.º de Maio que ontem foi comemorado em Aveiro, desta vez organizado pela Intersindical. Efectivamente esperava-se que o povo da cidade comparecesse em grande número, o que não aconteceu, e também que participasse activa e alegremente nesta grande jornada do trabalho português. Mas as gentes de Aveiro são muito «sui generis» e, quando se espera e deseja que elas colaborem, acontece muitas vezes o contrário.

Quer-nos parecer, aliás, que não houve motivos para uma passividade tão grande não só na comparência, aquem do que se esperaria como ainda no pouco entusiasmo demonstrado na jornada do Parque (exibição de ranchos folclóricos, audição dos alunos do Conservatório Regional, canções por Luís Viegas e comício com elementos dos partidos convidados — P.S., M.E.S. P.C.P., e M.D.P./C.D.E.) e ainda na manifestação organizada ao cair da tarde e que percorreu algumas ruas do burgo. Muita gente a assistir, mas relativamente pouca a incorporar-se na alegria dos que quiseram, e não puderam, mau grado todos os seus esforços, contagiaram com os seus cânticos, com os seus «slogans», com as suas palavras de ordem e com as suas bandeiras a grande quantidade de aveirenses que, à mesma hora, de um e do outro acto, deambulava pela cidade. Isso constatámos, e é do que damos notícia.

Voltemos, entretanto, ao comício realizado no Parque sob um sol de fornalha.

O representante da Intersindical, ao aludir ao significado do 1.º de Maio, disse que «este é o dia dos trabalhadores e não de qualquer partido político; não vivemos quimeras políticas, não somos democratas do 26 de Abril, somos a revolução em marcha; somos a unicidade sindical, única via correcta para a emancipação dos trabalhadores».

O porta-voz do M.E.S. falou seguidamente do seu partido e das medidas económicas e políticas por ele preconizadas, acentuando que elas são as melhores para a implantação do poder popular. Incitou depois as massas trabalhadoras a organizarem-se para a constituição de brigadas revolucionárias, que, «conjuntamente com os soldados progressistas do M.F.A., se oporão à ditadura da burguesia, impondo a ditadura do proletariado».

Saudando todos os trabalhadores, independentemente do seu credo político, foi a vez de usar da palavra o representante do P.S., que na sua intervenção se debruçaria sobre o significado da festa do 1.º de Maio. Disse a propósito: «Festejamos também a vitória das massas trabalhadoras ao dizerem sim à via socialista». E mais à frente: «Chegou o dia em que o trabalho está caro; chegou o dia em que o esforço de cada um de nós terá o seu justo preço para que os nossos interesse futuros — próximos e distantes — sejam devidamente salvaguardados».

Para o representante do P.C.P. «a maioria dos trabalhadores está com o nosso partido, porque eles sabem que estamos sempre ao lado do movimento revolucionários das Forças Armadas; es ivemos sempre na primeira linha da batalha contra os perigos reaccionários neste primeiro ano da revolução. O P.C.P. esteve a trabalhar para a emancipação do povo português». Antes de se retirar saudou o povo vietnamita.

Faltava ainda o M.D.P./C.D.E. e o seu representante afirmaria: «Façamos do nosso trabalho o motor para debelar a crise que o País atravessa. A nossa força será a alavanca decisiva para construirmos, com o nosso trabalho, um Portugal novo, voltado para o futuro para garantirmos trabalho aos nossos filhos. Façamos do 1.º de Maio a nossa força; tiremos deste dia a grande lição do passado; não tiremos ao patrão o que é do patrão, mas demos ao trabalhador o que é do trabalhador neste momento difícil que o País atravessa».

JORNADA DE CONSCIÊNCIA

O dr. Neto Brandão, governador civil, esteve presente. Ao falar, (de improviso) sublinhou: «O 1.º de Maio é a festa da alegria do povo de Portugal. Relembremos o calor humano e fraternidade do povo do 1.º de Maio de 1974. É esta uma jornada de luta, como também é uma jornada que não se compadece com meias tintas porque a reacção não desarma, porque ela tem formas múltiplas de atacar, quer seja com «manifestações silenciosas» ou luta armada. E agora até se prepara para meter uma cunha no seio do M.F.A., mas ninguém pode governar nas costas do povo nem das massas trabalhadoras. Por isso eu também digo que a jornada igualmente é de luta e de consciência. Unidade mais vigilância popular são indispensáveis para construirmos em Portugal um país livre, justo, em que não haja miséria, fome e opressão».

Encerraria este comício o capitão Matos, do M.F.A.

«É extraordinariamente significativo», disse, «podermos comemorar aqui o 1.º de Maio quando ainda há poucos anos, neste mesmo local, foi proibida uma simples reunião de democratas».

JOSÉ NAIA

CORONEL CHARAIS AOS JORNALISTAS

O HORÁRIO DE TRABALHO TEM DE SER RESOLVIDO REVOLUCIONARIAMENTE

PORTO, 2 — «Todos sabemos qual é o nosso produto nacional bruto e que o seu rápido aumento é difícil. O horário de trabalho tem de ser resolvido revolucionariamente. Não é com horários normais, horários do tipo de alguns países capitalistas europeus, que vamos resolver o problema. É preciso alertar desde já os trabalhadores portugueses de que os horários terão que ser ajustados às necessidades do aumento do produto nacional bruto». Estas foram as palavras do coronel Charais, membro do Conselho da Revolução, durante uma breve conferência de Imprensa dada ontem no Quartel-General da Região Militar do Porto e em que participaram ainda o major Costa Martins, tenentes-coroneis Sá Correia e Arnao Metelo, brigadeiro Eurico Corvacho e o major Albuquerque.

Nas breves palavras iniciais o coronel Charais salientou a sua admiração pela festa do 1.º de Maio no Porto, afirmando: «Não vai ser fácil transmitir ao Conselho Superior da Revolução a ideia do que foi esta festa. Pergunto hoje quem era que antes do »25 de Abril» tinha medo do povo português».

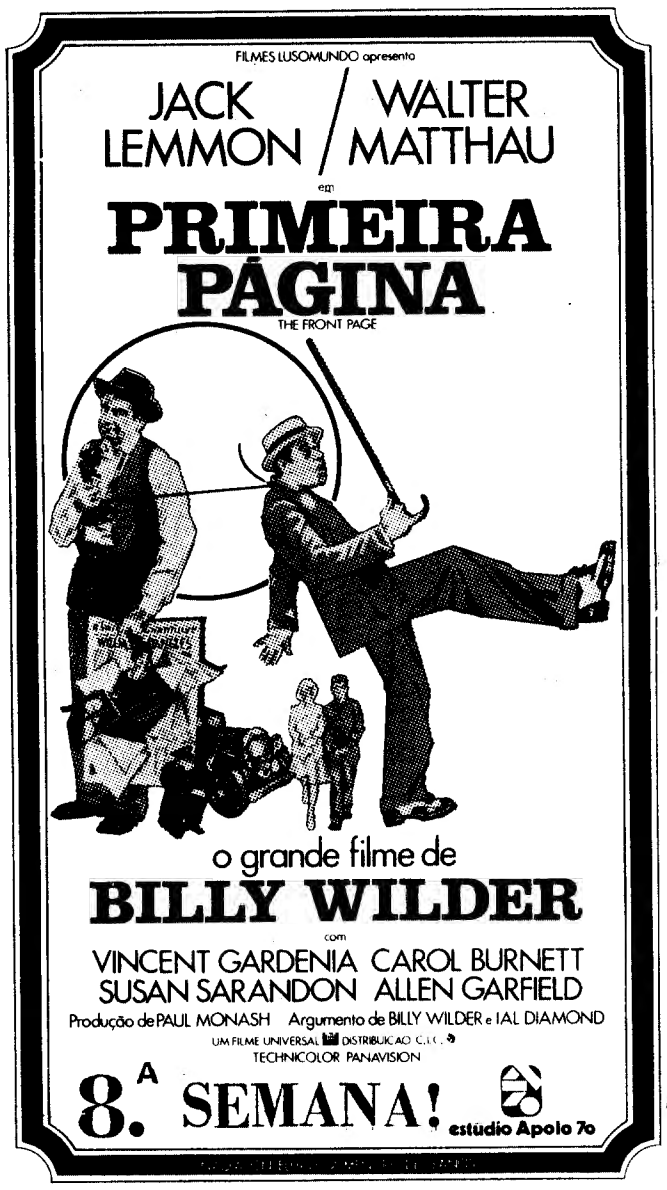
Por seu turno o major Costa Martins afirmou: «Gostaria de sublinhar a amizade e a compreensão entre os partidos presentes, entre os trabalhadores de todos os sindicatos e a vitória da Intersindical no modo como tudo decorreu».

O IMPASSE NA CÂMARA

As perguntas e respostas incidiram sobre o desemprego, sobre as medidas anunciadas pelo ministro do Trabalho no comício e sobre o horário de trabalho. O tenente-coronel Arnao Metelo, ministro da Administração Interna, afirmando que «mais do que regionalizar acções há que coordenar as várias medidas a nível nacional», anunciou que no decorrer da próxima semana analisará as propostas que existem para resolver o problema da Câmara do Porto, acrescentando: «Há dois problemas — financiamento e descentralização administrativa — que só por si resolvem todo o Código Administrativo. Mas há medidas que não poderão ser proteladas».

Foi ainda abordada a situação em Angola, tendo afirmado o tenente-coronel Sá Correia: «A influência estrangeira e imperialista é grande e certos movimentos não defendem os verdadeiros interesses do povo angolano. Não devemos esquecer os reflexos muito intimos dos problemas de Angola na evolução da nossa democracia e na construção da nossa revolução».

Últimas



A Intersindical relata os incidentes no estádio

. Do Secretariado da Intersindical Nacional recebemos o seguinte comunicado sobre a manifestação realizada ontem no Estádio 1.º de Maio:

. «1 — O Secretariado da Intersindical Nacional considera terem sido as comemorações do 1.º de Maio — Dia Mundial dos Trabalhadores, organizadas pela Intersindical Nacional com o importante apoio da INATEL e da C. M. L., uma grandiosa vitória do povo trabalhador, do movimento sindical unitário — a Intersindical, das forças verdadeiramente empenhados no processo revolucionário em curso, do Movimento das Forças Armadas e da extraordinária aliança povo-M. F. A.

«2 — O Secretariado da Intersindical Nacional considera ter sido este 1.º de Maio mais um valioso contributo para a unidade das massas trabalhadoras e para o reforço da aliança povo-M.F.A. A forma altamente patriótica como o povo português se manifestou, por todo o País, dando o seu apoio à via socialista da revolução portuguesa, preconizada pelo M.F.A. e já plebiscitada nas eleições de 25 de Abril, ao mesmo tempo que estreitava os laços unitários com as Forças Armadas, demonstra bem o seu empenhamento na construção de uma sociedade em que não tenha lugar a opressão do homem pelo homem.

«3 — As comemorações do 1.º de Maio em Lisboa, com a presença de S.Exas. o Presidente da República, o 1.º-Ministro e os chefes de Estado-Maior dos três ramos das Forças Armadas, revestiram-se de um significado muito especial, de que os trabalhadores jamais esquecerão.

«Em todas as fases das comemorações do 1.º de Maio, o povo trabalhador de braço dado com as Forças Armadas e a presença das delegações sindicais internacionais e nacionais de todo o Mundo, deram a este dia memorável, o sentido profundo, de uma jornada unitária de luta de todo o povo português e de solidariedade internacional de todos os povos.

«4 — Contudo, o Secretariado da Intersindical Nacional lamenta profundamente que algumas individualidades proeminentes do Partido Socialista, tivessem procurado criar no comício realizado no Estádio 1.º de Maio, um clima de tensão tendente a retirar a estas comemorações o seu importante significado patriótico e unitário, utilizando processos nada condizentes com quem se afirma defensor da unidade das massas trabalhadoras e de reforço da aliança povo-M.F.A.

«Para o Secretariado da Intersindical Nacional, o facto de essas individualidades terem incentivado alguns dos militantes do seu partido a assobiarem e achincalharem constantemente as diversas intervenções havidas no comício do Estádio 1.º de Maio e do próprio dr. Mário Soares se atrever a realizar sessões de propaganda partidária em pleno Estádio e no momento em que falavam S. Exas. Srs. Presidente da República e 1.º-Ministro, não nos espantou.

«E, não nos espantou porque conhecíamos antecipadamente as verdadeiras intenções dos dirigentes do Partido Socialista.

«É importante dizer-se que numa das reuniões havidas entre o Secretariado da Intersindical e os representantes dos partidos convidados a participarem nas comemorações do 1.º de Maio, os delegados do Partido Socialista primeiro mostraram o jogo para depois posteriormente e numa outra reunião virem a assumir o compromisso de honra de, durante o comício não levarem à prática o que já corria por Lisboa: que o Partido Socialista iria aproveitar esse momento para contestar a Intersindical, a sua legalização pelo Conselho Superior da Revolução e a saída da Lei das Associações Sindicais e assim criar um clima próprio a situações, tais como as que se vieram na realidade a verificar.

«Isto é, o representante do Partido Socialista presente à referida reunião, assumlu um compromisso que mais tarde não foi respeitado.

«De uma forma clara o que os dirigentes do Partido Socialista procuraram foi contestar, mais uma vez, o reconhecimento da consagração da Unicidade Sindical na lei e assim a Intersindical Nacional — central unitária dos trabalhadores portugueses.

«Como se constata, este comportamento tido por alguns elementos do Partido Socialista corresponde inteiramente a tantos outros que desde o «25 de Abril» de 1974 tem vindo a praticar.

«5 — O Secretariado da Intersindical Nacional entende que muito embora, os dirigentes do Partido Socialista se tivessem esforçado na encenação de mais esta manobra divisionista, o povo trabalhador presente no grandioso comício do Estádio 1.º de Maio soube dar a resposta que tais manobras impunham, permitindo que o profundo significado das comemorações do Dia Mundial dos Trabalhadores, o povo trabalhador, as forças verdadeiramente progressistas e o M.F.A. fossem enxovalhadas.»

Diferendo no "República"

. Pouco depois do meio-dia começou uma reunião-geral dos trabalhadores do nosso colega «República», convocada pela Redacção em virtude de um conflito surgido durante a manhã entre os gráficos e a Redacção do jornal.

Em resultado disso e na hora em que estamos a fechar o jornal, ainda não se sabe se «República» sairá hoje.

O diferendo parece assentar na admissão de dois jornalistas que o quadro gráfico considera indesejáveis.

Abriu o Nauticampo

O Salão Nauticampo foi hoje inaugurado na Feira Internacional de Lisboa pela Associação Industrial Portuguesa, voltado desta vez, segundo os seus promotores, «para a ocupação dos tempos livres dos trabalhadores».

Entretanto, os expositores parecem encontrar-se «bastante retraídos», pois não sabem como irão ser comercializados os seus produtos.

Estes factos foram revelados numa conferência de Imprensa realizada ontem à tarde pela Comissão de Trabalhadores da F.I.L. A Associação Industrial Portuguesa não esteve presente, justificando-se com «uma reunião na mesma altura, com o ministro do Comércio Externo».

Este certame, que se realiza pela nona vez, termina no próximo dia 11 de Maio.

Três mortos

. LEIRIA, 2 — Três mortos e um ferido, é o trágico balanço do embate entre dois automóveis ocorrido ontem à tarde, no cruzamento da estrada das Matas Nacionais com a que se dirige para Vieira de Leiria.

Um dos carros um ligeiro de carga) era conduzido por IsaíasSimõesBento,de32anosde idade, casado, comerciante, residente em S. Pedro de Muel.

O segundo era guiado por Adriano Monteiro, de 58 anos de idade, viúvo, empregado da Companhia de Moagens (Leiria) morador em Pouso (Leiria).

Neste último automóvel, viajavam também a filha do condutor, Elisabete Frazão Monteiro, de 20 anos de idade, solteira, estudante e ainda Vítor Cordeiro Júnior, de 55 anos, encarregado fabril e sua esposa Filomena Pereira de Jesus, de 60 anos de idade, residente em Gândara dos Olivais.

A violência do embate provocou a morte imediata do condutor, Adriano Monteiro e ferimentos nos outros três ocupantes. Transportados ao Hospital de Leiria, Vítor Cordeiro e sua esposa Filomena de Jesus, acabariam por falecer pouco depois.

A filha do motorista, única sobrevivente, pode mais tarde recolher a casa dos familiares, livre de perigo.

Detidos três funcionários da D.G.A.C.

. Deram entrada nas prisões da Polícia Judiciária, sem admissão de caução, três funcionários da Direcção-Geral da Aeronáutica Civil, presumíveis autores de irregularidades detectadas naquele organismo oficial. São eles: Carlos Luís Pinhão, chefe de secção, de 49 anos, e os funcionários Mário Augusto de Oliveira Valério, de 53, e António Conceição Gil, de 63.

Os arguidos encontravam-se detidos à ordem da 4.ª secção da Polícia Judiciária, que procede à investigação de irregularidades detectadas na Diecção-Geral da Aeronática Civil, no decurso da sindicância ali efectuada por determinação superior.

Os acusados, cujas prisões foram agora legalizadas, aguardam a instrução preparatória do processo-crime instaurado.

CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS

ANÚNCIO

EMPREITEIROS DE OBRAS PÚBLICAS

Para os devidos efeitos se torna público que esta Câmara Municipal deseja tomar conhecimento de quais os interessados em serem consultados para adjudicação de empreitadas para «Concursos Limitados» dentro das categorias e subcategorias do quadro, de modo a actualizar os ficheiros.

Categoria	Edifícios	Arruamentos
Subcategoria	Construção nova e alterações	Demolições
Subcategoria	Alvenarias	Terraplanagens
Subcategoria	Estruturas de betão armado e pré-esforçado	Macadame e tout-venant
Subcategoria	Estruturas metálicas	Betuminosos
Subcategoria	Limpeza e conservação de edifícios	Calçadas
Subcategoria	Pinturas e revestimentos	Pontões
Subcategoria	Isolamentos e impermeabilizações	
Subcategoria	Vedações em rede	

Oeiras — Paços do Concelho em 22 de Abril de 1975.

Pel'A COMISSÃO ADMINISTRATIVA

Amaro do Espírito Santo Silva

COMPANHIA DAS FÁBRICAS CERÂMICA LUSITÂNIA S.A.R.L.

2.ª CONVOCAÇÃO

Não se tendo realizado por insuficiente representação, a Assembleia convocada para o dia 31 do mês de Março, a pedido da direcção convoco os Senhores Accionistas a reunirem em Assembleia Geral Ordinária, em 2.ª convocação, na sede social, no próximo dia 17 do corrente mês, às 11 horas, para:

a) — Apreciarem e votarem o Relatório, Balanço e Contas da Direcção do exercício de 1974 e respectivo parecer do Conselho Fiscal;

b) — Preencherem quaisquer vagas existentes, apreciarem e tomarem resoluções acerca de quaisquer propostas e outros assuntos de interesse para a Companhia.

O depósito de acções ao portador deverá ser feito até dez (10) dias antes da Assembleia, na sede da Companhia ou em qualquer Banco de Lisboa que o comunique à Companhia.

Lisboa, 2 de Maio 1975

O Presidente da Mesa

Júlio Martins

HONDA

CONSUMO:
5 LITROS/100KMS.

AGORA
79958.50

HONDA-um GIGANTE na economia

SANTOMAR
Av. Casal Ribeiro, 46-C
T.533697-533676
LISBOA

AGENTES EM TODO O PAÍS

CÂMARA MUNICIPAL DO CONCELHO DE LOURES

AVISO

Faz-se público que se acha aberto concurso público, pelo prazo de 20 dias, contados a partir do dia seguinte ao da publicação deste anúncio no «Diário do Governo», para adjudicação d aempreitada de «Arranjo da E. M. 613, Troço entre a E. N. 115 e a povoação do Zambujal».

A base de licitação é de 544 000$00.

O processo da empreitada pade ser examinado todos os dias úteis, durante as horas normais de expediente, nos Serviços Técnicos de Obras do Município.

Os concorrentes deverão possuir alvará de empreiteiro de obras públicas, correspondente à subcategoria da IV Categoria da... classe.

A Caução provisória é de 13 600$00.

A abertura das propostas realizar-se-á perante a Comissão Administrativa na primeira reunião ordinária que se seguir ao termo do prazo fixado neste anúncio. A Comissão Administrativa reune todas as quartas-feiras, pelas 10 horas, no edifício dos Paços do Concelho.

Paços do Concelho de Loures, 28 de Abril de 1975.

O Presidente da Comissão Administrativa

José Augusto Gouveia

Nacional

Cinco feridos na explosão duma granada

PORTO, 2 — Transitou para a Polícia Judiciária desta cidade a participação, elaborada pela P.S.P., sobre a deflagração de uma granada na tarde da passada quarta-feira, nuns terrenos anexos ao Instituto de Oncologia do Porto, onde, na altura trabalhavam em obras de ampliação.

Da explosão do engenho resultou ficarem feridos cinco operários, entre eles o servente Manuel da Rocha Lima, residente em Santa Cruz do Bispo, (Matosinhos), de 15 anos de idade, que sofreu esfacelamento da mão esquerda.

Uma brigada de minas e armadilhas da P. S. P., esteve no local.

ENSINO SUPERIOR

LISTA B VENCEDORA DAS ELEIÇÕES EM LETRAS

A lista B ganhou as eleições para o conselho directivo da Faculdade de Letras de Lisboa. Registe-se que em círculos estudantis daquela escola, se afirma que elementos predominantes da lista vencedora, são simpatizantes do M. R. P. P.

Assim, o conselho directivo agora eleito ficou constituído pelos professores Maria Luísa Leal de Faria, Joana de Barros Baptista, Luís Filipe de Lindley Cintra, Magdalena Vadell Bonett, Allen de Vasconcelos e Isabel Hub Faria; pelos alunos Isabel Maria Viana Moço, Helena Maria Silva Pereira, Luis Manuel Crespo Andrade, Maria Paula Santos de Jesus Mendes, Maria Cláudia de Belleza Miranda e Maria Margarida Sousa Uva: e pelos funcionários António dos Santos Cosme, Maria João Coutinho, Ana Salema e João Leandro Teixeira de Magalhães. Como suplentes figuram o padre Manuel Antunes, professor catedrático, e os alunos Jorge Manuel Pinto Guedes e Maria João Parada.

A lista B ganhou por 1693 votos, enquanto a A conseguiu 1087. Houve 271 votos nulos ou brancos, sendo a percentagem dos votantes de 49 por cento dos eleitores (6598).

Entretanto em Agronomia, onde a concorrência às urnas por parte dos alunos foi muito menor que em Letras, o conselho directivo ficou assim constituído: professores — António Monteiro Alves, Manuel Beja Costa e Pedro Lince de Faria; alunos — Adriano Paulo de Carvalho, Eduardo Gago Ángelo e Rui Manuel Vítor Cortes; funcionários — Alípio Ferreira de Carvalho e Francisco Gomes Vigário.

As eleições efectuaram-se em separado, tendo concorrido por parte dos professores uma única lista; pelos alunos duas- vencendo a lista A; e por parte dos funcionários cinco, vencendo a lista B.

Sublinhe-se que a maior concorrência às urnas se registou entre os funcionários, atingindo uma percentagem de 83 por cento, ou seja 200 votantes, enquanto nos professores se registou uma percentegem de 70 por cento. Seriam os alunos os eleitores mais desmobilizados, pois aqui a percentagem dos votantes não ultrapassou os 28 por cento.

Em Medicina, na sala de alunos do Hospital de Santa Maria, vão efectuar-se eleições para os corpos gerentes da Associação de Estudantes da respectiva Faculdade, nos dias 5, 6 e 7 deste mês.

Em contrapartida a Faculdade de Ciências continua sem comissão de gestão, pois no último plenário realizado no Maria Vitória, por falta de tempo não se chegou a nenhuma solução. Está marcado para hoje, portanto, outro plenário.

QUÍMICOS DO NORTE

NEGOCIAÇÕES EM PONTO MORTO

PORTO, 2 — Dado que entraram num impasse as negociações dos C.C.T. dos operários dos ramos de indústrias químicas e plásticos, delegados sindicais e elementos das comissões directivas do Sindicato **Operário das Indústrias** Químicas do Norte reuniram-se com os órgãos da Informação, para fazer o ponto da situação actual. Após terem sido prestados vários esclarecimentos, foi-nos pedida a divulgação do texto de uma proposta aprovada por unanimidade no plenário da Comissão Sindical Operária, realizado no passado dia 27 de Abril, do seguinte teor:

. «Considerando que as negociações continuam sem nos conseguir dar as mais importantes reivindicações do nosso contrato; considerando que a nossa experiência demonstra que a luta, e só a luta, permite aos operários resolver os seus problemas, o plenário das Comissões Operárias do Norte decide: contactar os órgãos responsáveis do M.F.A. no Norte do País para lhes explicar a situação dos operários químicos e das negociações; solicitar ao M.F.A. que tome as medidas convenientes que evitar que as manobras dos patrões continuem; informar o M.F.A. que, caso no próximo plenário a situação se mantenha, entraremos em greve geral e total até que as reivindicações sejam satisfeitas».

Entretanto foi já marcada a data para o novo plenário: é no próximo domingo (19.30), no Sindicato dos Ferroviários.

1.ª EXPOSIÇÃO-FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA

HOTEL RITZ

NUMISMÁTICA

MEDALHÍSTICA

FILATELIA

FILUMINISMO

1, 2, 3 e 4 de Maio

das 10 às 24 horas

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES — TELEF. 86 42 74

Nova estrutura das regiões militares

No prosseguimento da reorganização das estruturas do Exército Português, foram extintas várias unidades e em substituição criadas outras, cuja nova designação já entrou em vigor.

Assim, foi extinta a Região Militar de Tomar, e criada a do Centro, com sede em Coimbra,a qual englobará também a antiga Região Militar de Coimbra; continua a Regiao Militar de Lisboa, e são instituidas as do Norte (com sede no Porto) e a do Sul (com sede em Évora).

Relativamente às unidades verificaram-se, entre outras, as seguintes alterações: Regimento de Artilharia Ligeira 1 (RAL1) — Regimento de Artilharia de Lisboa (RALIS); Regimento de Lanceiros 2 (Lisboa) — Regimento de Polícia Militar (RPM); Regimento de Infantaria 5 (Caldas da Rainha), — Centro de Instrução do Quadro de Complemento (CIQC).

De salientar o regresso de uma unidade de Infantaria a Coimbra, o RI (Leiria), que receberá o nome de Regimento de Infantaria de Coimbra e a criação em Beja, de uma unidade de Artilharia — o RAB, antigo RAL 2 (Coimbra).

um filme de

Salvatore Samperi

com

Laura Antonelli

NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 18 ANOS

"malicia"... tornou-se agora em...

PECADO VENIAL

«PECCATO VENIALE»

com ALESSANDRO MOMO · ORAZIO ORLANDO · LILLA BRIGNONE

TINO CARRARO · LINO TOFFOLO · prod. de SILVIO CLEMENTELLI

para CLESI CINEMATOGRAFICA hist. de SALVATORE SAMPERI OTTAVIO JEMMA arg. de OTTAVIO JEMMA

ALESSANDRO PARENZO — TECHNICOLOR

HOJE, ESTREIA ÀS 21.15

TIVOLI

SINDICATO DOS PROFESSORES

ZONA DA GRANDE LISBOA

REAJUSTAMENTO DE LETRA

Como vem sendo hábito após cada diligência efectuada pelos Executivos Nacionais do Sindicato dos Professores em defesa da proposta de reajustamento salarial, informa-se a classe do seguinte:

— A proposta de reajustamento de letra foi submetida à apreciação do Conselho da Revolução e, segundo foi firmemente garantido aos Executivos, será muito brevemente discutida em Conselho de Ministros conjuntamente com a proposta do MEC;

— Com vista a informar o Governo das razões e da justeza, sempre defendida, da proposta da classe, e com a intenção de apressar a tomada de uma posição justa por parte do Conselho de Ministros, avistaram-se os Executivos com os Ministros-sem-pasta drs. Mário Soares, Francisco Pereira de Moura e Álvaro Cunhal, encontrar-se-ão sexta-feira, dia 2 de Maio, com o dr. Magalhães Mota e terão brevemente uma entrevista com o Primeiro Ministro, brigadeiro Vasco Gonçalves.

— O novo Ministro da Educação e Cultura também foi amplamente alertado para a importância da questão através de uma reunião que os Executivos Nacionais tiveram no MEC.

— Dirigido a todos estes membros do Governo foi elaborado pelos Executivos um texto (que os professores já conhecem) em que se dá conta das razões que levam o professorado a defender o reajustamento de letras nos moldes em que o faz.

— Nas entrevistas já realizadas foram acentuados três pontos:

a) A urgência de que o Conselho de Ministros tome uma decisão;

b) A necessidade de ser aprovada a proposta da classe;

c) A importância da questão da retroactividade;

A classe será informada logo que novos dados surjam em relação a este assunto.

A CDP apela para que os professores mantenham a sua unidade e o seu apoio aos Executivos agora que este processo se aproxima do seu termo.

Lisboa, 30 de Abril de 1975

P'la Comissão Directiva Provisória

Rita Magrinho

Sindicato dos Transportes Rodoviários do Distrito de Lisboa

Avenida Visconde Valmor, 34-1.º — Lisboa-1

Telefone 770274

CONVOCATÓRIA

Convocam-se todos os trabalhadores ao serviço dos Transportes Rodoviários Filiados neste Sindicato para uma Assembleia Geral a levar a efeito no no próximo dia 9-5-75, sexta-feira, pelas 21,30 horas, no Pavilhão dos Desportos de Lisboa, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

1 — Aprovação dos Novos Estatutos do Sindicato

2 — Apreciação, discussão e aprovação do Projecto do Contrato de Trabalho Vertical dos Transportes Rodoviários.

Lisboa, 30 de Abril de 1975

O PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA GERAL

José Nunes Mosteias

EMPRESA PÚBLICA DAS ÁGUAS DE LISBOA

EMPRÉSTIMO POR OBRIGAÇÕES 6 % — EMISSÃO 1969/70

(1.ª e 2.ª FASES)

PAGAMENTO DE JUROS

Nos termos das condições de emissão deste empréstimo, avisam-se os Senhores Obrigacionistas de que, a partir do próximo dia 15 de Maio, se encontram a pagamento os juros relativos aos cupões a seguir indicados:

1.ª fase — Cupão n.º 11
2.ª fase — Cupão n.º 10
Juro ilíquido por obrigação ..... 30$00
Encargos a deduzir por obrigação ..... 2$84

SORTEIOS DE OBRIGAÇÕES

Conforme foi oportunamente anunciado, procedeu-se nesta data ao sorteio de 2233 obrigações da 1.ª Fase, as quais serão reembolsadas também a partir do próximo dia 15 de Maio e cujos números abaixo se indicam.

Os títulos representantivos de mais de uma obrigação são identificados, para simplificação, pelo primeiro dos números que lhes correspondem.

1.º SORTEIO DA 1.ª FASE
(último cupão pagável n.º 11)

TÍTULOS DE 1 OBRIGAÇÃO

6	33	73	93	143	191	197
220	256	275	506	695	697	759
765	812	838	896	899	905	915
923	935	941	954	998	1098	1109
1119	1129	1145	1191	1201	1260	1264
1265	1276	1292	1297	1306	1343	1407
1494	1505	1521	1539	1541	1549	1553
1576	1598	1600	1606	1612	1618	1629
1705	1706	1721	1739	1764	1768	1771
1779	1799	1800	1802	1809	1816	1819
1893	1909	1910	1925	1944	1983	2014
2022	2073	2075	2111	2143	2158	2162
2165	2178	2185	2200	2213	2222	2226
2402	2450	2469	2505	2517	2536	2599
2644	2740	2783	2812	2827	2870	2872
2877	2903	2920	2936	2966	3010	3015
3018	3031	3053	3064	3086	3088	3203
3267	3282	3293	3363	3379	3405	3414
3415	3418	3429	3430	3446	3480	3504
3533	3542	3554	3560	3617	3619	3625
3643	3660	3688	3734	* 3770	3788	3817
3819	3852	3872	3927	3957	3959	3992
4005	4020	4036	4055	4059	4113	4148
4348	4355	4360	4398	4408	4429	4543
4551	4563	4565	4568			
* 3743						

TÍTULOS DE 5 OBRIGAÇÕES

4621	4666	4866	4931	4961	5006	5101
5106	5166	5511	5521	5591	5806	5966
6056	6096	6201	6501	6566	6571	6591
6611	6626	7591	8026	10696	11121	11281
11516	11886	12541	12611	12676	12701	12846
12946	13056	13101	13346	13836	13891	15216
15416	15436	15496	15891	15906	15991	16071
16171	16341	16366	16601	16616	16621	16626
16671	16691	16716	16781	16836	16946	16961
17016	17111	17186	17221	17246	17296	17331
17476	17496	17511	17531	17616	17661	17731
17766	17791	17871	17881	17921	17941	17946
17996	18016	18021	18081	18091	18211	18271
18286	18301	18446	18546	18631	18636	18676
18696	18711	18726	18741	18746	19026	19176
19221	19246	19271	19411	19451	19461	19546
19806	20001	20021	20091			

TÍTULOS DE 10 OBRIGAÇÕES

20 371	20 421	20 451	20 501	20 711	20 841
20 911	21 031	21 151	21 331	21 621	21 771
21 781	22 011	22 061	23 041	23 081	23 261
24 211	24 951	25 201	25 421	25 921	26 351
26 931	27 061	27 181	27 501	27 571	27 581
27 641	27 821	27 851	27 931	28 031	28 041
28 091	28 101	28 161	28 201	28 211	28 261
28 321	28 361	28 581	28 681	28 711	28 811
28 881	29 031	29 221	29 581	29 591	29 661
29 751	31 181	31 341	32 361	32 421	32 531
32 651	33 381	33 401	34 101	34 351	35 171
36 631	37 091	37 691	38 591	38 791	39 371
40 421	41 391	41 461	41 651	41 661	41 791
42 071	42 391	42 721	42 931	43 171	43 411
43 491	43 521	43 551	43 601	43 661	43 681
44 391	45 161	45 611	45 821	46 321	46 441
46 601	46 631	46 911	48 711	48 811	48 901
49 011	49 101	49 231	49 611	49 731	50 051
51 151	51 321	51 431	51 451	51 471	51 741
51 981	52 731	53 221	53 481	53 761	53 801
53 831	53 891	53 991	54 051	54 141	54 151
54 361	54 401				

TÍTULOS DE 20 OBRIGAÇÕES

55 121	55 441	55 761	56 101	57 061	57 241
57 761	58 741	59 061	59 261		

O reembolso das obrigações sorteadas e o pagamento dos juros serão efectuados nos seguintes estabelecimentos de crédito:

Caixa Geral de Depósitos
Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa
Banco Fonsecas & Burnay
Banco Nacional Ultramarino
Banco Pinto & Sotto Mayor
Banco Português do Atlântico
Banco Totta & Açores
Pancada, Moraes & C.ª

Lisboa, 17 de Abril de 1975

A COMISSÃO DE FISCALIZAÇÃO
O Presidente
(Eng.º H. Oliveira Sá)

Nacional

ESCLARECIMENTO DA COMPANHIA DAS ÁGUAS DE LISBOA

A propósito da notícia que publicámos sobre a ocupação de instalações da Companhia das Águas de Lisboa na Rua Joaquim António de Aguiar, enviou-nos o conselho de administração daquela empresa o seguinte esclarecimento:

«1 - Embora sem procuração da família dita maioritária, cumpre esclarecer que a mesma é titular de 6 por cento do capital accionista, posição que ainda menor significado assume se nos lembrarmos que o Estado possui cerca de 35 por cento do total das acções. Além de que o art.º 19.º dos Estatutos não permite que accionista algum, salvo o Estado, disponha em assembleia geral de mais de 40 votos no conjunto de 5000.

«2 - Diz-se depois que «a cumplicidade do Governo fascista» permitiu à concessionária obter um contrato que lhe proporcionou, a título de dividendos, elevadas percentagens do capital social.

«Ora, o contrato feito «com a cumplicidade do Governo fascista», resultou do Decreto n.º 21 870 de 28/XI/32, da responsabilidade do ministro Duarte Pacheco, em cujo preâmbulo se lê que «ou a Companhia das Águas de Lisboa aceita as bases propostas pelo Governo e continua concessionária ou não as aceita e o Estado usa do direito de resgate». Que obscuras vantagens nos traria aquele contrato que não fomos admitidos a negociar e nos punha entre a espada e a parede? Vamos vê-lo:

. «a) Nos termos da cláusula XXIV, terminada a concessão, a Companhia devia entregar gratuitamente ao Estado todos os seus bens móveis ou imóveis, incluída a sede. Não recebendo pois a C. A. L. qualquer indemnização pelos bens que revertem para o Estado e em que aplicara o dinheiro dos accionistas, indispensável era que se permitisse reintegrar, por aplicação de parte do rendimento, o capital investido, de modo a restituí-lo, finda a concessão, aos titulares das acções.

«Doutro modo haveria um locupletamento do Estado à custa das economias dos particulares — o que, além de imoral, impediria que qualquer pessoa concorresse com a sua poupança para empreendimentos de interesse nacional.

«Assim se pratica em todos os países do mundo onde existem serviços públicos concedidos e daí a criação, nos termos do contrato, do Fundo de Reconstituição do Capital.

«b) Pretende fazer-se crer, porém, que os dividendos atribuídos em 40 anos — porque 6,5 vezes superiores ao capital inicial — seriam de molde a dispensar a reconstituição do capital accionista. A afirmação é, no mínimo, fantasiosa.

«Na verdade, embora o capital seja nominalmente de 50 000 contos, atentos às datas em que foi realizado — 10 por cento entre 1868 e 1900, 40 por cento em 1936, 10 por cento em 1942 (tendo os restantes 20 000 resultado da valorização dos 5000 iniciais) — e considerando a desvalorização do escudo, o seu valor actual é muito superior.

«Ora, utilizando para o efeito os coeficientes adoptados pelo próprio Estado na Portaria 370/74 de 20 de Junho — aliás muito mais desfavoráveis do que o índice de preços previsto no contrato de concessão — obtém-se um capital actualizado de 670 000 contos. De modo que, se em 1970, por exemplo, se distribuíram 8989 contos de dividendos, logo se vê que o rendimento atribuído aos accionistas ultrapassa em muito pouco 1 por cento do capital investido; uma análise mais longa mostraria que a remuneração do capital girou sempre entre os 1,5 e os 2,5 por cento. E passemos adiante.

«3 - Das «condições de trabalho esclavagistas e desprezo absoluto para a maioria dos trabalhadores», falam as remunerações praticadas (muito superiores às dos servidores do Estado), as regalias sociais e assistenciais aos trabalhadores, como refeitórios, cantina, assistência na doença, colónia de férias para os filhos dos trabalhadores, complemento de reforma, utilização gratuita pela Casa do Pessoal de instalações do Fundo de Reconstituição. O «total desprezo pelo povo» revela-se na luta insistente travada junto do Governo, para que fossem autorizadas as obras e alterações propostas pela C.A.L., e que são todas aquelas que a E. P. A. L. está agora a executar por ter conseguido a sua aprovação pós-25 de Abril. Mas das recusas com que sempre deparámos não somos certamente os responsáveis.

«4 - A afirmação de que os accionistas dispõem de duas fontes de rendimento — o dividendo anual e o Fundo de Reconstituição do Capital — não faz o mínimo sentido.

«Confundem-se aqui duas coisas distintas: a remuneração do capital (dividendo) e a sua reintegração imposta pela perda do património social a favor do Estado.

«5 - Acusam-nos depois de, apesar do défice de 17 475 278$90, terem sido pagos em 1970 quase 9000 contos de dividendos e terem revertido para o Fundo de Reconstituição 15 282 052$25.

«Esclarece-se que esse défice é do Fundo de Obras — exclusivamente administrado pelo Governo através do Ministério das Obras Públicas — e que ele resultou da diminuição dos saldos anuais destinados a esse Fundo, causada desde 1962 pelo aumento de vencimentos e demais despesas. Em 1967 e 1968, foram emitidos empréstimos para realizar as obras mais necessárias, assim se constituindo um encargo de juros de cerca de 15 000 contos anuais que se reflecte no défice apontado.

«Assim não teria sucedido se o Governo tivesse autorizado — como fez em Agosto de 1971 — o aumento do preço da água, insistentemente clamado pela Companhia e do qual esta — note-se — não retirava sequer 1 tostão.

«Portanto os défices verificados respeitavam apenas ao Fundo de Obras, por cujos prejuízos a Companhia procurou velar, embora não fosse financeiramente afectada por eles, já que, nos termos do próprio contrato, os resultados anuais do Fundo de Obras e da sociedade concessionária eram apurados separadamente.

«6 - Um lapso (involuntário?) pode fazer crer que «os rendimentos do Fundo de Reconstituição neste momento **atingem** 275 000 contos». Na verdade o Fundo de Reconstituição **atinge** aproximadamente os 275 000 contos, mas os rendimentos, nem de muito longe, atingem essa quantia.

«7 - Atribui-se depois aos accionistas o intuito de «continuar a efectuar provocações» sendo a última (dir-se-ia ter havido mais) a marcação da Assembleia Geral da C. A. L. para o edifício de «A Capital», «comprado com dinheiro subtraído à empresa».

«Ora, nos nossos escritórios actuais não cabem mais de 10 pessoas juntas; e sendo o local aprazado um prédio pertencente ao Fundo de Reconstituição (e de que «A Capital» é um dos inquilinos) onde existem instalações disponíveis, porque não utilizá-las, em vez de arrendar uma sala a terceiros?

. «8 - Não chegava tudo isto e ainda surge, por fim, um elemento da C. C. dos Trabalhadores da E. P. A. L., a insinuar malévola, despropositada e infundadamente não se sabe que espécie de participação, conveniência ou, quando menos, prévio conhecimento dos acontecimentos de 11 de Março, tudo porque se marcou antes dessa data para o dia 19 uma assembleia geral ordinária que a C. A. L. sabia não poder realizar-se.

«a) Toda a sociedade comercial deve realizar até 31 de Março a assembleia geral ordinária convocando-a com a antecedência de, pelo menos, 15 dias. Assim o fez a Companhia das Águas de Lisboa.

«b) As assembleias gerais ordinárias têm uma ordem de trabalhos que não pode ser infringida, salvo apertado condicionalismo.

«c) É verdade que o conselho de administração temia — não sabia — não poder realizá-la. Mas tão-só porque a E. P. A. L. ainda não lhe forneceu os elementos respeitantes à exploração dos meses Junho-Outubro de 1974, sem os quais não podemos fechar as nossas contas. Para vincar perante accionistas e repartições fiscais que o não cumprimento da lei (e as sanções que daí podem resultar) não eram da sua responsabilidade o conselho, avisado por peritos, resolveu que a convocatória se fizesse.

«d) A concessão de acordo com o prazo fixado há mais de 100 anos terminava em 30 de Outubro de 1974.

«e) Os accionistas — e a própria D. G. da Fazenda Pública na pessoa dos seus funcionários — foram avisados por circular feita antes de 11 de Março de que a assembleia geral não poderia realizar-se.»

Animação sócio-cultural

Na Direcção-Geral de Turismo foi criado um grupo de trabalho de «animação sociocultural», cuja actividade visa conseguir os seguintes objectivos: pesquisa e análise das necessidades dos diversos sectores do parque turístico, em termos, em socioculturais (levantamento das potencialidades e necessidades regionais por verificação «in loco» e por intervenção directa junto dos órgãos locais de turismo); avaliação dos resultados obtidos e definição de um programa de necessidades e prioridades em termos económico-sociais; reabilitação dos fenómenos culturais e artísticos dissociados ou perdidos por oferta de infra-estruturas que, promovendo o tipo de turismo que se ajuste ao núcleo em causa, favoreça, paralelamente, uma promoção da economia da região, e apresentação de um diagrama «Perto do programa de actividade em termos exclusivos de animação sociocultural.

Últimas

A delegação vietnamita, acompanhada por elementos da Intersindical, quando era recebida pelo brigadeiro Vasco Gonçalves

Reconhecimento do novo Governo de Saigão

. O Primeiro-Ministro, brigadeiro Vasco Gonçalves, recebeu esta manhã na sua residência oficial uma delegação da F.N.L. do Vietname do Sul, constituída por Le-Ky-Van e Bui-Diey-Tan. Os visitantes trocaram impressões com o Primeiro-Ministro português a quem ofereceram uma colecção de fotografias com vários aspectos da entrada das forças de libertação em várias cidades do Vietname do Sul, e trouxeram uma mensagem de solidariedade à luta do povo português.

A entrevista dos delegados vietnamitas com o brigadeiro Vasco Gonçalves caracterizou-se por uma grande cordialidade e tudo indica que dentro em breve o Governo Português reconheça o Governo Provisório da República do Vietname do Sul, como legal representante do povo vietnamita.

Falando à nossa reportagem no final do encontro com o Primeiro-Ministro, Le-Ky-Van declarou:

. «Creio que a libertação de Saigão é a libertação completa do nosso país. Depois de 30 anos de luta contra uma guerra de agressão americana muito cruel a população do Vietname do Sul ultrapassou tantas dificuldades e fez grandes sacrifícios, mas esta luta é vitoriosa com a libertação de Saigão, último reduto do imperialismo americano. A energia e o heroísmo da população de Saigão é digno do nome que tem agora esta cidade — Ho Chi Minh.»

. Mais adiante afirmou que a luta vitoriosa é o resultado dos esforços próprios da população civil vietnamita e também de uma contribuição importante dos amigos de todo o mundo na ajuda dada constantemente.

«É por isso que consideramos que esta é uma vitória de dimensão histórica, e não só do povo vietnamita e da população do Vietname do Sul mas também uma vitória comum de todos os povos.»

LOTARIA DE HOJE

NÚMEROS PREMIADOS

40 071 — 8 000 000$00
46 530 — 4 000 000$00
16 523 — 600 000$00

APROXIMAÇÕES ao 1.º PRÉMIO

40 070 — 58 280$00
40 072 — 58 280$00

PRÉMIOS DE 50 CONTOS

2.926; 3.588; 6.541; 11.534; 12.842; 14.458; 14.814; 16.116; 17.147; 19.041; 19.511; 20.559; 22.139; 22.342; 24.565; 32.321; 34.309; 36.272; 36.979; 41.445; 45.712; 45.865; 46.243; 46.837; 48.243; 49.023; 49.275; 50.231; 56.603; 57.256; 57.869; 60.401; 61.084; 62.747; 65.353; 65.637; 68.644; 74.577; 75.490; 77.761; 78.821.

16 501 a 16 600; 40 001 a 40 100 e 46 501 a 46 600

PRÉMIOS DE 2000$00 (CENTENAS)

Todos os números cujos três algarismos finais sejam 861 são contemplados com 1.760$00 em cada bilhete, e os terminados em 028, 105, 277, 328, 508, 533, 565, 750, 759, 785 ou 914 são contemplados com 1.200$00. Por sua vez, os números cujos dois algarismos finais sejam 19, 25, 75 ou 83 são contemplados com 1.000$00 Os restantes números cujo último algarismo — terminação — seja 1 têm direito a 560$00, de prémio, também em cada bilhete.

Esta informação não dispensa a consulta da lista oficial.

Os 4.000 contos do 2.º Prémio foram distribuidos aos balcões da Casa da Sorte.

CONSELHO DE MINISTROS

. Em S.Bento, sob a presidência do Primeiro-Ministro Vasco Gonçalves, reuniu-se esta tarde a partir das 15 horas, o Conselho de Ministros restrito para os Assuntos Económicos.

TAKY

Depila até a raiz

A navalha corta à superfície

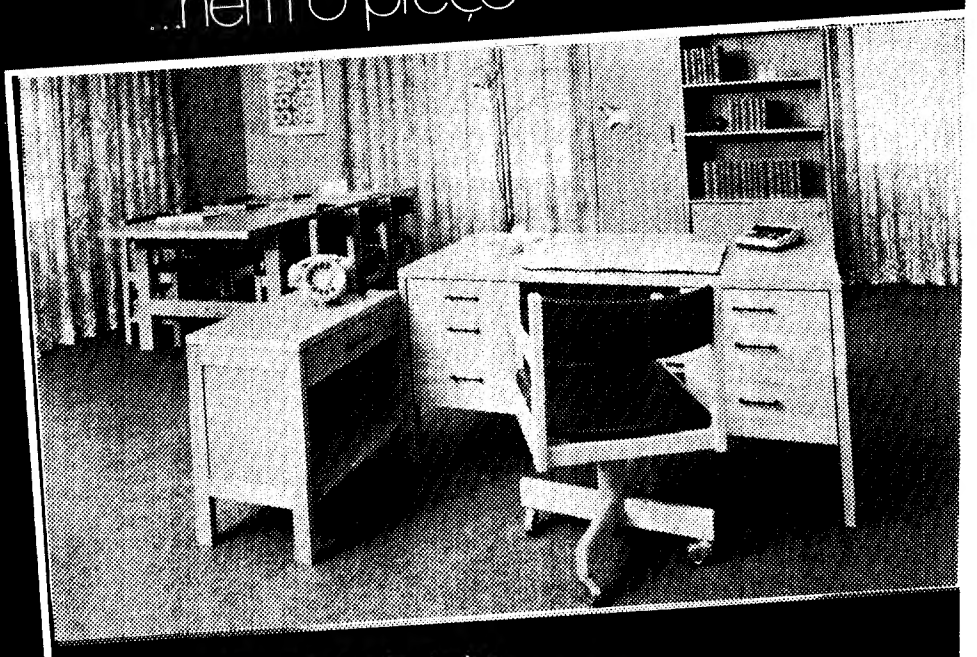
o TAKY aveluda a pele
a navalha irrita a pele

CURSOS

● MECANOGRAFIA
PERFURAÇÃO/VERIFICAÇÃO
Sistemas: IBM e UNIVAC
Início dos cursos: 8 Maio
Informações e matrículas no:
EXTERNATO CONTINENTAL
Tel. 364272
R. do Arsenal, 100 - 1.º

OLAIO

um estilo revolucionário
que não esquece o conforto
...nem o preço

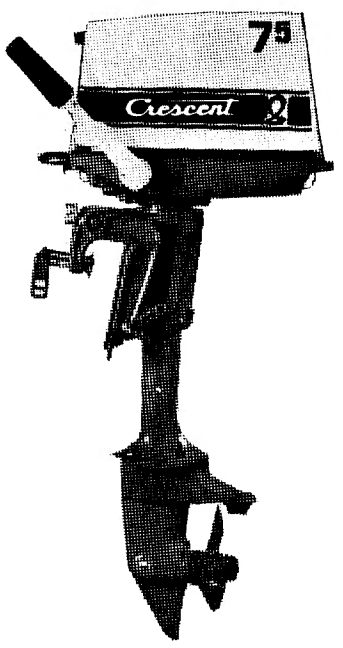


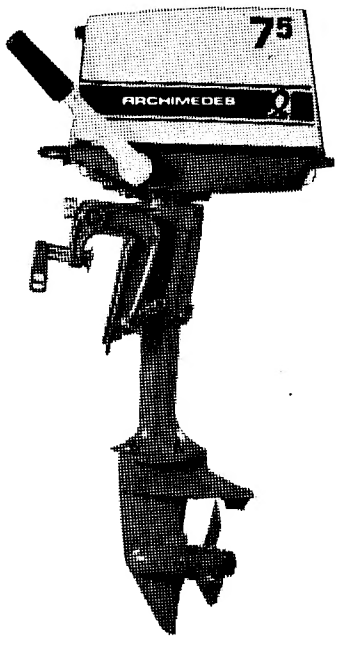
Na intimidade do lar.
No conforto e funcionalidade
do equipamento de empresa.
OLAIO criou um estilo
em mobiliário para o nosso tempo.
OLAIO — confortavelmente económico!

LISBOA — Rua da Atalaia, 36/46. Praça de Alvalade, 18/B. Rua Pascoal de Melo, 83. P
PORTO — Rua 31 de Janeiro, 225/9. COIMBRA — Rua Rosa Falcão, 11/3. FUNCHAL — Rua 31 de Janeiro, 73/4.

PENTA

Crescent = ARCHIMEDES





A mesma alta qualidade e economia dos motores fora-da-borda fabricados por **Volvo Penta** e distribuídos em Portugal por

ENTREPOSTO

LISBOA • ALMADA • CASCAIS • FARO • LEIRIA • PORTIMÃO
Rótor, S.A.R.L. (PORTO, BRAGA e VIANA DO CASTELO)
Tecnisado, S.A.R.L. (SETUBAL)
Concessionários em todo o País

L.J.AGRIFA

Nacional

DL

Continuação da pág. 1

Um povo assim, que durante quase meio século foi colonizado, colonizando, só à custa de sacrifícios e só com sucessivas correcçoes inspiradas no exercício da democracia e do trabalho pode adquirir maturidade ideológica. Está-a conseguindo em extensão e em profundidade — mas se isso não deve conduzir ao triunfalismo ou à sensibilização partidária que divide e aliena, também não pode deixar de valer como índice das diversas vontades de um País em determinado instante da sua evolução.

«Tudo mudou já», disse ontem Costa Gomes, no Estádio 1.º de Maio. Tudo mudará ainda mais amanhã: a nossa maneira de viver, a nossa responsabilidade em intervir, a expressão política de todos e cada um de nós. Entre este e o próximo 1.º de Maio a marcha para o socialismo prosseguirá com novas experiências e novas correcções ideologicas, até, ao nível individual. A grande lição está aí, no sentido dinâmico da nossa realidade, pessoal e colectiva, e na coesão dos trabalhadores para lhe darem forma e futuro.

É que neste Dia do Trabalho, em cada movimento, em cada partido autenticamente democrático, há propostas de um futuro comum a todos eles. Em todos há trabalhadores empenhados num esforço geral que não ignoram — antes as sentem quotidianamente — as ameaças que pesam sobre a nossa independência e a nossa unidade essencial. E que garantindo-a no trabalho e na vigilância, lado a lado com o M. F. A., garantem a própria pluralidade da sua politização e do nosso devir.

Situação normal em Tomar

A normalidade regressou à Casa da Reclusão de Tomar, omtem, às 19 horas, com o abandono das posições no telhado que oito presos ocupavam naquele edifício, desde segunda-feira passada, como acção reivindicativa para a sua libertação.

Com efeito, subindo para o telhado daquele estabelecimento prisional, com o auxílio de uma mangueira, os presos militares que, inicialmente eram 11, desdobraram ali dois lençóis em que escreveram as palavras de ordem «Liberdade ou Morte» e «Queremos ser Libertados»

. A Casa de Reclusão de Tomar é um estabelecimento prisional onde se encontram 33 militares presos, na sua grande maioria detidos por crime de deserção.

«DIÁRIO DE LISBOA» VENDE-SE NO PORTO

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos,Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Rotunda da Boavista, Carvalhido, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras.

MÚSICA SACRA DA PÁSCOA

Será realizado no Domingo, 4 de Maio de 1975 pelas 21.30 horas, na SÉ CATEDRAL, um Concerto Espiritual organizado pela IGREJA EVANGÉLICA ALEMÃ DE LISBOA, com o seguinte programa:

François COUPERIN: Offertoire sur les grands jeux, para órgão, e Leçon des Ténèbres pour le mercredi, para soprano e órgão
Michael QUEROL: moteto «sero te amavi»
Heinrich SCHÜTZ: História da Ressurreição de Jesus Cristo
Johann PACHELBEL: Cantata da Páscoa

Colaboram Lurdes COUTINHO, soprano, Helena CLÁUDIO alto, Fernando SERAFIM, tenor, Álvaro MALTA, baixo, Luiz Manuel CARDOSO, órgão, e CORO BACH e um conjunto instrumental, sob a direcção do Prof. PIERRE SALZMANN. Entrada livre.

Sérgio Cabeleireiro Proclama

A Revolução fez-se, mas ganha-se todos os dias no trabalho e com o trabalho. Baixa de preços nos novos postos de trabalho.

Mise — 30$00 Corte — 20$00
Secção Técnica — 10% menos

SÉRGIO está a cortar por 35$00 com direito a maquiagem

Margarida Cabeleireira Reclama

Taxas mais altas para a cosmética em benefício dos produtos base da sua profissão e dos trabalhadores que produzem a cosmética e de quem a aplica, com base num seguro profissional. Margarida baixou os seus preços 33% de 75$00 para 50$00, mise e Corte.

SEM GRATIFICAÇÃO — Aceitamos Senhoras das 9 às 19.30 horas.

AVENIDA DA REPÚBLICA, 5 (Metro Saldanha)

CAPITAL COLECTIVIZADO NUMA EMPRESA LISBOETA

«Acrescer sempre e equitativamente os benefícios a quem trabalha» — da declaração de princípios aprovada em Plenário

. «Repare que, no nosso caso, não há uma empresa lida, ou em perigo de falência, que se entrega ou é ocupada pelos trabalhadores. A nossa empresa apresentou o ano passado 20 mil contos de lucro». Esta observação foi vincada ao repórter por um dos elementos do Conselho de Empresa da firma Rodrigues e Rodrigues S.A.R.L., um conselho constituído por 20 elementos eleitos, representantes dos vários sectores de actividade: dos escritórios, às oficinas, às vendas. Conversámos com seis daqueles elementos. Segundo nos garantiram, desencadeou-se e continua em processo, na empresa, uma experiência socialista original, que já despertou a atenção de trabalhadores de outras empresas em situações paralelas.

Rodrigues e Rodrigues — empresa de confecções, sobretudo conhecida como fornecedora de fardas ao Estado e às grandes companhias — dispõe de vastas instalações, ali junto ao Cais do Sodré, e emprega cerca de 320 pessoas. Neste momento, e depois de tudo um processo reivindicativo desencadeado logo após o 25 de Abril, dispõe de um capital de cerca de 50 mil contos que é património da própria empresa e não de pessoas singulares ou colectivas, «senão simbólica e transitoriamente». Na passagem do capital para o património da empresa reside, precisamente, o factor mais importante da «via socialista» escolhida.

UM POUCO DE HISTÓRIA

A firma nasceu há 56 anos, como sociedade em nome colectivo. Três irmãos vieram da província para Lisboa, montaram e desenvolveram o seu negócio, criaram uma sociedade capitalista de tipo familiar, como muitas das que ainda subsistem no velho comércio lisboeta. Em 1964, transforma-se em sociedade anónima. O «velho» Augusto Rodrigues procede a uma distribuição simbólica de acções por alguns dos empregados mais antigos da casa e, passado algum tempo é aumentado o capital social de 30 mil para 50 mil contos.

Estas modificações resultaram em meros benefícios para o capital, continuando inalterável o sistema de exploração do trabalho operário. Desaparecido em 1969 o «velho» Augusto, a viúva chama à administração quatro empregados que desde algum tempo, auxiliavam o patrão. A empresa aumenta então substancialmente os seus lucros, mas os trabalhadores de nada beneficiam.

Com o 25 de Abril, a consciência da exploração a que estavam sujeitos levou, porém, os mesmos trabalhadores a iniciar de imediato o seu processo reivindicativo. Eleitos os delegados sindicais, estes entraram em contacto com os quatro empregados encarregados de gerir a empresa, e obtiveram da parte deles a garantia de que estavam e estariam, em qualquer circunstância, do lado dos trabalhadores.

Entretanto, a viúva manifesta a sua intenção de, por morte, distribuir proporcionalmente as acções de que era titular (no valor de cerca de 42 mil contos) por todos os empregados. Respondem-lhe os representantes destes, após consulta em plenário, que arredavam toda a hipótese de transformar em pequenos capitalistas os 320 trabalhadores e propõem, por seu lado, que o capital seja integrado na empresa, para benefício comunitário. A proposta é aceite e os pequenos accionistas (detentores de cerca de oito mil contos) juntam-se ao processo. Conseguido este objectivo, foi nomeado um Conselho de Empresa provisório que passou a encarregar-se da gestão e elaborou uma declaração de princípios e um projecto de reestruturação dos órgãos de poder e decisão que foram aprovados pelos trabalhadores no passado dia 18. Realizar-se-ão em breve eleições para a Assembleia de Empresa, Comissão Eleitoral, Conselho Eleitoral, Conselho de Gestão e Conselho Fiscal.

SEM CHOQUES...

Os membros do Conselho de Empresa que nos forneceram os elementos de reportagem vangloriam-se do facto de não ter sido necessário proceder a greves, ocupações ou saneamentos. Sem choques com o capital, terão conseguido — segundo afirmam — preparar a empresa com vista à sua integração na economia socialista para que se caminha em Portugal. Segundo a declaração de princípios, aprovada pelos trabalhadores de Rodrigues e Rodrigues, o móbil da empresa é agora «o correcto cumprimento da sua função social em condições de perfeita viabilidade e desenvolvimento, num quadro económico -financeiro sólido. O lucro deixa de ser o móbil da empresa para ser apenas um instrumento da sua gestão».

Percorremos vários departamentos da secção de oficinas de Rodrigues e Rodrigues. Uma primeira verificação: os novos responsáveis pelo destino da Empresa terão de começar a pensar em melhorar as condições de trabalho... Entretanto, o breve inquérito a que procedemos indica a existência de confiança e até de entusiasmo pelo processo em curso. Mas houve também quem pusesse reticências, como quem diz: «a ver vamos».

SEMANA DE AGRICULTURA

ALENQUER — Tem estado a decorrer em Atalaia, localidade deste concelho, uma semana de agricultura organizada pela comissão de festas e melhoramentos local e que termina no próximo dia 4. Esta semana visa o esclarecimento e reconversão das mentalidades do rural português, a fim de o preparar psíquica e culturalmente no sentido de compreender e cooperar na futura reforma agrária, actualmente em esboço.

Do programa fazem parte projecções de filmes agrícolas, exposição fotográfica e documental, banca de livros, sessões de esclarecimento e debate, mesas-redondas e teatro.

CONVOCATÓRIA

A TODOS OS TRABALHADORES DO SECTOR DE VINHOS

Convocam-se todos os trabalhadores deste sector para uma assembleia geral no Instituto Superior Técnico — Salão Nobre — no próximo dia 5 de Maio, às 21 horas. A assembleia tem a seguinte ORDEM DE TRABALHOS:

1. SITUAÇÃO DO CONTRATO COLECTIVO DE TRABALHO DOS VINHOS
2. MEDIDAS A TOMAR

NÃO FALTES! AS DELIBERAÇÕES DA ASSEMBLEIA DEVEM SER ASSUMIDAS COLECTIVAMENTE. A TUA PARTICIPAÇÃO É FUNDAMENTAL!

OS SINDICATOS:

TRABALHADORES DO COMÉRCIO, TELEFONISTAS, COBRADORES, CONTÍNUOS E PORTEIROS

AS FEDERAÇÕES DOS SINDICATOS DOS CAIXEIROS E ESCRITÓRIOS

PISCINA DO TAMARIZ

REABRIU AO PÚBLICO

Em funcionamento das 10 às 18 horas

TRATAMENTO DE ÁGUA SOB A DIRECÇÃO TÉCNICA DO ENG.º QUÍMICO **B. DE MESQUITA**

INFORMAÇÕES PELO TEL. 261665

Nacional

MARXISTAS-LENINISTAS NO 1.º DE MAIO

Soldados e marinheiros manifestaram-se "pela reconstrução do Partido Comunista"

«A Intersindical acusa-nos de divisionistas», afirmou um militante da Organização para a Reconstrução do Partido Comunista Marxista-Leninista (O.R.P.C.-M.L.), organismo resultante da unificação do C.A.R.P.-M.L., dos C.C.R.M.L., e da U.R.M.L., que tinham apoiado conjuntamente a União Democrática Popular. «Pois bem», continuou o mesmo trabalhador, «somos divisionistas, enquanto queremos dividir exploradores para um lado e explorados para o outro».

A declaração fechava assim a manifestação e comício promovidos ontem unitariamente pela U.D.P., F.E.C.-M.L., e P.U.P., que mobilizou uma multidão calculada em cerca de 80 mil pessoas (superior à manifestação anti-reformista de 7 de Fevereiro), à qual se associou a A.E.P.P.A. (Associação dos Ex-Presos Políticos Antifascistas).

Nota desde já a sublinhar: à cabeça da manifestação que partiu do Terreiro do Paço, onde desde as dez horas da manhã decorria uma festa popular, seguiam algumas dezenas de soldados e marinheiros que, de punho erguido, defendiam as palavras de ordem unitárias da manifestação: «Operários-camponeses unidos venceremos»; «Contra o desemprego — 40 horas semanais»; «Abaixo a exploração — salários de fome não»; «Fora a N.A.T.O. e a C.I.A. — independência nacional»; «Casas sim — barracas não»; «Viva a classe operária, abaixo o capital»; «Morte aos fascistas — justiça popular».

UNIDADE DOS MARXISTAS-LENINISTAS

A manifestação que partiu do Terreiro do Paço pouco depois das três e meia da tarde constitui a maior e mais ampla afirmação de unidade de acção das organizações marxistas-leninistas. Acentue-se que predominou em toda a manifestação e mesmo durante o comício o esforço de unificação de todas as organizações «m-l», e a necessidade urgente de reconstrir o verdadeiro Partido Comunista, expressos claramente pelas intervenções dos militantes da O.C.M.L.P. (Grito do Povo/F.E.C.-M.L.), do P.U.P. (que recentemente, em congresso, se dissolveu como partido, passando a Comité Marxista-Leninista Português), e pela U.D.P., que congrega as organizações acima referidas (U.R.M.L., C.A.R.P.-M.L. e C.C.R.M.L). Segundo informações que recolhemos junto de alguns elementos destacados da O.C.M.L.P., foi-nos declarado que se mantinham conversações tendentes à unificação de todas as organizações maoístas portuguesas. Desta unificação seria excluído o M.R.P.P. e o P.C.P.-M.L. (mais conhecido por tendência V.I.L.A.R.-A.O.C. — do jornal «Voz do Trabalhador), tal como sobressaiu das intervenções (três apenas) registadas durante o comício realizado ao fim da tarde, na Alameda D.Afonso Henriques. «Esta manifestação abriu com três bandeiras de outras tantas organizações. Estamos lado a lado mas não há ainda unidade», afirmou um militante da U.D.P. Entretanto o representante da O.C.M.L.P. (ligada à F.E.C.-M.L.) felicitou a U.R.M.L., os C.A.R.P.-M.L., e os C.C.R.M.L. pela sua unificação da O.R.C.P. (M.L.), e declarou que a sua organização prosseguia também a luta pela unidade dos marxistas-leninistas e pela reconstrução do Partido Comunista, que desde 1956 o revisionismo tinha usurpado à classe operária, esquecendo revolucionários como Militão Ribeiro e José Gregório. No mesmo sentido considerou que essa unidade não podia ser construída apressadamente ou sem respeitar princípios. Na mesma esteira, um dirigente do Comité Marxista-Leninista Português (ex-P.U.P.) apontou a urgência da unidade dos «m-l» e a reconstrução do verdadeiro Partido Comunista capaz de guiar a classe operária rumo à revolução democrática e popular.

FESTA NO TERREIRO DO PAÇO

Tudo começou às dez horas da manhã do Terreiro do Paço. Militantes dos organismos políticos que convocaram a manifestação cantaram, fizeram teatro e expuseram as suas opções políticas. Na base da estátua equestre de D.José descobriam-se cerca de cinquenta bandeiras vermelhas com a foice e o martelo, além da estrela de cinco pontas. Ao fundo do palco, um grande painel com as fotos de Marx, Engels, Lenine, Staline e Mao Tse-Tung. Ao lado quatro «posters» bem portugueses: os de Catarina Eufémia, de Militão Ribeiro, de Alfredo Dinis (Alex), e de José Gregório.

Pela manhã, no Terreiro do Paço, milhares de pessoas percorreram as exposições organizadas debaixo das arcadas da praça, particularmente as que se referiam à Revolução Chinesa e a diversos aspectos da vida social da República Popular da China, e ao problema chileno. Zé Diogo, camponês antifascista agora na prisão, foi também motivo de uma exposição da A.E.P.P.A.

Quando a manifestação partiu para a Alameda, ao cimo da Almirante Reis, os seus componentes tinham acabado de ser novamente sobrevoados por um helicópetro da Força Aérea e de cantar a Internacional.

A cabeça da manifestação, ao chegar à Rua da Palma, tinha ainda o seu final no Terreiro do Paço. Durou uma hora a sua passagem no Martin Moniz. Ambos os factos levaram as pessoas a calcular em oitenta mil o número de manifestantes.

Ao subirem a Avenida Almirante Reis, os manifestantes foram saudados pelos habitantes daquela artéria que desdobraram colchas vermelhas nas varandas das casas.

O comício realizado na Alameda D.Afonso Hnriques registou só três intervenções em representação das organizações referidas (P. U. P./O. C. M. L. P./O. R. P. C.-M. L.). Todas foram unânimes nas críticas severas ao Partido Comunista Português, que consideraram traidor da classe operária, do mesmo modo que apontaram que mais do que festa o 1.º de Maio é um dia de luta: contra o aumento do custo de vida e contra os despedimentos. Um dia de luta que abrirá também caminho para a construção do socialismo não «à portuguesa» mas «à proletária».

ZÉ DIOGO, UM TRABALHADOR A LIBERTAR

José Diogo não comemorou o 1.º de Maio em Liberdade. Embora trabalhador explorado, não ode estar ao lado dos (seis, oito milhões?) de Portugueses que festejaram nas ruas o Dia Mundial do Trabalhador.Encerrado numa prisão de Beja, o seu dia de ontem feito de humilhação e injustiça, foi a repetição dos dias que se sucedem há mais de meio ano, desde a hora em que decidiu puxar da única arma que possuia para luatr contra o fascismo que não morreu em 25 de Abril.

Foi em Setembro. Como milhares de trabalhadores agrícolas (as estatísticas indicavam 4 mil homens e 10 mil mulheres), José Diogo não tinha trabalho nas terras do Alentejo. O patrão — um dos grandes latifundiários alentejanos, fiel servidor do regime fascista e amigo intimo dos seus mais directos servidores — acabava de o despedir.

José Diogo não percebeu porquê. Olhou à sua volta e pareceu-lhe que nas terras do Alentejo fazia o trabalho das suas mãos a conduzir um tractor, abrindo sulcos onde as sementes germinariam para dar de comer a um povo. Com uma interrogação na boca, dirigiu-se ao patrão. A resposta foi seca: «Não quero canalhas em minha casa». E logo as mãos sapudas na sua garganta, dizendo-lhe que ele, não tinha o direito de perguntar.

José Diogo recordou-se subitamente que meses atrás, numa manhã de Abril lhe disseram: «Derrubámos o fascismo». Enquanto as mãos do patrão o sacudiam, recordou-se também da alegria que naquele momento sentira: coroava-se a sua luta silenciosa contra o fascismo, no dia a dia, ao longo de tantos anos.

Afinal, uma semente do fascismo estava ali na sua frente, esperando as lágrimas resignadas dos trabalhadores para poder multiplicar-se. José Diogo não se resignou. Três golpes de navalha marcaram a sua recusa. «Agora já não faz mal a ninguém, foi saneado da face da terra».

Horas depois, Zé Diogo foi preso por lutar contra o fascismo. Vai ser julgado por homicídio no próximo dia 12. Por tribunais fascistas, invocando leis fascistas. Os mesmos tribunais e as mesmas leis que permitem que se libertem os assassinos da P. I. D. E. e da Legião, os fiéis servidores do antigo regime e os capitalistas acusados de sabotagem económica: que permitem que o fascismo continua em liberdade.

A Associação de Ex-Presos Políticos Antifascistas (A. E. P. P. A.) tentará demonstrar a injustiça e a hipocrisia desta prisão e deste julgamento, contra os quais milhares de trabalhadores, companheiros oprimidos de José Diogo, se manifestaram no 1.º de Maio, e se vão manifestar no dia 12.

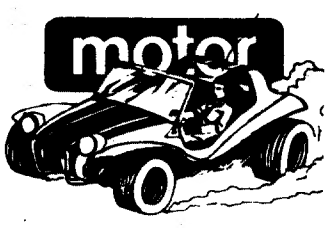
Dia Mundial da Saúde

. Integrada nas manifestações comemorativas do Dia Mundial de Saúde, o dr. Melo Vieira profere no dia 5, às 17 horas, na aula magna do Instituto de Higiene e Medicina Tropical, uma conferência subordinada ao tema «Varíola — etapa final da erradicação».

Jardim-Museu Agrícola do Ultramar

. A partir de 4 de Maio, passa a vigorar no Jardim e Museu Agrícola do Ultramar, o horário de verão, que é das 9 às 19 e das 11 às 17 horas, respectivamente, excepto aos feriados.

A entrada no Jardim, nos dias de semana, está condicionada à apresentação de um cartão de livre trânsito, que deverá ser solicitado à direcção do Jardim Agrícola do Ultramar.



Aos preços oficiais. Com a vantagem da nossa experiência. E da mais completa selecção de viagens. Faça férias em todo o mundo. Claras aconselha-o.

claras
Av. Fontes Pereira de Melo, 33
Tels. 563451 - 560015 / Lisboa 1

De uma passagem aérea? Da reserva de um hotel? De organizar viagens colectivas de avião? A nossa experiência e a qualidade internacional dos nossos serviços são a certeza de uma viagem agradável. Consulte-nos.

claras
Av. Fontes Pereira de Melo, 33
Tels. 563451 - 560015 / Lisboa 1

Na FIGUEIRA DA FOZ o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na PAPELARIA PESSOA

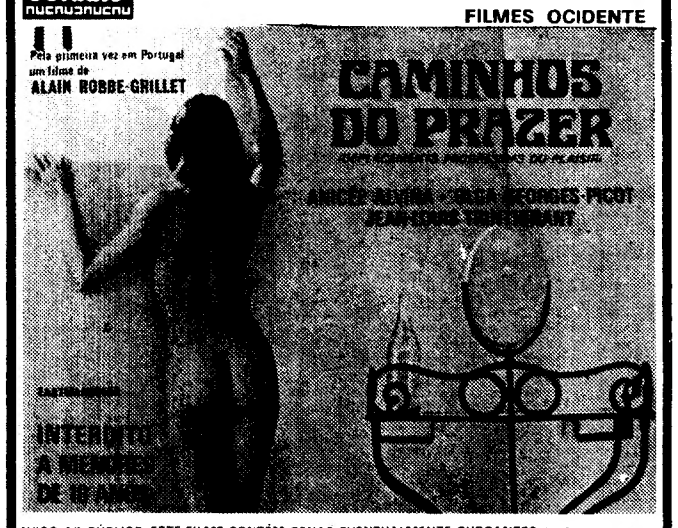
sempre fixe
SEMANÁRIO POPULAR

INFORMAÇÃO COMPLETA

NÃO DEIXE DE LER AMANHÃ

MANTENHA-SE ACTUALIZADO !

estúdio
ESTREIA HOJE, às 21.15 h.
FILMES OCIDENTE



AVISO AO PÚBLICO-ESTE FILME CONTÉM CENAS EVENTUALMENTE CHOCANTES-Dir. Serv. Espectáculos

Nacional

O DISCURSO DE COSTA GOMES

Continuação da pág. 1

que queria, mas nem os puristas podem negar que o povo votou vigorosamente contra o que não queria. O Portugal de hoje não aceita extremismos sejam eles à direita sejam ultra-esquerdistas».

Afirmou ainda que «as eleições e a aliança Povo-M. F. A. confirmou a política de descolonização e sancionou o rumo para o Portugal novo».

O general Costa Gomes continuou: «Recorremos à genética quando em lei define que nas espécies vivas existem percentagens menores de indivíduos que se afastam dos caracteres dominantes e constituem franjas limites nas curvas de distribuição. Também nas sociedades humanas haveremos de reconhecer as acções políticas limites nos dois extremos da distribuição, correntes de opinião pública menos viáveis, mas que haveremos de respeitar enquanto reciprocamente saibam respeitar a sociedade a que pertence».

O general Costa Gomes acentuou «a necessidade de mentalizar todos os jovens» que «tempos houve em que foi prioritária a sua luta política e que se justificou o abandono dos livros, das aulas, dos estudos». E acrescentou: Tudo mudou já, assim, agora, há que estudar, uns, os mais aptos, e os outros entregarem-se na batalha da produção».

Para Costa Gomes, o «essencial da batalha da economia» é a «transformação dos princípios e rotinas capitalistas no rumo de uma distribuição justa da riqueza produzida para benefício das classes sem privilégio». Aí, «salientam-se algumas consequências: turbulência instável nas relações empregador e empregado, vazios angustiantes na legislação e princípios que recebem autoridades democráticas de um sistema de produção, inevitáveis alucinações de alguns homens receosos dos seus direitos, tanto trabalhadores como capitalistas. Desse novo fenómeno resultou carência de meios e confiança para investir enquanto vivemos perigosamente as sinas dos nossos rendimentos numa economia estagnada».

Assim, «a vitória da batalha económica vai exigir-nos mais sacrifícios, mais esforços, mais produtividade, mais disciplina e mais autoridade democrática no trabalho».

Concluindo, o general Costa Gomes saudou «a grande festa do trabalho e das Forças Armadas»

INCIDENTES POLÍTICO

Continuação da pág. 1

sença do M. E. S. e da F. S. P. nas comemorações, como convidados, e opondo-se ainda a que representantes destes partidos falassem durante o comício, como estava programado. O P. S. convocou mesmo uma conferência de Imprensa para as 10 horas de anteontem, mas quando os jornalistas chegaram à sede do partido, foi-lhes comunicado pelo dr. Marcelo Curto que não haveria conferência de Imprensa porque «a situação estava ultrapassada». Pensa-se que esta conferência de Imprensa estaria relacionada com as comemorações do 1.º de Maio, nomeadamente com a posição a tomar em face da presença do M. E. S. e da F. S. P. no comício.

Anteontem, sabia-se que, ao contrário do P. P. D., cuja posição era defendida pelo P. S., tanto o M. E. S. como a F. S. P. estariam presentes no Estádio 1.º de Maio, embora não proferindo qualquer discurso.

O problema estava, aparentemente, resolvido, mas, nos meios políticos pensava-se que incidentes poderiam ficar a assinalar este comício, o que veio, na verdade, a acontecer.

M.E.S.: CONTRA O P.S. O P.C.P. O M.D.P./C.D.E. E A INTERSINDICAL

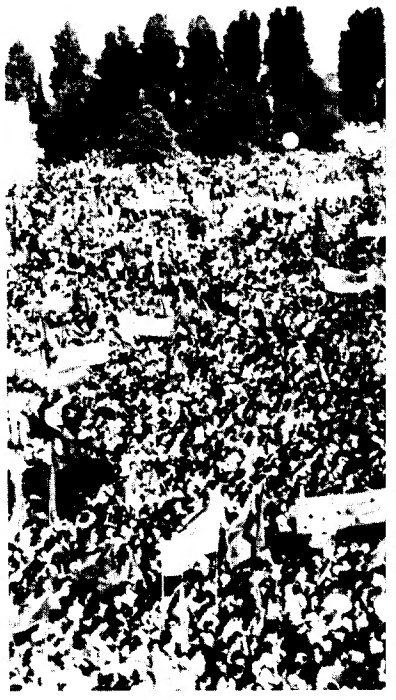
Quando milhares de pessoas se encontravam já na Alameda D. Afonso Henriques, antes do desfile para o Estádio 1.º de Maio, o M. E. S. distribuiu um comunicado em que acentua: «Lutar no 1.º de Maio é, pelo menos, não fazer manobras divisionistas, não fazer demagogia partidária, não subordinar a unidade revolucionária dos trabalhadores a falsos entendimentos entre as suas organizações e as organizações da burguesia.»

Parece evidente que o M. E. S. pretendia atingir alguns partidos políticos. Seja como for, o M. E. S. decidiu não participar sequer nas comemorações para que fora convidado. Porquê? O comunicado responde: «Porque o P. S. não só se opôs à participação do M. E. S. e da F. S. P. nas realizações a efectuar em Lisboa como também se opôs a que estas duas organizações se dirigissem oralmente aos trabalhadores portugueses. Porque o P. C. P., o M. D. P. e a própria Intersindical cederam perante a chantagem do P. S., transformando assim uma jornada unitária de luta dos trabalhadores numa manifestação de massas ao serviço de interesses partidários um conflito das instâncias do poder político.»

O Presidente da República, general Costa Gomes, chegou às 17 horas em ponto. Acompanhavam-no o Primeiro-Ministro, brigadeiro Vasco Gonçalves, além de vários elementos do Conselho da Revolução, entre os quais o almirante Pinheiro de Azevedo e generais Carlos Fabião e Mendes Dias, chefes dos Estados-Maiores da Armada, Exército e Força Aérea, respectivamente.

Logo a seguir, chegaram os dirigentes dos partidos políticos convidados entre os quais Álvaro Cunhal (P. C. P.), Pereira de Moura e José Tengarrinha (M. D. P./C. D. E.) e Manuel Serra (F. S. P.).

Com a desistência do M. E. S., faltavam, portanto, os dirigentes do P. S. que não apareceram nunca na tribuna do comício, o que causou certamente estranheza a muitas das pessoas que enchiam completamente o Estádio 1.º de Maio.



O P.S. ACUSA A INTERSINDICAL

O Secretariado do Partido Socialista Português divulgou, cerca da meia-noite, o seguinte comunicado sobre os incidentes nas manifestações do 1.º de Maio:

«O 1.º de Maio, dia universal dos Trabalhadores, há que entender-se como o dia da concórdia e da unidade dos trabalhadores independentemente das suas ideologias e posições políticas. Acresce que a grande festa do 1.º de Maio do ano passado, consagrou a vitória do 25 de Abril e, por isso, muito justamente este ano a festa dos trabalhadores foi dedicada à unidade Povo-M.F.A.

O P.S. aceitou que não falassem representantes dos partidos políticos no comício do 1.º de Maio.

Nas negociações com a Intersindical o P.S. aceitou ainda sem levantar problemas, o lugar que por combinação lhe foi atribuído no cortejo, na ponta final — motivo porque os seus militantes e simpatizantes só puderam chegar ao estádio quando o comício já havia começado e as tribunas estavam quase integralmente ocupadas por elementos do P.C.P. De resto aqueles que em pequenos grupos quiseram entrar foi-lhes barrada a passagem.

Os dirigentes do P.S., seguiram como estava combinado, integrados no cortejo. Quando chegaram ao estádio um elemento da Intersindical e dois elementos do M.F.A. convidaram os camaradas Mário Soares, Salgado Zenha e Marcelo Curto a dirigirem-se à tribuna. Sucedeu, porém, que ao pretenderem passar a porta da tribuna esta lhes foi fechada na cara e elementos da Intersindical não lhes permitiram a entrada. Elementos da Polícia Militar quiseram depois que os referidos dirigentes voltassem à tribuna, dispondo-se eles, indignados a forçar a entrada. Para evitar incidentes, os nossos camaradas recusaram-se e afastaram-se, aconselhando calma aos militantes do P.S.

O Partido Socialista não confunde o sectarismo dos elementos da Intersindical que tomaram tal atitude, com a Intersindical na sua totalidade. Mas não pode deixar de salientar que se a Intersindical se identifica com partidos minoritários — visto que só citou publicamente a presença de tais partidos — e ignorou a presença dos representantes do maior partido dos trabalhadores portugueses, coloca-se provadamente numa situação que de nenhum modo a poderá impor face ao país real.»

Mais tarde, cerca das 2 horas, o Secretariado do P.S. emitiu um segundo comunicado sobre os incidentes:

«As comemorações do 1.º de Maio em Lisboa foram assinaladas por alguns incidentes graves. Sobre esses incidentes foi já divulgado um comunicado do Secretariado Nacional do P.S. Há, no entanto, que acrescentar que, para além das manobras destinadas a boicotar a participação do P.S. no comício realizado no estádio 1.º de Maio e dos incidentes relatados no primeiro comunicado, se verificaram tentativas de agressão a militantes do Partido Socialista, nomeadamente ao secretário-geral, ministro sem pasta do Governo Provisório, camarada Mário Soares.

Estes factos inserem-se numa campanha que por todos os meios tem procurado minimizar o significado da grande vitória obtida pelo Partido Socialista nas primeiras eleições livres realizadas em Portugal nos últimos 48 anos. Partidos e agrupamentos políticos que se pretendem do povo, mas aos quais o povo recusou a sua confiança, passaram a agir nas costas do povo contra a vontade expressa do povo. Utilizam assim, métodos que lembram singularmente os que foram utilizados por aqueles que, em nome de uma «Revolução Nacional», destruiram as instituições democráticas e fizeram o 28 de Maio de 1926.

A campanha contra o Partido Socialista é uma campanha contra o maior partido dos trabalhadores e contra o povo que clara e inequivocamente exprimiu a sua vontade votando no Partido Socialista.

A questão é simples: ou se quer fazer a revolução com o povo ou se quer tomar o poder contra o povo. O M.F.A. tem sido bem claro no seu desejo de restituir a voz ao povo e de fazer a revolução com o povo. A realização das eleições constitui, aliás, uma grande vitória moral e política do M.F.A. contra todos os inimigos do processo democrático português.

Quem pretender pôr em causa a vontade expressa do povo está a pôr em causa o Programa do M.F.A., por muito que agite a bandeira do M.F.A.

O Partido Socialista é de dois milhões e duzentos mil portugueses..

Só o Partido Socialista pode assegurar ao M.F.A. o apoio popular indispensável à defesa e ao prosseguimento da revolução democrática e à construção do socialismo.

A Intersindical insultou os trabalhadores que consideram o P.S. o seu Partido de classe. Ao ofender o P.S. a Intersindical ofendeu a maioria da classe operária e do Povo de Portugal.

O Partido Socialista está com o M.F.A. para a liberdade, para a democracia, para o socialismo. Mas não pode permitir, sob pena de trair a confiança que o povo lhe manifestou, que forças minoritárias procurem substituir-se ao povo português e ao M.F.A. Fomos um povo insultado durante 48 anos por uma minoria que era violência institucionalizada. Não aceitamos a manipulação das massas através das minorias activistas. Na atitude que assumiu, a Intersindical tirou a máscara, insultou e expulsou da «unidade» milhões de trabalhadores portugueses.

O mais triste de tudo o que se passou no estádio 1.º de Maio é que um organismo que se pretende unitário e apenas se apoia em partidos minoritários tenha dado o exemplo da incitação ao ódio, à divisão, ao partidarismo cego. O que se pretende afinal, é violar a Nação e desprezar o Povo. A raiva incontida que provocou nos meios pequenos burgueses do pseudo-revolucionarismo português o resultado das eleições livres, que o M.F.A. prometeu e garantiu, explodiu nas tristíssimas cenas no estádio 1.º de Maio.

É tempo de dizer basta.

Serenamente, mas com uma firmeza inquebrantável, o Partido Socialista saberá defender as conquistas democráticas e revolucionárias do povo português.

Com a razão, com a verdade, mas também com a mobilização de massas, o Partido Socialista não permitirá que se instaure neste País uma nova ditadura, ainda que em nome da revolução. Tomar o poder contra o Povo é sempre fazer a contra-revolução. Porque a revolução não é o poder de minorias; é o poder democrático dos trabalhadores.»

Também a Comissão Executiva da Federação de Lisboa do P.S. divulgou um comunicado sobre a actuação atribuída à Intersindical:

«O sectarismo de alguns dirigentes da Intersindical, levou a que se verificassem lamentáveis ocorrências, nas celebrações deste 1.º de Maio — DIA MUNDIAL DOS TRABALHADORES.

Ficou provado perante todo o povo de Lisboa, e, até perante os observadores mais atentos da Televisão, que esses «senhores» estão às ordens de um partido que nem sequer é o mais representativo das classes trabalhadoras. Que garantias pode dar aos Trabalhadores, esta manobrada organização que se permite, através de um dos seus dirigentes, barrar a entrada na Tribuna do estádio 1.º de Maio, ao secretário-geral do maior partido português?

Será bom, que de uma vez para sempre certos dirigentes da Intersindical, definam claramente qual o tipo de unidade que defendem para os Trabalhadores. Será que defendem uma unidade imposta coercivamente, com totall desrespeito pelas mais elementares liberdades individuais? Ou será que receiam a verdadeira liberdade dos trabalhadores?

Cremos que estes dirigentes não estando a servir os verdadeiros interesses dos trabalhadores, com a sua actuação monolítica; mais não fazem do que dividi-los. Nós, Partido Socialista, garante das LIBERDADES DEMOCRÁTICAS, desde há muito vimos denunciando este tipo de manobras oportunistas, que em nosso entender só podem vir a servir os interesses da reacção.

Apelamos para que todos os trabalhadores se mantenham coesos e vigilantes exercendo apertado controlo sobre alguns dos actuais dirigentes sindicais, que parecem estar a ser manifestamente usados por um partido que não se conseguindo impor por métodos democráticos, o procura fazer por todas as formas de perturbação e manipulação de massas.»

Ouvido esta manhã pelo nosso jornal, o secretário-geral do P.S. Mário Soares, reafirmou-nos a versão dos incidentes contidos nos comunicados do seu partido, negando que tivesse fornecido a jornalistas qualquer outro relato ou interpretação.

O dr. Mário Soares negou, ainda, indignado.

FESTA NO BAIXO ALENTEJO

"NESTE PA

Em todo o Baixo Alentejo, nas aldeias e vilas comemorou-se o 1.º de Maio. Os trabalhadores viveram a sua festa, Com as merendas nos sacos partiram para o campo. Grândola, Baleisão, Cuba... ficaram desertas. Entretanto, em Beja, houve uma manifestação seguida de comício, no estádio de futebol, com a presença do Almirante Rosa Coutinho e do ministro da Agricultura.

Grândola, Vila Morena. Às 12 horas já o povo (aquele que mais ordena) começava a convergir para o Céu das Rosas, um lugar aprasível, junto de um ribeiro. Debaixo das azinheiras assentados, estendiam os farneis. Por toda a parte agitavam-se bandeiras do Partido Comunista Português. Os festejos iniciaram-se de manhã com uma romagem ao cemitério e desfile pelas ruas da vila.

O Partido Socialista não se associou às comemorações do 1.º de Maio, em Grândola.

Um elemento da Comissão organizadora do convívio disse: «Isto foi organizado pelo Partido Comunista, Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas e

Nacional

OS NO ESTÁDIO

ATITUDE ESTRANHA DOS DIRIGENTES DO P.S.

Segundo informação de um oficial do M. F. A., os dirigentes do Partido Socialista não se integraram na manifestação unitária que arrancou da Alameda D. Afonso Henriques para o Estádio 1.º de Maio. À hora de partir, estava apenas na Alameda, o eng.º Tito de Morais que teria pedido para se esperar um pouco pelos restantes dirigentes do Partido Socialista, entre os quais o secretário-geral, dr. Mário Soares. Como estes não tivessem aparecido um quarto de hora depois, o desfile foi iniciado.

Deve referir-se, entretanto, que o dr. Mário Soares passou no Campo Grande, em direcção à Avenida dos Estados Unidos da América às 14 e 15: viajava num automóvel conduzido por outro dirigente socialista, o dr. Francisco Marcelo Curto.

Soube-se, mais tarde, que os dirigentes do P. S. se dirigiram para o Estádio, integrados na manifestação, mas num lugar diferente daquele que lhes havia sido destinado. Além disso, quando chegaram ao Estadio não se dirigiram para a tribuna, mas ficaram no meio da multidão, relativamente perto da tribuna (a uns 50 metros), junto de um grande cartaz onde se lia «Núcleo Socialista do «Diário Popular». Juntamente com Mário Soares, estavam Salgado Zenha, Marcelo Curto, Manuel Alegre, pelo menos. Tanto quanto se podia ver, os referidos dirigentes socialistas estavam rodeados por inúmeros militantes, um dos quais munido de um megafone.

Neste sector do estádio, foram concentradas muitas das atenções dos presentes, sobretudo dos jornalistas que estavam nas bancadas. Efectivamente, foi ali que começou o movimento de interrupção do primeiro discurso, proferido pelo dirigente da Intersindical, Antero Martins. A partir daí, um outro grupo que estava em frente, na bancada lateral, e aparentemente constituído, em boa parte, por militantes da F. S. P., começou a engrossar, estabelecendo-se entre os dois grupos uma troca frequente de palavras de ordem («Socialismo, sim; Ditadura, não»; «Socialismo em Liberdade»; «Socialismo, sim, Vigarices, não»; etc.) que prejudicaram sistematicamente as intervenções.

Da zona onde se encontrava o primeiro grupo (no estádio) vieram mesmo interrupções e assobios aos discursos de Vasco Gonçalves e Costa Gomes.

MÁRIO SOARES NÃO ENTROU

Minutos antes do discurso do general Costa Gomes (concretamente, às 19 horas) chegaram à porta que dá para a tribuna o dr. Mário Soares, o dr. Salgado Zenha, o dr. Marcelo Curto e várias pessoas que o repórter não conseguiu identificar. Dirigiram-se todos para a porta, pensando-se que aqueles dirigentes socialistas iriam finalmente para a tribuna onde se encontrava o Presidente da República e o Primeiro-Ministro, quando o comício estava quase no fim.

Logo a seguir, voltaram para trás, dirigindo-se de novo para o estádio. O já referido oficial do M. F. A. explicou a jornalistas que se aproximaram que o dr. Mário Soares e os restantes dirigentes do P. S. disseram que entrariam para a tribuna se entrassem também todas as pessoas que os acompanhavam. A segurança militar, no entanto, recusou-se a deixar entrar elementos não identificados e que pessoas colocadas próximo do local nos disseram ser da segurança pessoal daqueles dirigentes socialistas.

Um destes últimos, abordados por um jornalista que lhe perguntou qual o motivo por que não vieram logo no início, respondeu que «não tinham conseguido entrar». Quando, pouco depois, abandonaram a tribuna, nenhum deles fez qualquer declaração.

No final do comício, uma boa parte dos participantes não tinham conhecimento dos incidentes. Os que, pela sua colocação no estádio, puderam acompanhar tudo isto de perto, comentavam em diversos tons as interrupções causadas dos discursos, nomeadamente do general Costa Gomes e do brigadeiro Vasco Gonçalves. No entanto, podia concluir-se das conversas que em tudo isto há jogos partidários que nunca deveriam ser jogados na festa do Trabalho.

AFONSO PRAÇA

CONSELHOS REVOLUCIONÁRIOS E P.R.P.

PELA UNIDADE DE TRABALHADORES E SOLDADOS

A unidade dos trabalhadores, soldados e marinheiros para a tomada do poder e a instauração da ditadura do proletariado foi saudada por mais de três mil pessoas que participaram na manifestação dos Conselhos Revolucionários, a que aderiu, desde a primeira hora, o Partido Revolucionário do Proleteriado, «que durante o tempo do fascismo comemorava o 1.º de Maio com acções armadas».

Ainda não eram 3 horas da tarde quando adeptos da linha dos Conselhos Revolucionários que o comandante do Copcon, brigadeiro Otelo Saraiva de Carvalho, apoiou na sua última conferência de Imprensa começaram a concentrar-se no Parque Eduardo VII. À mesma hora, num ponto distante da cidade, começaram igualmente a concentrar-se alguns dos manifestantes que se dirigiram depois ao Estádio 1.º de Maio. Mas os Conselhos revolucionários afirmaram e o P. R. P. explicou: «O 1.º de Maio é uma jornada de luta dos trabalhadores, é o Dia Mundial dos Trabalhadores. Por isso o P. R. P. Brigadas Revolucionárias não alinha na manifestação com o P. P. D., partido dos patrões».

O texto em que aparece esta afirmação, e que foi amplamente espalhado durante o longo percurso da manifestação, acrescenta; «Pensamos também que o 1.º de Maio não pode ser transformado numa festa, mais ou menso folclórica, e pouco política. Ainda não estamos em sociedade socialista, onde o 1.º de Maio é uma festa nacional. Em Portugal, onde hoje mais do que nunca a burguessia e o proletariado se confrontam, o 1.º de Maio deve ser uma jornada de combate e de endurecimento do proletariado».

Esta «jornada de combate» durou três horas, com início no Parque Eduardo VII, «escala» na Praça de Londres (Ministério do Trabalho) e terminou em frente do Palácio de S. Bento. Caracterizou-a não só a distância geográfica em relação às manifestações da Intersindical e dos agrupamentos maoístas, que se sucederam durante a tarde, mas o próprio avanço de palavras de ordem originais, numa demonstração de como o P. R. P. e os Conselhos de Revolucionários pretendem oferecer uma alternativa às restantes posições em jogo. A posição expressa na manifestação baseia-se numa estreia aliança entre «trabalhadores à civil e trabalhadores fardados».

Um grande cartaz empunhado simultaneamente por jovens trabalhadores e por soldados fardados, contendo os dizeres «Pela Unidade dos Trabalhadores, Soldados e Marinheiros nos Conselhos Revolucionários» indicava esta aliança. Era este cartaz que abria a manifestação. Quem assitiu à sua passagem, desde o Marquês de Pombal, via Avenida Fontes Pereira de Melo e Saldanha, até à Praça de Londres, com o regresso ao ponto de origem e seguimento para S. Bento, atraves da Rua Braancamp e Rua de S. Bento pode assitir a um desfilar de cartazes que expressavam as posições e preocupações das organizações promotoras, para a construção do socialismo. «Abaixo a social-democracia», «Contra o parlamento burguês, ditadura do proletariado», «O proletariado não aceita alianças com a burguesia», «Imperialismo, fora!» e «Viva o Internacionalismo proletário» eram alguns dos «slogans» mais repetidos, nos cartazes e nas vozes dos manifestantes.

A síntese da manifestação foi dada por um dos intervenientes no breve comício que se realizou em S. Bento, (em frente ao Palácio guardado por militares), ostentando a sua farda da tropa sem galões.

Cansados de 3 horas de cortejo, mas sem que a fadiga atenuasse as suas convicções, os manifestantes que cobriam as escadas do palácio governamental secundaram o militar gritando: «Soldados e trabalhadores, um só combate».

AÍS NÃO HÁ LUGAR PARA OS PARASITAS"

Comissões de Trabalhadores das indústrias da terra. Não aderiram à nossa festa nem o P.S. nem o P.P.D. Aliás, esses partidos não se aproximam de nós.

Aqui em Grândola a classe operária e os trabalhadores agricolas desconfiam muito do P.S. e do P. P. P. porque eles são a burguesia.»

Durante o dia actuou a banda de música e alguns oradores falaram sobre o significado do 1.º de Maio. Nem sequer faltou o bailarico e a sardinha assada.

UNIDADE

Beja. Por volta das 15 horas saiu do Largo das Piscinas uma manifestação unitária que percorreu as ruas da cidade. À frente, a abrir o cortejo, ia o almirante Rosa Coutinho acompanhado do eng.º Baptista de Oliveira, ministro da Agricultura e de outras individualidades locais, representantes das Forças Armadas e do Governo Provisório. Não havia bandeiras partidárias. Apenas a bandeira portuguesa sobressaía nas mãos dos manifestantes. No entanto, estavam presentes no desfile vários agrupamentos politicos. Além do Partido Socialista e da Intersindical associaram-se também a U.D.P., M.E.S., P.U.P. e a F.S.P. As palavras de ordem mais gritadas eram «O povo está com o M.F.A.». Os manifestantes dirigiram-se ao estádio de futebol onde dircursaram o governador civil, major Brissos de Carvalho, o ministro da Agricultura e o almirante Rosa Coutinho.

O major Brissos de Carvalho afirmou: «O Dia do Trabalhador nunca foi permitido pelo Governo fascista. Aliás, os trabalhadores não foram eliminados da terra porque os fascistas precisavam deles para os explorar. Era com esses exploradores que o Governo anterior se identificava. O nosso povo reconquistou a sua personalidade e os seus direitos que não esta disposto a perder.» A assistência, uns milhares de pessoas, aplaudiu calorosamente as palavras do ministro da Agricultura, sobretudo quando este membro do Governo Provisório comunicou a concretização para breve da Reforma Agrária aliando-se á luta dos trabalhadores alentejanos que souberam conquistá-la pela sua actuação política. O eng.º Baptista de Oliveira disse ainda que «na actual fase que o País atravessa é necessário aumentar a produção», exigindo portanto a reforma agrária muito trabalho.

FESTA E LUTA

Aljustrel. Numa paisagem agreste que abrangia montes de terra cinzenta e a lagoa em curva a entrar dentro de um espaço plantado de eucaliptos cencentraram-se milhares de pessoas na meranda convocada pelo P.C.P. que não compareceu na manifestação de Beja porque houve um desajustamento de marcação entre aquele partido e a Intersindical. Por isso os militantes e simpatizantes do Partido Comunista estavam em massa na represa da Mina. Quando chegámos a Aljustrel, ao fim da tarde, já se tinha consumido um dia de festa preenchido com discursos, baile e cantares alentejanos. Mineiros e trabalhadores agrícolas confraternizaram juntos. Entre as intervenções dos comunistas salienta se as palavras de Fernanda Patricio, regente escolar e deputada pelo distrito de Beja.

O almirante Rosa Coutinho e a sua comitiva também estiveram presentes na festa do Partido Comunista. Foram saudados pelos trabalhadores com a palavra de ordem «O povo está com o M.F.A.» Os visitantes subiram para cima de uma galeria, rodeados por uma multidão compacta que gritava «P.C.P.»! Rosa Coutinho enquadrado por centenas de bandeiras disse: «Camaradas, nesta festa que também é luta, sente-se realmente bater o coração do povo. Aqui, no coração do Alentejo, transmito as saudações do M.F.A. ao povo alentejano. O M.F.A. está convosco. Em vésperas do 1.º de Maio, o Conselho da Revolução aprovou a lei da unicidade sindical pela qual vocês tanto se bateram. A Intersindical foi reconhecida como entidade juridica e poderá representar, tanto em Portugal como no estrangeiro, os trabalhadores portugueses».

Falando da combatividade dos trabalhadores alentejanos, Rosa Coutinho declarou que «neste País não há lugar para os parasitas». O almirante foi diversas vezes interrompido pelas massas que gritavam: «Socialismo sim, burguesia não», «O povo não quer fascistas no Poder» e «A mina para os mineiros». Um ferroviário confessou-nos: «Comovem-me muito estas palavras «Eu pertenço a uma classe bastante escravizada. Tenho 33 anos de profissão».

O governador civil interveio pedindo uma salva de palmas para o Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas «que não poupou esforços na defesa dos vossos interesses»: Terminou o comício improvisado com as palavras do ministro da Agricultura que se referiu a alguns pormenores da reforma Agrária. Os porta-vozes do Governo depois de beberem «um copo» com os trabalhadores abandonaramo local. A festa continuou até noite cerrada.

Nacional

O P.C.P. RESPONSABILIZA O P.S. PELOS INCIDENTES

Comunicado da Comissão do P.C. P. sobre a jornada do 1.º de Maio e sobre os incidentes ocorridos no Estádio em que se efectuou o comício:

«A jornada do 1.º de Maio de 1975 constituiu em todo o País uma grandiosa demonstração da organização e da força dos trabalhadores e da sua aliança com o M. F. A.

«Os trabalhadores, festejando a sua jornada internacional, vitoriaram o 25 de Abril e as conquistas revolucionárias alcançadas desde então, designadamente as nacionalizações e a reforma agrária, e expressaram a sua determinação em defenderem as liberdades e em participarem activamente na construção de um Portugal democrático, a caminho do socialismo.

«A manifestação no comício de Lisboa teve particular grandiosidade. Centenas de milhares de manifestantes desfilaram pelas ruas e concentraram-se num dos maiores comícios jamais realizados.

«Tem profundo significado para o movimento operário português, para a luta das massas trabalhadoras e para a revolução portuguesa em geral nesta grande jornada, os militares tenham desfilado junto do povo e que, ao lado do representante dos trabalhadores e da Intersindical, tenham tomado a palavra representantes do M. F. A., designadamente o Presidente da República e Primeiro-Ministro do Governo Provisório, cujos discursos constituem importante contribuição para a definição das tarefas políticas do momento.

«Estes factos são um exemplo, que adquire o valor de um símbolo, do novo Portugal democrático a caminho do socialismo.

«As jornadas do 1.º de Maio reforçaram o papel da classe operária e de todos os trabalhadores na vida política nacional. Reforçaram também a aliança Povo/M. F. A., que, na sua dinâmica, torna irreversível o processo revolucionário.

«O P. C. P. lamenta os incidentes provocados no comício de Lisboa pelo Partido Socialista, procurando, embora sem êxito, boicotar os discursos e impedir o desenrolar da grande festa dos trabalhadores.

«Num momento em que se impõe o reforço da unidade de todas as forças que desejam lutar pela democracia e o socialismo, uma tal conduta não serve de forma alguma os interesses e a unidade dos trabalhadores, a cooperação entre as forças democráticas, a aliança Povo/M. F. A. e a jovem democracia portuguesa.

«Apressar das dificuldades e contradições do processo, nada consiguirá destruir a unidade do povo trabalhador e a sua aliança com o M. F. A.».

POSIÇÃO DO P.P.D.

«A INTERSINDICAL, organização de cúpula não eleita democraticamente, antes evitando cuidadosamente eleições livres na organização sindical, de acordo com as suas dependências internacionais e nacionais, de ordem política e financeira, pretendeu uma vez mais manipular o Povo que diz servir.

Seis dias depois do povo português ter mostrado claramente a sua maturidade cívica e a sua opção, a «Intersindical» trai esse voto e essa escolha.

Inventa trabalhadores e partidos, onde não existem mais que grupúsculos sem significado nem expressão, apenas para ocultar, através de uma falsa imagem de movimentação de massas, o resultado livremente expresso pelo voto.

A «Intersindical», mais uma vez ao exclusivo serviço do Partido Comunista Português, quis organizar para este a Festa do Trabalho, como prémio de consolação ou reviravolta do resultado expresso pelo voto.

Pretende-se significar que o povo não está esclarecido. Que o voto nada significou. Que os trabalhadores — que são, no mínimo, 3,2 milhões e nunca os 700.000 votantes no P.C. e nos seus satélites sem relevância — constituem monopólio do P.C. e da sua organização paralela ao nível sindical.

A «Intersindical» não tem legitimidade nem competência, nem representatividade para se contrapor ao voto. Não pode substituir-se ao povo na escolha de partidos, nem identificá-los ou não com os trabalhadores.

A que títulos apenas satélites do P.C. serão «partidos» e se excluem, por exemplo, os grupos de extrema esquerda iniludivelmente ligados às classes trabalhadoras?

A que título a exclusão do P.P.D., o segundo maior partido de trabalhadores, que obteve o voto de um terço da população, ou seja, mais do dobro dos colhidos por outro grande partido, o P.C. e cinco vezes mais do que os outros convidados M.D.P., M.E.S., F.S.P. — todos somados!

Pretende, numa palavra, a Intersindical que o povo português, libertado em 25 de Abril de 1974 e senhor dos seus

Continua na pág. 20

"PELA REVOLUÇÃO DEMOCRÁTICA E POPULAR"

M.R.P.P. NO ROSSIO COM PAINÉIS GIGANTES

Milhares de pessoas assistiram ontem ao 1.º de Maio Vermelho, promovido pelo M.R.P.P. durante todo o dia no Rossio. Dois grandes painéis colocados em cada um dos topos da praça, além de bandeiras e panejamentos vermelhos com palavas de ordem revolucionárias, transmitiam à praça um ambiente de luta. Militantes do M.R.P.P. anunciavam mesmo que o 1.º de Maio era um dia de luta e não de festa.

Este espírito era nítido nas exposições que o movimento organizou pela praça, manifestando a oposição às recentes nacionalizações que, na sua opinião, apontam para um capitalismo de Estado, e não propriamente para a via da revolução popular e democrática. Na mesma exposição eram analisadas as consequências da presente crise do capitalismo: o aumento do custo de vida e do desemprego. Contra este um quadro apontava as 40 horas semanais como uma meta a atingir pela classe operária.

Inúmeras pessoas percorreram também as exposições que o M.R.P.P. dedicou à Comuna de Paris, utilizando panfletos e fotos da época, ilustrados com textos de Engels e Marx, à Revolução Chinesa (Longa Marcha, Salto Em Frente, aspectos da vida social da China), e à Revolução Russa de 1905 e à Revolução Socialista de Outubro. Sobre o Arco Bandeira um enorme painel colorido apresentava um soldado do Exército Popular da China e milícias populares, ladeado pelas palavras «O poder está na ponta da espingarda».

Cerca das 15 horas o M.R.P.P. iniciou uma festa de confraternização com cantos e poemas. Por detrás do respectivo estrado, e pendendo do cimo do Teatro D.Maria, via-se um outro painel com a sigla do Movimento e os retratos de Marx, Engels, Lenine, Staline e Mao Tse-tung, além das palavras «Povos e nações iprimidos de todo o Mundo, uni-vos». Nesta altura foi cortado o trânsito na praça, que desde a manhã era sobrevoada por helicópteros.

As 18 horas organizou-se uma manifestação, a qual se dirigiu para S.Bento.A Rua do Ouro ficou cheia de manifestantes que demoraram 25 minutos a passar, calculando-se em 25 mil o seu número. Palavras de ordem: «Abaixo a ditadura militar»; «1.º de Maio Vermelho»; «Viva a classe operária»; «Nem fascismo nem social-fascismo»; «M.R.P.P., independência nacional»; «Libertação imediata dos antifascistas presos».

Esta última palavra de ordem seria tónica dominante das intervenções registadas durante o comício então realizado diante do Palácio de S.Bento. A mãe de um antifascista preso interveio para defender a libertação do seu filho e de todos os camaradas (julga-se que 200), seguindo-se-lhe um soldado que se dirigiu particularmnete aos camaradas militares instalados no local a montar a segurança ao palácio, incitando-os a «virar oa armas contra a burguesia e não contra o povo».

Por último, Arnaldo Matos, secretário-geral da organização, salientou que em 1973 foi o M.R.P.P. quem organizou o 1.º de Maio Vermelho. Referiu-se às tentativas de golpe reaccionário que se avizinham e apontou a urgência de organização das massas. Denunciou também a tentativa de aniquilar o M.R.P.P. no dia 25 de Abril, facto que se não consumou porque as massas a isso se opuseram, tal como se pronunciaram contra a sua prisão. Nestes termos acabaria por defender a libertação imediata dos antifascistas presos. De referir ainda a crítica severa que Arnaldo Matos teceu contra os «partidos traidores e conciliadores da classe operária» e contra o M.F.A., cuja plataforma foi considerada como «a congregação dos interesses imperialistas e sociais-imperialistas».

Necrologia

D. MARIA HELENA GONÇALVES DE AZEVEDO CORREIA ROMÃO

Faleceu a Sr.ª D. Maria Helena Gonçalves de Azevedo Correia Romão, de 54 anos de idade, natural de Castelo Branco, casada com o sr. Júlio Tavares Correia Romão, mãe da sr.ª D. Maria Cidália de Azevedo e Sousa Marques Pereira e dos srs. Carlos Manuel de Azevedo e Sousa e Jorge Alexandre de Azevedo de Sousa Ferreira, e era filha da sr.ª D. Maria Irene Magalhães Gonçalves de Azevedo.

O funeral realizou-se hoje a cargo da Agência Salgado, da Igreja de S. João Evangelista, para o cemitério do Lumiar.

LUSOMUNDO EMI

A excitante luta das escravas sedentas de amor e liberdade!

com
PAM GRIER
MARGARET MARKOV
um filme de STEVE CARVER TECHNICOLOR
INTERDITO A MENORES DE 18 ANOS
2.ª SEMANA ! ROXY

A PARTIR DE HOJE às 21.15 TAMBÉM no cinema 2000

A obra-prima de
PIER PAOLO PASOLINI
Premiada no Festival de Veneza

"...escandaloso, mas somente no plano ideológico." P.P.P.

THEOREM
TEOREMA
com
SILVANA MANGANO
TERENCE STAMP
LAURA BETTI
EASTMANCOLOR·PANORAMICO
3.ª SEMANA ! CALEIDOSCÓPIO

D. MARIA HELENA GONÇALVES DE AZEVEDO CORREIA ROMÃO

FALECEU

Sua família, participa o seu falecimento e que o funeral realizou-se hoje da Igreja de S. João Evangelista, para o cemitério do Lumiar.

AGÊNCIA SALGADO — Tel. 48258

Estrangeiro

PRIMEIRO DE MAIO NO MUNDO

CENTENAS DE MILHARES DE SOVIÉTICOS NA TRADICIONAL PARADA EM MOSCOVO

MOSCOVO, 2 (R) — Centenas de milhares de russos efectuaram ontem na Praça Vermelha a tradicional parada do Primeiro de Maio, proclamando feitos soviéticos na guerra e na paz mas sem, aparentemente, fazerem esforço especial para assinalar triunfos comunistas na Indochina.

Em vez disso, ao iniciar-se o feriado de três dias, o ênfase foi colocado no trigésimo aniversário da derrota da Alemanha de Hitler e na paz e coexistência com os países capitalistas.

Multidões em toda a União Soviética afluiram às ruas, acenando com bandeiras e atirando flores, para festejar o dia 1 de Maio e iniciar um feriado de três dias.

Na capital, toda a chefia soviética, tendo à frente Leonid Brejnev, o secretário do Partido Comunista, reuniram-se no alto do mausoléu a Lenine, a fim de assistir à parada tradicional através da Praça Vermelha.

Entre muitos convidados estrangeiros às comemorações via-se o dirigente palestiniano Yasser Arafat, que interrompeu as suas conversações com a chefia do Kremlin sobre problemas do Médio Oriente.

Uma mensagem da Comissão Central ao povo soviético, lida pelos altifalantes da Praça Vermelha, antes de começar o desfile de crianças de escolas e de ginastas, vitoriou a política soviética de desanuviamento e pediu a todos os povos do Mundo para lutarem contra a reacção, em defesa da paz.

Como o feriado do dia 1 de Maio de 1974, não foi proferido discurso por qualquer membro da Politburo e os festejos na Praça Vermelha terminaram com um desfile de centenas de milhares de trabalhadores de Moscovo e suas famílias, que durou duas horas.

PARADA MILITAR EM BERLIM-LESTE

BERLIM ORIENTAL, 2 — (R) — A Alemanha Oriental voltou ontem a ser o único país do bloco comunista europeu a celebrar o Primeiro de Maio com uma parada militar.

Embaixadores de países da N.A.T.O. boicotaram o acontecimento.

Há sete anos — desde a invasão da Checoslováquia por tropas do Pacto de Varsóvia — que a Alemanha Oriental é o único país do Leste europeu a fazer desfilar o seu poderio militar neste dia.

E todos os anos os aliados ocidentais em Berlim Ocidental têm apresentado protestos formais com o fundamento de que manifestações militares violam o estatuto desmilitarizado imposto a Berlim após a Segunda Guerra Mundial.

VITÓRIAS SOCIALISTAS FESTEJADAS EM PEQUIM

HOMG-KONG, 2 — (R.) — O povo da China vitoriou ontem as suas realizações no campo da construção socialista e a derrota das forças anticomunistas na Indochina, durante os festejos do dia 1 de Maio, que decorreram com todo o colorido habitual, segundo anunciou a agência noticiosa Nova China.

Dirigentes do Partido Comunista e do Governo chineses juntaram-se ao povo em diversas festas que se realizaram em Pequim.

Trabalhadores, soldados, estudantes e mais habitantes começaram cedo a afluír ao Palácio da Cultura e o Povo Trabalhador, ao Parque de Chungshan e a outros lugares públicos para festejarem o 1.º de Maio.

«O povo chinês felicitou o heróico povo cambojano pela libertação do Camboja e o heróico povo vietnamita pela libertação do Vietname do Sul».

DESFILE EM SAIGÃO

TÓQUIO, 2 — (R) — Trabalhadores, estudantes e outros cidadãos desfilaram pelas ruas de Saigão para celebrarem o dia Primeiro de Maio, respondendo deste modo à chamada da força de libertação — de acordo com uma notícia em «pool» enviada por correspondentes japoneses.

Cerca de 2000 pessoas — acrescenta a mesma notícia — reuniram-se num centro estudantil nas proximidades do antigo Palácio Presidencial e iniciaram uma marcha pelas ruas às 9 e 25, transportando um cartaz em que se lia «Benvindo o dia da libertação da pátria».

A própria força de libertação assinalou os festejos decorando com flores artificiais os faróis da frente de camiões e os canos das espingardas.

Além das marchas, durante a manhã, decorriam operações de limpeza da devastação deixada pelos combates.

FERVOR REVOLUCIONÁRIO EM PHNOM PENH

BANGKOK, 2 (R) — Os trabalhadores cambojanos celebraram ontem o dia do trabalho com fervor revolucionário oficial.

Uma emissão da Rádio de Phnom Penh, captada em Bangkok, afirma que operários e camponeses se juntaram a todos os povos do Mundo «para continuarem a revolução».

A Rádio transmitiu canções revolucionárias atacando, separadamente e em conjunto, «os imperialistas franceses, japoneses e americanos».

O DIA INTERNACIONAL DO TRABALHADOR CELEBRADO EM CUBA

HAVANA, 2 — (ANI) — Cuba celebrou o dia Internacional do Trabalhador com uma gigantesca parada que confirma o carácter internacionalista da revolução.

A manifestação maciça, com a participação de mais de 250 mil pessoas, começou com um discurso de Roberto Veiga, secretário-geral da organização dos sindicatos (C.T.C).

«Neste primeiro de Maio» — afirma um comunicado divulgado anteontem pela C.T.C. — «fazemos nossa a alegria a que foram levados os povos indochineses com a participação no Vietname do Sul e no Camboja.

«Reafirmamos a nossa solidariedade com os povos da Ásia, da África e da América Latina que lutam pela libertação nacional e com os que são já livres e estão empenhados na construção e no desenvolvimento social.

«Estamos prontos para, em coesão com todos os povos, forjar a unidade de todas as nações em defesa dos seus interesses contra a voracidade imperialista e para o uso dos seus recursos no desenvolvimento dos países que deles necessitam.

«Os sindicatos cubanos saudam o trigésimo aniversário da vitória militar do povo soviético sobre o fascismo e salientam que o Ano Internacional da Mulher fortaleceu em todo o Mundo um vasto movimento contra a discriminação por motivos de sexo.»

EXPLOSÃO APÓS CHEGADA DE FRANCO A UM ESTÁDIO

MADRID, 2 — (R.) — Um automóvel estacionado explodiu, ontem à noite, fora do Estádio de Futebol do Real Madrid, nesta capital, pouco depois do Generalíssimo Franco chegar para assistir a uma festa organizada pelos sindicatos controlados pelo Estado, mas poucas indicações havia hoje de que a deflagração fora um atentado contra a vida do Caudilho.

O carro roubado, onde foi montado um pequeno engenho explosivo, detonou meia hora depois do Chefe de Estado, de 82 anos, chegar ao Estádio Santiago Bernabeu, acompanhado pelo seu herdeiro designado, príncipe Jaun Carlos de Bourbon, e alguns ministros.

Em Dezembro de 1973, o primeiro-ministro, Luís Carrero Blanco foi assassinado ao explodir uma bomba, debaixo do seu automóvel, quando seguia numa rua de Madrid.

O Generalíssimo Franco não ficaria ferido mesmo se o veículo, estacionado a cerca de 100 metros dos portões principais do Estádio, tivesse explodido quando entrava no recinto, notaram fontes policiais.

O chefe de Estado parecia impassível ao aparecer, depois, na transmissão em directo pela Televisão, acenando e sorrindo para a multidão de 60 000 pessoas, que gritava continuamente «Franco, Franco». Após o espectáculo, o Generalíssimo abandonou o Estádio, rodeado, como habitualmente, por grande contingente de agentes dos serviços de segurança, encarregados de o guardarem.

Ninguém, incluindo centenas de guardas que estabeleceram o severo dispositivo de segurança à volta do Estádio, ficou ferido devido à explosão, que danificou automóveis estacionados perto e queimou totalmente uma árvore que estava defronte do local onde ela ocorreu.

Havia boatos de que a deflagração fora uma demonstração de desafio de grupos que se opõem ao Governo franquista.

Ontem, a Polícia deteve em Madrid vários socialistas quando tentaram fazer uma cerimónia de homenagem junto do túmulo de Pablo Iglésias, o fundador do socialismo em Espanha, que faleceu há meio século.

DOIS MORTOS EM MANIFESTAÇÕES

A Polícia apareceu ontem em força nas principais cidades de Espanha, a fim de impedir manifestações antigovernamentais, durante o dia 1.º de Maio. Em Vigo, no noroeste do país, um guarda nocturno, de 48 anos, foi morto acidentalmente a tiro quando um guarda civil abriu fogo contra 20 jovens manifestantes.

As autoridades disseram que os jovens, mascarados e armados com cadeias e barras de ferro, atacaram elementos da Guarda Civil, a força policial paramilitar espanhola, antes de dois tiros serem disparados.

Um transeunte, Manuel Montenegro Simon, foi também ferido mortalmente.

Manifestações esporádicas da esquerda foram anunciadas na Catalunha e na sua capital, Barcelona, onde várias bombas incendiárias foram lançadas contra bancos e edifícios públicos sem causarem estragos materiais. Dezenas de prisões foram feitas.

Na cidade basca de Galdacano, perto de Bilbau, no Norte, da Espanha, a Polícia fez explodir um automóvel, onde fora montada uma bomba, estacionado fora do Município, depois de ter recebido uma informação anónima.

Em duas províncias bascas fora imposto, na semana passada, o estado de emergência, uma medida tomada pelo Governo contra as actividades de guerrilha urbana da E. T. A.

O PRÉMIO LENINE PARA CORVALAN

MOSCOVO, 2 — (R.) — A sr.ª Jeanne Martin Sisse, primeira vice-presidente da Assembleia Legislativa da Guiné e antiga secretária-geral da Federação de todas as mulheres africanas, foi laureada ontem com o Prémio Lenine pela sua actividade anti-imperialista e pelas iniciativas em defesa da paz e da independência dos povos, segundo revela um decreto do Governo soviético.

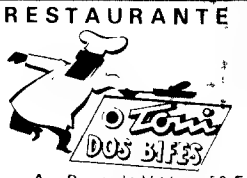
Esse decreto governamental conferia também o Prémio Lenine ao comunista chileno Luis Corvalan, que se encontra preso no seu país, pelo que descreve como a sua luta enérgica a favor da paz e da amizade entre os povos.

O terceiro galardoado é o antigo combatente da resistência belga Raymond Goor, descrito no decreto como um antifascista, um defensor activo da paz e um partidário firme da segurança e cooperação europeias.

Os Prémios Lenine são conferidos, uma vez por ano, no dia 1 de Maio.

BOM APETITE

AMANHÃ
VITELA À JARDINEIRA
NO RESTAURANTE
CORTADOR «OH LACERDA!»

RESTAURANTE


Av. Praia da Vitória, 50 E
Telef. 536080 LISBOA
Encerrado às 2.ªs-feiras

Restaurante CASTANHEIRA
DECLARADO DE UTILIDADE TURÍSTICA
ESTRADA DA TORRE TELEF. 79 01 68 LUMIAR
SALAS PRIVATIVAS PARA CONFRATERNIZAÇÕES
E LANCHES DE CASAMENTO
AOS DOMINGOS ALMOÇOS DANÇANTES
Parque automóvel (Encerrado às 2.ªs feiras)

RESTAURANTE . BAR
O FAZ FIGURA
VARANDA SOBRE O TEJO
Rua do Paraíso, 15-B LISBOA
(Junto à Feira da Ladra)

RESTAURANTE
QUINTA DE S. VICENTE

TELHEIRAS DE CIMA, 144 (Campo Grande)
CHURRASQUEIRA ADEGA TÍPICA
PARQUE AUTOMÓVEL PRIVATIVO
Encerrado às 3.ª -feiras

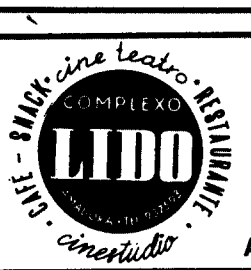
RESTAURANTE

SANCHO
Trav. da Glória, 8 a 16 — LISBOA
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
Ar condicionado

Restaurante
antónio
COZINHA TÍPICA PORTUGUESA
Rua Tomás Ribeiro, 63 — telef. 538780
(Junto ao metro) — Lisboa

RESTAURANTE

CORTADOR
«OH LACERDA!»
Especialidades da cozinha portuguesa
Av. de Berna, 36-A Telef. 774057 Lisboa



ANTES E DEPOIS DO CINEMA
RESTAURANTE
SNACK • CAFÉ
AMADORA - TELEF 937593

RESTAURANTE

ZÉ POVINHO
R. Marquês Sá da Bandeira, 86-B
(Junto à Av. Berna)
COZINHA PORTUGUESA

RESTAURANTE • TÍPICO

ARRE MACHO
ESPECIALIDADES REGIONAIS
RIO DE MOURO — Telef. 2961268 (Encerrado às 4.ª -feiras)

CAFÉ PURO CHAVE D'OURO O MELHOR CAFÉ

Espectáculos

"FILARMÓNICA" DE LISBOA: SCHOSTAKOVITCH NO PROGRAMA

A Orquestra Filarmónica de Lisboa realiza no São Luiz, no próximo domingo, dia 4, às 16 horas, mais um concerto desta temporada. A obra de fundo do programa é a «Sinfonia n.º 10», de Schostakovitch, actualmente a figura máxima da vida musical soviética, podendo lembrar-se, a propósito, que foi justamente esta orquestra que deu a conhecer em Portugal aquela peça basilar do sinfonismo contemporâneo. Outro facto a assinalar reside na colaboracão dos violinistas Lídia de Carvalho e João Nogueira, elementos da orquestra, no «Duplo Concerto» em ré menor, de Bach.

Completam o programa, que será dirigido pelo maestro Manuel Ivo Cruz, as «5 Peças para Cordas», de Paul Hindemith.

FILMES CASTELLO LOPES 30 apresenta

"La Vallée": uma fascinação serena... Muito simples e muito bela."
LE NOUVEL OBSERVATEUR

"O sonho da inocência reencontrada através de uma viagem..."
COMBAT

"Recomendo-vos vivamente "La Vallée."
L'HUMANITE-DIMANCHE

O vale dos perdidos
(La Vallée)
Um filme de BARBET SCHROEDER
INTERDITO A MENORES DE 18 ANOS
3ª SEMANA CINEBOLSO
COLORIDO

"O PIQUENIQUE" NA S.P.A.

O Grupo de Teatro da Sociedade Portuguesa de Autores apresenta hoje, às 21 e 30, na sua sala polivalente, um espectáculo em que será levada à cena a peça «O Piquenique» de Miguel Barbosa. A representação é antecedida por uma projecção de um filme cedido pelo Ministério da Educação Nacional.

Entradas livres.

CONCERTO NO SALÃO NOBRE

O duo Olga Prats-Ana Bela Chaves, actuará amanhã, às 21 e 30, no salão nobre da Câmara Municipal de Lisboa, num concerto de piano e viola promovido pela Fundação Gulbenkian. Serão executadas obras de João Domingos Bomtempo, Brahms, Paul Hindemith, Claudio Carneiro e Georges Enesco.

TEATRO MUNICIPAL DE SÃO LUIZ

TELEF. 32 71 72

TEMPORADA DE CONCERTOS 1974/75

9.º CONCERTO DA

ORQUESTRA FILARMÓNICA DE LISBOA

DOMINGO, 4 DE MAIO, ÀS 16 HORAS

5 PEÇAS PARA ORQUESTRA DE ARCO ..... HINDEMITH
CONCERTO EM RÉ MENOR PA-PA 2 VIOLINOS E ORQUESTRA BACH
10. SINFONIA ..... SHOSTAKOVITCH

MAESTRO: MANUEL IVO CRUZ
SOLISTAS: LÍDIA DE CARVALHO e JOÃO NOGUEIRA

PLATEIA 10$00 — BALCÃO 5$00 M/6 anos

"O PARTO" DAS "MARIAS" ESTREOU EM WASHINGTON

A peça «Parto», baseada no livro, «Novas Cartas Portuguesas», foi estreada em Washington, no «Square Church».

Maria Isabel Barreno, uma das três autoras do livro, adaptou-o para o teatro em colaboração com a brasileira Gilda Grillo, que também é directora de cena.

Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa, as «Três Marias», publicaram aquele controverso livro em Abril de 1972, mas ele foi proibido e as autoras acusadas de «ofensa à moral pública e aos bons costumes».

As acusações foram retiradas depois de 25 de Abril do ano passado, quando o Governo de Marcelo Caetano foi derrubado.

Isabel Barreno decidiu ir para a frente com a ideia de adaptar o livro ao teatro e «Parto» foi pela primeira vez representada na semana passada, para uma assistência escolhida.

«A resposta foi positiva» — afirmaram as organizadoras. A peça estará patente ao público até ao fim de Junho.

Barreno afirmou que «Parto» será apresentada na Grã-Bretanha, Holanda e países escandinavos. «A peça está escrita em inglês, mas poderá ser eventualmente traduzida em outras línguas» — acrescentou.

CONCURSO INTERNACIONAL DE PIANO

O «Conservatoire Royal Flamand de Musique» organiza em Antuérpia (Bélgica), de 18 a 30 de Agosto, sob a direcção de François Glorieux, um concurso internacional de piano.

Os interessados deverão dirigir-se aos serviços culturais da Embaixada da Bélgica em Lisboa para mais informações.

UM BOM ESPECTACULO NO "TERÇO" DO PORTO

A Associação dos Deficientes das Forças Armadas com a colaboração do grupo de teatro «Adóque» e o orfeão universitário do Porto promove amanhã, dia 3, pelas 15 e 30, no cinema do Terço Porto, um espectáculo cuja receita reverterá integralmente para o fundo de assistência daquela associação.

Na primeira parte subirá à cena a revista «Pides na Grelha» e na segunda far-se-á ouvir o orfeão universitário do Porto.

Bilhetes desde vinte escudos.

S. R.
MINISTÉRIO DA ECONOMIA
SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa, a que se refere o processo 8 55034, arquivo 4, para o estabelecimento na freguesia de Verride, concelho de Montemor-o-Velho, de uma linha aérea a 15 kV, com 173 m, do poste n.º 9 da linha para o Posto de Transformação de Freira, da Câmara Municipal de Montemor-o-Velho ao Posto de Transformação de Abrdex, SARL A Industrial de Malhas.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 21 de Abril de 1975.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

S. R.
MINISTÉRIO DA ECONOMIA
SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa, a que se refere o processo 8 50263, arquivo 4 para o estabelecimento na freguesia de Ribeira de Frágoas, concelho de Albergaria-a-Velha, de modificação, com aumento de comprimento de 7 metros, da linha aérea a 15 kV para o posto de transformação de Vilarinho de S. Roque da Câmara Municipal de Algergaria-a-Velha, sendo alterado o traçado entre o poste de derivação e o n.º 2 numa extensão de 210 metros.

Todas as reclamacões contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 17 de Abril de 1975.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

S. R.
MINISTÉRIO DA ECONOMIA
SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa, SARL, a que se refere o processo 8 54908, arquivo 4, para o estabelecimento na freguesia de S. Vicente, concelho de Braga, de uma linha mista, a 15 kV, para o Posto de Transformação do «Reservatório Montariol», da Câmara Municipal de Braga, com um comprimento total de 250 m, sendo os primeiros 205 m em linha aérea, e os restantes 45 m em cabo armado, derivada do apoio n.º 23 da linha «Braga-Fonte do Bico».

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 21 de Abril de 1975.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

S. R.
MINISTÉRIO DA ECONOMIA
SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa, SARL, a que se refere o processo 8 54013, arquivo 4, para o estabelecimento na freguesia de Rio Tinto, concelho de Gondomar, de uma linha aérea a 15 kV para o Posto de Transformação de «Artame Manufacturas Artísticas, Ld.ª», com 369 metros de comprimento, derivada do apoio n.º 3 de linha para o Posto de Transformação de Indústria de Construções Termometalicas Nogueira da Costa, Ld.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 21 de Abril de 1975.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

S. R.
MINISTÉRIO DA ECONOMIA
SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852 de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e nas Secretarias das Câmaras Municipais dos Concelhos de Montijo e Palmela em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa, a que se refere o processo 8 53711, arquivo 4, para o estabelecimento nas freguesias de Montijo e Pinhal Novo, concelhos de Montijo e Palmela, de uma linha aérea a 30 kV para Pinhal Novo (1.º troço), com 2743 metros, do poste n.º 46 da linha aérea S. Francisco Moita ao seu poste n.º 15.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou nas Secretarias daquelas Câmaras Municipais, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 21 de Abril de 1975.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

MARIA VITÓRIA
TODOS OS DIAS ÀS 20.45 E 23 H.
(Não aconselhável a menores de 18 anos)
O MAIOR ÊXITO DE SEMPRE!
a sensacional REVISTA
ATÉ PARECE MENTIRA!...
com um extraordinário elenco e um grande corpo de baile
AOS DOMINGOS: «MATINÉE», ÀS 16 H.
Às 2.as feiras: DESCANSO

CASA QUINTÃO
30, Rua Ivens, 34
e Rua Serpa Pinto, 12-A
95.º ANIVERSÁRIO
Descontos especiais de 1 a 15 do corrente
Visite também a nossa exposição inaugurada agora na RUA DO ALECRIM, 115
Tapetes Arraiolos (desenhos clássicos e modernos)
Alcatifas
Móveis modernos e de estilo
Tecidos em todos os padrões

Televisão

CANAL DA CRÍTICA

MÁRIO CASTRIM

MÁRIO SOARES EM LIBERDADE

Mário Soares foi à Televisão. Mais uma vez. Por simples curiosidade, quando me sobrar algum tempo ou disposição, hei-de passar em revista os meus arquivos de registos magnéticos desde o dia em que, pela primeira vez, o dirigente do Partido Socialista, assomou à varanda de Santa Apolónia. Talvez não ande muito longe, se o considerar entre os primeiros lugares quanto a imagens produzidas na Televisão desde que a Televisão existe em Portugal. Períodos houve em que a frequência das suas notícias, imagens e palavras assumiu aspectos de telemania. Mas isto são contos largos. Por agora afastados do «contencioso» da Informação no nosso país.

Mário Soares esteve mais uma vez num *respondendo ao País*. Justificava-se? Sem dúvida. Não tanto para quem o tenha ouvido durante horas no Rádio Clube Português, evidentemente, ou lido as suas declarações ou entrevistas na Imprensa. Mas Televisão é Televisão e o dirigente do mais numeroso Partido da coligação tinha absolutamente direito a abrir a ronda das visitas dos restantes secretários-gerais.

Os seus interlocutores: José Carlos Megre (Mário Soares chamou-lhe *Magro*. Pessoalmente não lhe achei nenhuma diferença), Adelino Gomes, do *Telejornal* e José Manuel Galvão Teles. Interlocutores muito amáveis. José Manuel Galvão Teles — que se encontrava ali ignoro na qualidade de quê — falou muito. Muiiiito. Ah, se aquilo que se diz estivesse em proporção do que se fala, Galvão Teles tinha feito ontem um brilhante memorável. Assim, foi apenas chato. A propósito, meu caro, diga-me lá uma coisa: onde viu você que o centralismo democrático popular abafe a crítica interna dos partidos? Não estará você a confundir centralismo com coscuvilhismo?

Mas voltemos ao Mário Soares porque tudo o mais (tirando uma breve intervenção de Adelino, aliás não explorada devidamente, o que também na prática se traduz por uma forma de amabilidade) tudo o mais é paisagem.

SOPRAR, EIS A QUESTÃO

Disse: *Ultimamente tem-se utilizado a técnica de soprar para jornais estrangeiros certas coisas que se quer sejam ditas em Portugal para depois retomar dos jornais estrangeiros de uma maneira inocente essas notícias.*

Mário Soares faz bem em denunciar a técnica. Devemos todos estar alerta com essas manobras da reacção. Ainda havemos de saber — seria pelo menos muito bom que se soubesse — quem soprou uma data de invencionices e de trafulhices para certos países europeus cujo social-democratismo não morre de amores pela nossa Revolução. Eu sempre gostava de saber quem meteu certas coisas na cabecinha do Revel. E gostava também que, quando estão em causa nomes e valores consideráveis, se procedesse a desmentidos e esclarecimentos pelas vias mais apropriadas. É que há «sopros» tão perigosos, tão comprometedores...

De qualquer modo, o processo foi denunciado e há que estar em guarda contra certos «instrumentos de sopro» que não fazem falta nenhuma na nossa orquestra.

O QUE O P.S. ACHAVA E O QUE O P.S. ACHA

Sabe-se que havia um *contencioso* entre o Partido Socialista e o M. D. P./C. D. E. Mas acabou. Mário Soares explica porquê:

. O M. D. P. foi muito criticado pelo Partido Socialista; nós entendemos que era um partido companheiro de caminho do Partido Comunista, associado intimamente ao Partido Comunista e considerávamos que isso era uma maneira, digamos, de defraudar o eleitorado na medida em que a utilização do M. D. P. pelo Partido Comunista significava caçar votos no terreno do Partido Socialista. A prática veio demonstrar, que o que sucedeu foi exactamente o contrário. O M. D. P. não roubou votos ao Partido Socialista no espaço político do Partido Socialista, não mordeu. Pelo contrário, dividiu os votos naturais do Partido Comunista. Portanto, não há nenhuma razão agora para haver qualquer espécie de contencioso com o M. D. P. (...) É um partido com o qual nós podemos ter relações de entendimento, definido como está agora o espaço político de cada um de nós.

Resumindo:

1 — O P. S. achava que o M. D. P./C. D. E. era um P. C. Dois. Logo, t'arrenego!

2 — O P. S. achava que o M. D. P./C. D. E. podia morder no P. S., pois não definira o seu espaço político.

3 — O P. S. acha que o M. D. P./C. D. E. mordeu foi no P. C.

4 — O P. S. acha que o M. D. P./C. D. E. já tem o seu espaço político.

5 — Logo, arruma-se a questão e amiguinhos como dantes.

A análise política tem destas subtilezas.

O QUE NÃO HÁ E O QUE HÁ

Muitas afirmações e divagações de Mário Soares pode-

Continua na pág. 18

Esta Semana -- ESTREIA

SERVIÇOS TÉCNICOS

ESPECIALIZADOS EM REPARAÇÕES DE RÁDIO E TV
SERVIÇO DOMICILIÁRIO RÁPIDO
Largo D. Estefânia, 12-D
Telefs. 48856/534536 - Ext. 4
LISBOA

CHEN LEE a bomba do primeiro "western" à chinesa!

CHEN-HAO
JUSTICEIRO NO TEXAS

GORDON MITCHEL • KATSUTOSHI MIKURIYA
KLAUS KINSKI · TECHNICOLOR · TECHNISCOPE · GRUPO D 18 anos

HOJE, ÀS 21.30
EMPOLGANTE
E S T R E I A
POLITEAMA

STEVE McQUEEN DUSTIN HOFFMAN
PAPILLON
Do livro ao cinema - o maior êxito mundial!

Do Best-Seller de HENRI CHARRIERE
Realização de FRANKLIN J. SCHAFFNER
Produção de ROBERT DORFMAN e FRANKLIN J SCHAFFNER
Música de JERRY GOLDSMITH

AS 12.30 — 15.30 — 18.30 E 21.30
FILMES CASTELLO LOPES apresenta
15.00 18.00 21.00

CONDES — HOJE, ESTREIA — MONUMENTAL

NÃO ACONS. A MEN. DE 13 ANOS — COLORIDO

BANDA SONORA EDITADA POR VALENTIM DE CARVALHO — LIVRO EDITADO POR LIVRARIA BERTRAND

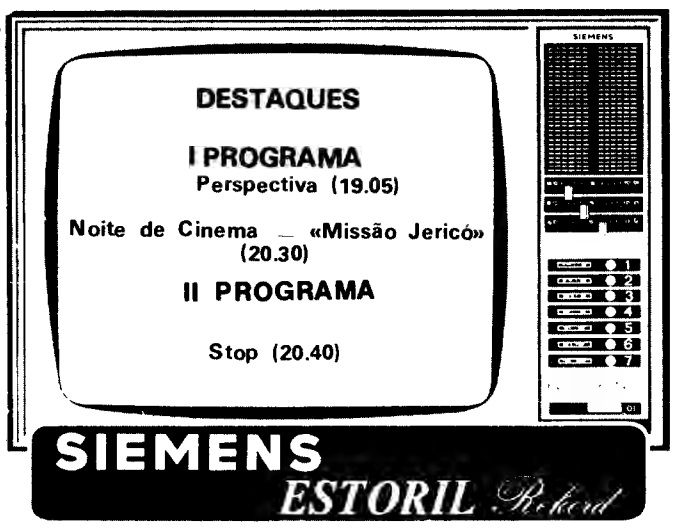
Hoje

José Magalhães Godinho

18.40 **TV Juvenil** — «Ver e Pensar» — José Magalhães Godinho
19.05 **Perspectiva** — um programa produzido e realizado por José Elyseu.
19.30 **Panorama**
20.00 **Telejornal** — 2.ª edição
20.30 **Noite de Cinema** — «Missão Jericó» — filme produzido em 1946 e realizado por Henri Calef. Interpretação de Pierre Brasseur e Line Noro. Apresentação de José Saramago.
22.30 **Telejornal** — 3.ª edição

II PROGRAMA

20.00 Abertura e um episódio da série **«Um Homem uma Cidade»**
20.30 **Desenhos Animados**
20.40 **Stop** — problemas de trânsito — programa apresentado por Joaquim Filipe Nogueira.
20.55 **Telejornal** — em diferido a edição transmitida às 20 horas no I Programa.
21.25 **«O Perigo é a Minha Profissão»**
21.55 **Auditório Musical**



Amanhã

I PROGRAMA

12.45: Abertura e Desenhos Animados; **13.05**: Mãos a Obra; **13.30**: Telejornal 1.ª edição; **13.45**: «Os Malucos do Circo» — uma série com Carol Cleveland, Dick Vosburg e Katya Wyeth; **14.10**: Hoje Pode Ver — cartaz dos programas da RTP e dos teatros e cinemas de Lisboa e Porto; **14.15**: Cinema de Amadores; **14.45**: Eurovisão — futebol — final da Taça Inglesa — transmissão directa de Wembley do desafio entre as equipas do Fulham e do West Ham; **16.45**: «O Jovem Fabre» — série filmada; **17.10**: TV Infantil — «As Aventuras do Rucas»; **17.25**: Cartaz TV — os programas da próxima semana apresentados por Jorge Alves; **17.45**: Cada Dia uma Esperança — um programa pelo dominicano Luís de França; **18.00**: Eurovisão — transmissão directa de Skien (Noruega) dos Campeonatos de Ginástica Feminina; **20.00**: Telejornal — 2.ª edição; **20.15**: Eurovisão — transmissão directa de Skien (Noruega) dos Campeonatos da Europa de Ginástica Feminina; **21.30**: Noite de Cinema — «Uma Vida por um Silêncio» («Carve Her Name With Pride») — com Virginia McKenna, Paul Scofield. Ano de produção: 1958. Realizador: Lewis Gilbert; **23.40**: Telejornal — 3.ª edição; **00.00**: Fecho.

II PROGRAMA

. . . . **20.00**: Abertura e a série «Os Malucos do Circo»; **20.25**: Desenhos Animados; **20.55**: Telejornal — em diferido a edição do Telejornal transmitida às 20 horas no I Programa, **21.25**: Mãos a Obra; **21.40**: «A Casa de Jaina» — série baseada no romance de Mazo de la Roche — 8.º episódio; **22.15**: Programa do Movimento das Forças Armadas; **23.15**: Fecho.

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV
CLÍNICA DE TELEVISÃO E ASTRONAUTA
COM RÁDIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
Deslocação e orçamento grátis
Telefs. 72 27 86 - 83 42 71
Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

Desporto

"VUELTA" A ESPANHA

O italiano Marino Basso venceu a 9.ª etapa da «Volta à Espanha», em bicicleta, cobrindo os 157 quilómetros do percurso em 4 horas 1 minuto e 7 segundos. José Martins classificou-se em 18.º lugar com o mesmo tempo do vencedor.

Lasa comanda a classificação geral com 39.17,57, seguido de J. Martins (com 39.18,39) e Torres Espanha, com 39.18,47, Manuel Rego é o 10.º com 39.19,19 e F. Mendes ocupa a 11.ª posição, com o tempo de 39.19,25. Os outros portugueses: 26.º António Martins, 39.20,39; 28.º José Madeira, 39.20,40; 31.º Venceslau Fernandes, 39.21,07; 34.º João Sampaio, 39.21,41; 37.º Joaquim Andrade, 39.24,13; 55.º Américo Silva, 39.32,21; 60.º Manuel Coelho, 39.34,23 e 68.º Emídio Ferreira, 39.38,46.

PASSAPORTE...?
UM TELEFONEMA BASTA
Consulte-nos já!
viagens nascimento
R. das Flores, 71 Tel. 32 04 00 36 18 23
32 14 79 32 72 77 8 9 Lisboa 2

FUTEBOL NACIONAL

PORTUGAL: ESTRONDOSO K.O. EM PRAGA

O futebol português sofreu uma das mais severas derrotas de sempre: em Praga, a formação checoslovaca «goleou» o bloco seleccionado José Maria Pedroto, de forma concludente: 5-0, com 3-0 ao intervalo. O «onze» nacional foi presa facílima dos checos, com um só remate despedido até junto do guarda-redes contrário e, mesmo esse (por Alves) já perto do fim do desafio...

Descolabro completíssimo da defesa, meio campo totalmente inexistente, ataque que nem uma vez funcionou. Uma actuação péssima, que foi duro golpe nos sonhos de aventura da jovem turma portuguesa neste «europeu».

Eis os «teams»:

CHECOSLOVÁQUIA — Víktor; Pivarik, Ondrus e Koubek; Pivarnak, Bicovsky, Kanapp e Gaidusek; Masny, Petras e Nehoda.

PORTUGAL: Damas; Rebelo, Humberto, Alhinho e Barros; Toni, Octávio, Alves e Fraguito; Marinho e Nené.

Substituições; aos 49 minutos, Toni por Pietra; 74 minutos, Nené por Gomes; 76 minutos, Koubek por Svoboda; 80 minutos, Knapp por Medvid.

Golos de Bicovsky (2), Nehoda (2) e Petras. «Cartão amarelo» mostrado a Humberto por discutir com o excelente árbitro alemão Biwersi. Síntese crítica em meia dúzia de definições: a pior intervenção de Damas, ao serviço da selecção nacional (dois «frangos» e nem uma só defesa capaz); a mais desoladora actuação de todo o quarteto defensivo (Humberto Coelho, até, simplesmente irreconhecível); linha intermediária em que Toni e Octávio (sem um só êxito) arrastaram para a «debacle» os colégas; Nené a fugir dos adversários como gato de cão. Um descalabro de todo o tamanho, todavia, não deve desencorajar os responsáveis, verdadeiramente empenhados numa obra de renovação que deve incentivar-se.

«ESPERANÇAS»

Melhor sorte teve a turma portuguesa de «esperanças» que, em Faro, perante idêntica equipa checa venceu por 2-0 (auto-golo de Elefant e tento de Abreu, na conversão de um «penaltie»). As formações:

PORTUGAL: Bento (Benfica); Ramalho (Guimarães), Guilherme (Barreirense). Amandio (Boavista) e Gabriel (Porto); Rodolfo (Porto), Vítor Pereira (C.U.F.) e Abreu (Guimarães); Manuel Fernandes (C.U.F.) Romeu (Guimarães) e Ibraim (Benfica).

CHECOSLOVAQUIA: Semah; Elefant, Hamrik, Prokeis e Barmos; Sajanek, Slany e Kwasnika; Zenisek, Stambacher e Marz.

Subtituições; Guilherme por Amilcar (Oriental), e Stambacher e Kwasnika, por Hajisky e Bilsky.

DÓLARES

Conhecem-se mais pormenores a respeito do contrato de Eusébio com o clube americano «Oceaneers»: além de jogador receber 1500 contos (livres de qualquer imposto) por um mínimo de quinze exibições, terá alojamento pago, automóvel às ordens e um seguro no valor de cinco mil contos. Em relação a Simões, é tudo igual, com uma «pequena» excepção: receberá 750 contos pelos mesmos 15 jogos que vai realizar. O futebolista, que prescindiu da festa de homenagem que estsva em dívida pelo Benfica (em troca da carta de desobrigação) diz adeus à Luz perante o União de Tomar, no derradeiro embate do campeonato em curso.

ORIENTAL

Segundo empate do Oriental com o Lusitânia, nos Açores, desta feita a dois golos: tentos lisboetas de Monteiro e de Couto e Hildeberto, pelos açoreanos.

Os blocos que alinharam:

LUSITANIA: Macedo (Lúcio); Zeca (Valter), Couto, Ricardo e Serafim; Gabriel (Carlos António, Palma e Jacinto (Duarte); Hildeberto (Hélio), Carlos Alberto e Martins

ORIENTAL: Azevedo; Armando, Baltasar, Américo e José Manuel; José Carlos, Semedo e Luciano; Monteiro, Quim (Mateus) e Madeira.

BELENENSES

Estão abertas, no Belenenses, as inscrições para a prática do futebol por rapazes de idade compreendida entre os 13 e 16 anos, além de haver um convite a todos os veteranos que desfilaram pela colectividade, no sentido de organizarem um grupo activo.

ANTECIPAÇÕES

Quatro jogos antecipados para amanhã: Oliveirense-Fafe (17 horas), Feirense-Lourosa (21 e 30), Estrela de Portalegre-Maritímo (17 e 30) e Avintes-Rio Ave (16).

BENFICA

A 22 do corrente, o Benfica deve actuar, na Polónia, perante a selecção local.

ENCARGOS

Onze clubes da 1.ª divisão (Académico, Atlético, Belenenses, Benfica, Cuf, Farense, Oriental, Porto, Sporting, Vitória de Guimarães e Vitória de Setúbal) tornaram público o seguinte comunicado:

«1. Manifestar o seu total desacordo pela forma pesadíssima como são tributadas as organizações dos Jogos de Futebol, cuja percentagem ronda os 50 por cento da receita bruta:

«2. Encarar de imediato a decisão de se eliminar determinado tipo de encargos injustos e abusivos;

«3. Exigir das entidades competentes a imediata revogação da regulamentação dos ónus fiscais e parafiscais que incidem sobre as Organizações Desportivas;

«4. Exigir, imediatamente, a revisão global da distribuição das verbas do TOTOBOLA, não afectas a fins beneficiantes de modo que os Clubes seus principais promotores possam de uma forma directa, finalmente beneficiar dos lucros das Apostas Mútuas Desportivas;

«5. Constituir 2 comissões de trabalho para, urgentemente, junto do TOTOBOLA e da Federação Portuguesa de Futebol accionarem os magnos problemas referidos nos números anteriores.»

SETÚBAL

O Vitória de Setúbal bateu uma selecção nacional argelina pelo resultado de 2/1, ontem, no estádio do «Cinco de Julho», perante 30 000 espectadores. Marcaram: Vicente (aos nove minutos) e Ibude (argelino) contra o seu próprio campo, aos 68 m. Pela selecção argelina marcou Chegu Djillali, aos 47 m.

CASTIGOS

Quase verdadeiramente inacreditável a onda de violência que marca o futebol português: na sua reunião da semana corrente, o Conselho de Disciplina da Federação castigou 81 jogadores; interditou o terreno do Vila Real (clube que, também, foi multado); aplicou multas ao Torres Novas e Leixões; repreendeu o Monção, o Estoril Praia, o Santa Iria e o Vilaverdense; suspendeu dirigentes do Gouveia e do Sacavenense e, ainda, instaurou inquéritos ao União de Montemor e aos Bombeiros Voluntários de Almeida (pelo comprortamento da equipa de juniores perante o Sport Lisboa e Nelas)

ASSIM VAI O TOTOBOLA

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 35, DE 4 DE MAIO DE 1975

Alvo Desportivo, x21 x21 111 1xxx; Beira Baixa, x21 122 111 x1xx; Boa Nova, 211 x1x 111 1xx2; Brados do Alentejo, 121 xxx 111 2122; Cardeal Saraiva, x11 xx1 111 1x12: Cavalgada do Ritmo, 221 1x2 111 11xx; O Benfica, 2x1 1x2 111 x21x; Estação Rádio da Madeira, 111 212 11x 1xxx; O Comércio de Leixões, x21 111 x11 1122; O Concelho de Estarreja, 2x1 1x1 111 x11x; Correio de Coimbra, 211 11x x11 1112; Correio do Vouga, x21 111 111 112x; A Defesa, x11 11x 112 x21x; Às 10 Espera por nós, x21 2x2 xx1 x12x; Diário de Lisboa, x11 1x1 1x1 1xx2; Diário de Coimbra, 2x1 x21 x1x x1xx; Ecos de Cacia, x21 111 x11 x1x2; Estrela da Manhã, 2x1 2xx 11x 11x2; Eu Sei Tudo, x11 x12 11x 1112; Folha do Domingo, xx1 111 1x1 2x1x; Dos Fracos não reza a história, 2xx xx2 2xx 2xx2; A Ilha, 211 111 11x 21x2; Jornal Desportivo, x21 212 1x1 2112; Jornal da Beira, 1x1 xxx x11 xx22; O Jornal de Felgueiras, x11 21x 11x 1212; Jornal da Graça, 111 111 111 1111; O Jornal da Lixa, 211 21x 111 1xx2; Jornal de Sintra, x21 1x1 11x 12xx; O Mensageiro, x21 x11 x11 1x1x; Linhas de Elvas, 121 x11 1x1 x112; Litoral, x11 11x 111 x212; Maria da Fonte, xx1 x1x 111 12xx; Mundo Desportivo, xx1 1x2 111 x21x; O Norte Desportivo, xxx xxx 211 1x1x; Notícias de Chaves, x21 x1x xxx 11xx; Notícias do Douro, x11 xx1 111 x112; Notícias de Évora, x21 1x1 11x 1121; Notícias de Felgueiras, xx1 1xx x11 x1xx; Notícias de Gouveia, 121 2xx 212 2112; Notícias de Guimarães, x21 xxx 11x 12x2; O Notícias de Penacova, xx1 21x 11x 1xxx; A Ordem, 111 11x 111 2112; Povo Algarvio, 221 x21 xxx 2112; Programa Sem Nome, 221 x11 x11 1x22; Quadrante Desportivo, 111 1x1 112 x2x2; Quadrante Norte, x21 121 111 x121; Rádio Alvo, 111 22x 11x 111x; Rádio Oceano, 121 12x 111 1111; Reconquista, 221 111 11x 112x; Repórter do Dia-Angola, 211 211 111 1x11; Resenha Desportiva, 1x1 x1x 11x 11xx; Encontro Musical, 2x1 11x 111 xx22; Sempre Fixe, xx1 1x1 1xx x222; A Voz das Beiras, x21 x11 x11 xx22; A Voz Desportiva, 221 2xx xx1 2xx2; A Voz do Domingo, 2x1 1xx 11x 11x2; Voz de Lamego, 111 x1x 111 1222; A Voz dos Ridículos, 111 121 111 12x1; Talismã Desportivo, x11 xx1 11x x1x2; Domingo Alegre, 221 211 211 2122; Roteiro Sonoro, 221 211 22x 1122; Terceiro Programa, 221 2x1 211 1122; Passatempo, x21 22x 221 12x2; Bondiazinho, x2x 211 211 1x22; Extensão 10, xx2 22x 221 1122; 20 Ponto D, 221 111 12x 2x11; Notícias do Totobola, 1x1 x11 111 x122; Por Deus e Pela Pátria, x11 211 1x2 x21x; Peça que não maça, x11 2xx 11x 11xx; Centro Desportivo, 2x1 x11 111 1112; Presença Coimbrã, 2x1 x11 11x 1122; A Voz de Palmela, xx1 211 21x x1xx; Sporting, 111 211 111 x121; A Voz do Casa Pia, xx1 111 111 1x2x; Auto Rádio, 121 xxx 11x 1212; Clube do Ar, xx1 1x1 111 x1x1; O Comércio do Porto, 121 12x 111 1x1x; Diário do Porto, 211 2x1 111 111x; Estúdio 64, x21 221 112 2122; Jornal de Gaia, xx1 x1x 111 212x; Jornal do Desporto, 211 2x2 x1x 121x; Manchete Desportiva, x12 11x 111 1x11; Penalti, 111 x11 111 1112; Placard Desportivo, 121 11x 212 11x2; Placard Desportivo-Açores, 221 xx1 1xx 1x1x; O Primeiro de Janeiro, xx1 xxx 111 x1x1; Panorama, xx1 11x x11 x1x2; Rádio Placard, 111 111 111 1111; Rádio Sports, 121 121 111 1122; Ritmo e Amizade, x11 x1x 111 11xx.

	RESUMO			BOLAS (a)		
	1	X	2	1	X	2
1. SPORTING-BENFICA	21	43	26	3	6	3
2. ORIENTAL-BELENENSES	29	26	35	4	3	5
3. CUF-OLHANENSE	85	3	2	10	1	1
4. ESPINHO-ACADÉMICO	36	30	24	3	4	3
5. BOAVISTA-PORTO	46	31	13	6	4	2
6. LEIXÕES-GUIMARÃES	45	35	10	6	5	1
7. FARENSE-SETÚBAL	64	15	11	9	2	1
8. UNIÃO TOMAR-ATLÉTICO	74	12	4	9	2	1
9. OLIVEIRENSE-FAFE	57	27	6	8	3	1
10. RIOPELE-BEIRA MAR	51	26	13	7	3	2
11. COVA PIEDADE-TORRIENSE	52	23	15	7	3	2
12. E.PORTALEGRE-MARITIMO	33	32	25	3	4	3
13. LUSITANO-BARREIRENSE	12	32	46	2	4	6

a) Nos termos do Artº. 10º. do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A chave lógica será:
X21 111 111 1112

Desporto

"Futebol e informação"

. Esta noite (21.30) efectua-se, na sede do União Atlético Povoense (Póvoa de Santa Iria) um debate em torno do tema «Futebol e Informação», em que participam Neves de Sousa e Orlando Dias Agudo (nossos camaradas de Redacção) além de Carlos Arsénio (jornalista do «Record»).

A reunião está incluída no programa de festividades comemorativo dos 33 anos desta colectividade eminentemente popular, com uma obra de valorização desportiva que fala por si própria e é digna dos melhores encómios.

Amanhã, as comemorações no Povoense concluem-se com a exibição de filmes desportivos cedidos pela Federação de Futebol.

PROTESTO VEEMENTE DOS FUTEBOLISTAS CONTRA O ANARQUISMO DA SUA PROFISSÃO

Ontem, o Sindicato dos Jogadores de Futebol tornou público o seguinte comunicado:

. «O 1.º de Maio, que deveria ser um dia de festa para todos os trabalhadores portugueses, não o será para os jogadores profissionais de futebol.

«Desde a sua constituição, o sindicato tem lutado pela modificação das condições de trabalho dos seus representados.

«Com o «25 de Abril», abriram-se perspectivas novas nesta luta em virtude das quais o sindicato apresentou aos clubes uma proposta de regulamentação de trabalho que, no fundo, se traduzia no puro e simples reconhecimento de que os futebolistas profissionais são trabalhadores como quaisquer outros, titulares de direitos que deveriam ser respeitados.

«As negociações dessa proposta, inicialmente feitas, com muito custo, entre o sindicato e os clubes, passaram, em Janeiro de 1975, a processar-se sob a égide do Ministério do Trabalho, no âmbito de um grupo encarregado de preparar uma Portaria de Regulamentação de Trabalho para os futebolistas profissionais.

«Em 12-3-1975, o grupo chegou à conclusão que o problema não poderia resolver-se por uma simples portaria e que se impunha a publicação de um decreto-lei, e requereu ao Ministério autorização para passar a trabalhar neste sentido.

«Até hoje não houve resposta, criando-se uma situação desesperante para os jogadores e que só agrada aos clubes; que, entretanto, continuam a transaccionar futebolistas como se de reles coisas se tratasse. Urge acabar com esta situação de uma vez para sempre!

. «Aproxima-se o final de mais uma época e é impossível esperar-se que os futebolistas suportem que tudo continue rigorosamente na mesma.

«Há que encarar as coisas de frente: ou se reconhece interesse em que continue a existir o futebol profissional, ou não se reconhece. Mas o sindicato deixa bem claro que, na sua perspectiva, o futebol profissional deve acabar se não se modificarem radicalmente as relações que ligam os clubes e os jogadores.

«Reconhecemos que, na escala de prioridades dos grandes problemas nacionais, o nosso não é dos mais prementes. Mas pensamos também, que o que se passa é demais, e constitui uma flagrante injustiça.

«Deste modo, o Sindicato dos Jogadores Profissionais de Futebol saúda os restantes trabalhadores portugueses neste 1.º de Maio de 1975 e pede-lhes que, durante a sua festa, dediquem simbolicamente um minuto ao pensamento de que, um ano após o «25 de Abril», há um sector do mundo de trabalho que vive em autêntica escravidão e sem qualquer alteração ao seu estatuto profissional.

«Aos seus representantes, sindicato apela para que se unam e organizem em novas formas concretas de luta, contra o imobilismo de que têm sido vítimas.

«Preparamo-nos para, se necessário, paralisar os campeonatos! Aproximam-se os jogos internacionais de carácter oficial; se for preciso, não os disputaremos! Desde já afirmamos muito claramente que damos todo o nosso apoio à justa luta que vem sendo travada pelos jogadores de futebol portugueses, muito especialmente aos profissionais do Sporting Clube Olhanense, finalmente unidos e dispostos a lutar pelas suas justas reivindicações. Não deixemos que esta época acabe sem que, simultaneamente, termine a escravatura e a mentira do futebol profissional. Não somos bobos de feiras: somos trabalhadores como os outros! Exigimos o imediato recomeço da actividade do grupo de trabalho! A paciência dos futebolistas profissionais tem limites e estes já foram atingidos. Afirmamos uma vez mais que não lutamos por maiores salários, mas exigimos o respeito da nossa dignidade de homens e de trabalhadores. Lisboa, 1 de Maio de 1975. A Direcção.»

Registo

HÓQUEI EM PATINS: foram convocados para o torneio «Oliveras de La Riva» os hóquistas Ramalhete (Benfica), Albino (Benfica), Fernando Pereira (Salesiana), Sobrinho (Salesiana), Rendeiro (Sporting), Chana (Sporting), Livramento (Sotto Mayor), Cristiano (F. C. Porto), Fernando Gomes da Costa (Infante de Sagres) e Virgílio (Benfica).

NATAÇÃO: pelas 21 horas do próximo dia 5, haverá uma assembleia geral da Associação de Lisboa, com uma ordem de trabalhos que inclui discussão e votação para a admissão, como sócios ordinários, do Grupo Desportivo do Banco Totta e Açores e do Grupo Desportivo Torralta; discussão e votação do relatório e contas da direcção; eleição dos novos corpos gerentes.

LIBERDADE: a piscina do Luso que é propriedade da Sociedade das Águas do Luso foi agora posta gratuitamente ao serviço da população local, especialmente da juventude.

AVEIRO: assembleia geral do Beira-Mar, na noite da próxima 2.ª-feira, para análise do relatório e contas do ano transacto.

BASQUETEBOL: o Montijo boicotou, na Federação, o sorteio dos jogos para o Torneio de Competência (2.ª/3.ª Divisões), apresentando sugestões ao regulamento.

MADEIRA: o «cinco» de hóquei patinado da Juventude Salesiana vai realizar alguns jogos particulares no Funchal.

TÉNIS DE MESA: José Pedro (Sport Lisboa e Águias) é, novamente, campeão lisboeta de juniores.

PUGILISMO: a comissão administrativa do Parque Mayer concedeu autorização para, no recinto que se denominou «Estádio Internacional» (e hoje serve para arrumar automóveis...) se processarem, a partir de Junho, sessões de boxe.

JULGAMENTO: foi julgado improcedento o protesto do basquetebol benfiquista, em relação ao jogo efectuado com o F. C. Porto, nas Antas. Desta decisão, proferida pelo Conselho Técnico da Federação, pode o Benfica recorrer para o Conselho Jurisdicional.

Notícias do F.C.Porto

Estão a ser envidados esforços no sentido do treinador jugoslavo Stankovic, pretendido pelo F. C. do Porto, assista ao jogo de futebol entre o Boavista e os «azuis-brancos».

Título nacional de voleibol vai morar nas Antas. Os nomes dos campeões: Álvaro Martins, Tito, Tentugal, Francisco Costa, Artur, Rui, Pedrosa, Ernesto Costa, Monterroso, Sálvio Nora, Marques e José Moreira.

Aumentou para 5 escudos o preço do jornal «O Porto».

O futebolista Simões é, de momento, o único profissional impedido de actuar: a contas com uma rotura numa das coxas, tem mantido completo repouso.

Notícia da secção campista: vai prosseguir a construção da casa-abrigo em Cortegaça.

António Fernando Santos Marques é novo seccionista do judo portista.

Foi recusada a proposta do Clube Santista de S. Paulo (Brasil) para uma digressão ao continente sul-americano da equipa de hóquei patinado do F. C. do Porto.

Uma diferente estrutura vai orientar a natação do F. C. do Porto.

Um jantar, reuniu dirigentes, treinadores e atletas do hóquei em campo de colectividade.

SARAU DO GINÁSIO

É amanhã que se realiza, no Coliseu dos Recreios (pelas 21 e 15) o grande Sarau de homenagem ao prestigioso Ginásio Clube Português em comemoração do centenário daquela colectividade.

Os diferentes números de que o programa se compõe estão a cargo de ginastas e atletas do Lisboa Ginásio, do Ateneu, do Benfica, do Sporting, do Futebol Clube do Porto, do Sport Clube do Porto, do Algés e Dafundo, de «Os Belenenses» e do Campo de Ourique e tanto basta para a certeza de que estará em acção a fina flor da ginástica nacional, tendo a encabeça-la os nomes do prof. e ginasta japonês Masanobu Inoué e dos campeões Maria Manuela Contreiras e José Filipe de Abreu.

O festival está dividido em duas partes. Na primeira (além de homenagem pública ao Ginásio Clube) far-se-á uma evocação (ainda que ligeira) dos saraus de 1900, o que está a despertar interesse e curiosidade.

Na segunda, que será preenchida com «ginástica dos nossos dias», haverá exibições em paralelas, em barrafixa (homens) e em trave e paralelas assimétricas (senhoras); apresentação das classes femininas de ginástica educativa, rítmica e moderna (respectivamente do Belenenses, do Sport Clube do Porto e do Lisboa Ginásio Clube) e, para tornar o espectáculo mais aliciante, nada menos de três modalidades de saltos: cama elástica (quase inédito para a maioria do público) pelos rapazes do Sporting; «minitramp», pelos rapazes do Lisboa Ginásio e os trepidantes «saltos no tapete» por uma equipa que engloba os melhores saltadores portugueses.

Poderá (portanto) profetizar-se que o sarau será dos mais completos e valiosos dos últimos tempos do que, aliás, o clube homenageado é, a todos os títulos, bem digno.

Os bilhetes continuam à venda no Lisboa Ginásio, no Ginásio Clube, no Ateneu Comercial de Lisboa e no próprio Coliseu dos Recreios.

S. R.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa, a que se refere o processo 8'55282, arquivo 4, para o estabelecimento na freguesia de Canha, concelho do Montijo, de uma linha aérea a 30 kV, com 180 m, do poste n.º 7 da linha para o Posto de Transformação de Canha da Câmara Municipal do Montijo ao Posto de Transformação da Socesa Sociedade de Estudos Agrícolas, Ld.ª

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 23 de Abril de 1975.

O Engenheiro Chefe

Guilherme Martins

S. R.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa, a que se refere o processo 8'55268, arquivo 4, para o estabelecimento na freguesia de Arrentela, concelho do Seixal, de uma linha aérea a 15 kV, com 13 m, do poste n.º 41 da linha Coina-Instalações Militares do Marco do Grilo ao Posto de Transformação 3-186 Morgado.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 22 de Abril de 1975.

O Engenheiro Chefe

Guilherme Martins

Geral

Canal da Crítica

Continuação da pág. 15

riam ser comentadas nesta secção. Mas infelizmente se as divagações foram muitas, o espaço para esta secção é pouco.

Por exemplo: *Para mim não há democracia burguesa nem democracia não burguesa, há democracia «tout court». O que sucede é que nas sociedades do Leste não há democracia nem liberdade.*

Sem ironia, direi que, se há democracia que eu desconheço, essa é a «democracia tout court». Nem admira. Nisto de democracia, a gente nunca sabe. Desde o tempo dos gregos, já podem ver!

Aquilo, suponho eu, que para Mário Soares é «democracia tout court», virá a ser o que outros chamam «democracia pura».

Ghioldi, que tenho aqui à frente, diz assim: *Sempre que se trata de especular sobre conceitos tais como «socialismo democrático» ou «democracia pura» sabem muito bem que não existe «democracia pura». É um conceito caracterizado por uma total ausência de perspectiva de classe na abordagem do problema.*

Para Mário Soares não há «democracia burguesa». Para Lenine, havia. Mas é claro que os conceitos variam consoante os génios políticos. Ou há centralismo democrático ou comem todos. E já que falei em Lenine: *A democracia burguesa, embora constituindo um grande progresso histórico em comparação com a Idade Média continua a ser — e não podia deixar de continuar a ser, em regime capitalista — uma democracia restrita, truncada, falsa, hipócrita, um paraíso para os ricos, uma armadilha e um logro para os explorados, para os pobres. A democracia proletária é um milhão de vezes mais democrática que qualquer democracia burguesa.*

Como vê, Mário Soares, a democracia burguesa é um monstro quando devidamente, historicamente situada. Mas o senhor é um homem de sorte. Para o senhor, ela não existe.

Caso arrumado.

«EFECTIVAMENTE MAS...»

Mas há o caso das sociedades do Leste europeu. Adelino Gomes pergunta a Mário Soares *se nos países ocidentais, sociais-democratas, há a verdadeira liberdade, a verdadeira democracia.*

O dirigente do Partido Socialista acusou nitidamente a pergunta. A situação era delicada. Se dissesse que sim..., diabo, mas se dissesse que não...

— *Bem* — respondeu — *existe efectivamente liberdade, mas essa liberdade não é completa, na medida em que há largos estratos das sociedades capitalistas em que os homens não têm pão, não têm possibilidade de participar efectivamente, não tem uma igualdade de oportunidades...*

Ora o que sucede é que nas democracias populares todos têm pão; todos têm possibilidade de participar na construção socialista; todos têm (ou se caminha para) igualdade de oportunidades. Como se compreenderá então a sua afirmação sobre as democracias populares, as democracias que, ao contrário das democracias burguesas, não nos enxovalham, não nos humilham, não nos caluniam, não nos sabotam?

Em recente inquérito à opinião pública, na República Federal Alemã, perguntava-se: *A diferença entre os pobres e os ricos é menos sensível na República Federal Alemã ou na República Democrática da Alemanha?* Pois a maioria respondeu que era menos sensível na República Democrática...

Notou-se igualmente que uma grande parte do povo da República Federal reconhece que na República Democrática é mais equitativa a repartição das riquezas; maior segurança no emprego; mais baixas as rendas de casa; maiores as possibilidades de instrução; maior esforço para desenvolver a ciência e a técnica; maior atenção à juventude, ao desenvolvimento do desporto, à saúde pública; menor a criminalidade.

Ninharias, Mário Soares. E já agora, quero lembrar que, no mesmo dia da entrevista do dirigente do P. S., o *Telejornal* transmitiu a reportagem da chegada da representação vietnamita (cuja pátria acaba de ser libertada da «liberdade» burguesa e imperialista). Diziamos o amigo vietnamita que *a vitória se deve também à contribuição importante dos países socialistas...*

A isto chama-se «internacionalismo proletário». As sociedades, a que Mário Soares nega democracia e liberdade, ajudam outros povos na conquista da liberdade e da democracia. Onde estavam, durante os ataques da besta ianque, as «democracias» onde *bem, existe efectivamente liberdade, mas...*? Onde estavam essas democracias burguesas? Estavam, simplesmente, a apoiar Salazar ou Caetano, a ajudar carinhosamente o fascismo português (e não só...), estavam a atear a fogueira da guerra colonial, estavam a explorar o nosso povo aqui mesmo, dentro do País.

Escusamos de sublinhar a gravidade das afirmações de Mário Soares, tão evidente ela é, tão injustas e falsas elas são. Que qualquer patego ignorante, por cegueira de classe, as fizesse — ainda se entenderia, que diabo! Mas que as diga o dirigente de um Partido com a responsabilidade do Partido Socialista, num momento tão espinhoso para a Revolução portuguesa — eis que toca as raias do inacreditável! Como diabo um político pode não ser tão impolítico?

RELAÇÕES DIPLOMÁTICAS

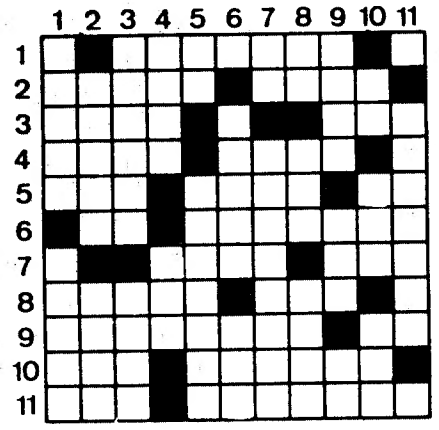
Segundo um telegrama da U.P.I. datada de anteontem, o Sudão decidiu estabelecer relações com Portugal nos planos diplomático e económico. O anúncio foi feito em Khartum por um porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros sudanês.

A U.P.I. acrescenta que esta decisão terá sido tomada em Novembro último, por ocasião de uma cimeira da Liga Árabe.

Palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 11072



HORIZONTAIS:

1 Artigo definido. Dita. Artigo definido.
2 Atravessai. Nome comum de qualquer guisado ou ensopado.
3 Encolerizai. Magnete natural.
4 Desabitado. Planta espinhosa de Angola.
5 Estima. Macaco da América. Quinhentos e um em romano.
6 Artigo definido. Atacar.
7 Içai. Rio da Suíça.
8 Freguesia do concelho de Idanha-a-Nova. Flúido aeriforme.
9 Exoneravas. Sua Santidade.
10 Ovário dos peixes. Nome de mulher.
11 Sadias. Tangerias.

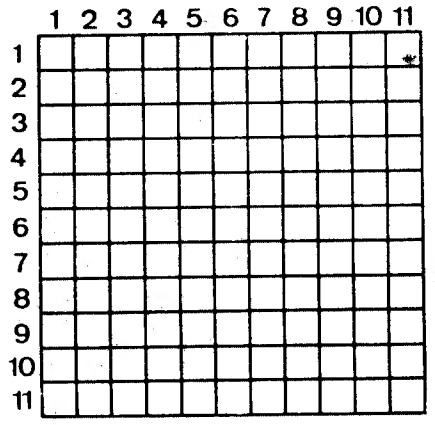
VERTICAIS:

1 Desperta. Íntegros.
2 Em má hora (ant.). Magote.
3 Penhascos. Aves pernaltas.
4 Rio dos Estados Unidos. Acrescentei.
5 Zomba. Dívidas não pagas por falta de vontade ou má fé (pop).
6 Censura. Rei lendário de Tróia, fundador de Ilion.
7 Cidade da antiga Caldeia. Defendia.
8 Em a. Filtre. Empunhar.
9 Procedia. Concedes. Medida itinerária do Japão.
10 Artigo indefinido. Claridade. Pequeno símio do Brasil.
11 Irritas.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 7230



HORIZONTAIS:

1 Vinho de palmeira cozido duas ou três vezes (Ind. Port.). Limpas com água.
2 Pronome pessoal. Variedade de porco no Brasil.
3 Requesta. Ver.
4 O mesmo que coca (Bras.). Disfarçar (Fig.).
5 Flexível. Batráquio.
6 Magnetes naturais.
7 Tingira. Vais para fora.
8 Aguça. Voz do gato.
9 Zombas. Alburno.
10 Torno. Dar mios.
11 Em má hora (ant). Fechara as asas para descer mais depressa.

VERTICAIS:

1 Espécie de capitão, entre os antigos povos da Indochina. Missiva.
2 Oculta. Preparar com ópio.
3 Ramalhete. Quinhão (pop).
4 Composição poética. Atmosfera. Grande ribeira da Ásia russa.
5 Artéria. Oceano (inv.).
6 Gálio (s.q.). Caminho. Prefixo de negação.
7 Um cento. Tempo do verbo ser.
8 Átomo. Renques. Pequeno poema medieval narrativo ou lírico.
9 Antigo nome dos governadores árabes em território de Espanha. Cidade de Espanha.
10 Inflamar. Segundo.
11 Sova. Pessoa muito parecida com outra.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11071

HORIZONTAIS	VERTICAIS
1 A. AUDÁCIA.	1 Atascariam.
2 Trutas. Mosa.	2 Aar. Miar.
3 Xaréu. Tom.	3 AUXILIA. A.
4 Sai. Imã. Ora.	4 Uta. Mamaram.
5 Calma.	5 Darias. Maca.
6 Árias. Pelem.	6 Asem. Casar.
7 Am. Cova.	7 Ua. Por.
8 Im. Amarelas.	8 Im. Devedor.
9 Aiaras. Dai	9 Aoto. Lalara.
10 Ma. Acalorar.	10 SORTE. Aias.
11 Remar. Raso.	11 Cama. Mas. Ro.

Provérbio:
A AUDÁCIA AUXILIA A SORTE

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7229

HORIZONTAIS	VERTICAIS
1 Cai. Ota. Ano.	1 Carmona. Sem.
2 Aí. Grava. El.	2 Ai. Otelo. La.
3 Recuara.	3 Ri Mercar.
4 Moiro. Lamba.	4 Gero. Dá.
5 To. Mear.	5 Orço. Raeras.
6 Nem. Rua. Ala.	6 Tau. Húmidas.
7 Ale. Amparam.	7 Aval. Aproas.
8 Ordeiro.	8 Aram. Aos.
9 Cardoso.	9 Amear. Ova.
10 Ela. AAA. Vil.	10 Ne. Balão. It.
11 Mar. SSS. Ato.	11 Oearam. Ulo.

tempo

Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava limpo o vento era fraco ou moderado de Leste.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	21º
P. DOURADAS	13º
COIMBRA	20º
PORTALEGRE	18º
LISBOA	18º
FARO	19º
FUNCHAL	16º

TEMPERATURAS EXTREMAS

ANADIA
Máxima 28,5º

FIG. DE CAST. RODRIGO
Mínima 6,8º

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar 15º
Atmosfera 14,8º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
9.07	3,1 m	2.18	1,5 m
21.26	3,3 m	14.34	1,7 m
Dia 3			
10.11	3,0 m	3.26	1,6 m
22.32	3,2 m	15.47	1,8 m
Dia 4			
11.18	3,0 m	4.39	1,6 m
23.37	3,2 m	16.59	1,7 m

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu pouco nublado ou limpo; vento fraco ou moderado predominando de Nordeste.

BARS BOITES — RESTAURANTES TÍPICOS

DANCINGS

NINA Dancing com atracções. Rua Paiva de Andrade, 7-13. T. 34859/365167.
a actuar GRAZIELA DE SIRTANAS (Argentina)

CASINO ESTORIL Jogo autorizado Variedades internacionais. T. 26461/264526/264596/264621/264946

HIPOPÓTAMO Conjunto Hipopótamo. Encerra aos Domingos. Av. António Augusto de Aguiar, 5-A T. 48384.

TAMILA Marão e s/ conjunto «Matinées» todos os dias. Encerra aos domingos. Av. Duque de Loulé, 69. T. 533117.

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
CVP	66 5342	Aeroporto	71 1397
H. de S. Josè	86 0131	C.R.G.E.	53 7021
H. de S. Maria	73 0231	C. Águas	36 1361
P.S.P	36 6141	Combóios	32 6222

AMANHÃ

NASCER ÁS 6.37
OCASO ÀS 20.30

DIA 3 | DIA 11 | DIA 18 | DIA 25

TV

EMISSORA 1.º Programa

17.00 Noticiário — rádio estudantil
18.15 Movimento das Forças Armadas
19.00 Informação de trânsito
19.05 Música variada
20.00 Jornal da noite
21.00 Orquestras
21.45 Observação de cinema, por Damas Nunes
22.00 Sindicalismo, por Helena Neves e Madeira Claudino
22.30 Ritmos africanos
23.30 Último jornal

2.º Programa

16.10 Música sinfónica
17.00 Sonata em sol menor, BWV, 1020, para flauta e cravo, de Bach
17.15 «As Quatro Estações» (Vivaldi)
18.00 O compositor da semana: Turina 1882-1949
19.00 Música portuguesa
20.00 Jornal da noite
21.00 Passagem do MF 2 a Estereo — música ligeira variada
22.00 Intercâmbio musical — no intervalo: uma obra de George Muffat, pela Orquestra de Câmara «Concentus Musicus»
23.43 Quinteto (Paul Taffanel)
00.05 Excertos da «Missa em Si Menor» (Bach)
01.00 Fecho

Programa em Onda Média 2 — 397 m — 755 KHz

20.30 Música de câmara
21.05 Sonata n.º 2, em lá menor, para violino solo, de Bach

rádio

21.25 «Quadros de uma Exposição», suite de Mussorgsky
22.00 Oratória «Dies Irae» (Penderecki)
22.30 Concerto sinfónico — no intervalo: Romances para flauta e piano (Schumann)
00.30 Solos de piano
01.00 Fecho

RÁDIO CLUBE

Emissor de Lisboa — Onda Média, 299,13 m — 1034 KHz — emissão contínua; Emissor de Miramar (Porto) — Onda Média, 282,6 — 782 KHz — Emissão contínua; Modulação de frequencia (principais emissores) — Lisboa, 97,4; Porto, 97,7; Portalegre, 98,9; Lousã, 90,8; Fóia, 86,1 e Mendro, 92 MHz

RÁDIO RENASCENÇA

16.00 Noticiário
16.05 Radiorama
18.00 Espaço musical
18.22 Música seleccionada
19.00 Jornal do serviço de noticiários e reportagens de Rádio Renascença
19.30 Espaço musical
21.08 Programa dos sócios
22.00 Quando o telefone toca
22.30 Espaço musical
23.05 A 23.ª hora

rádio

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

Rádio Graça
Das 06.00 às 10.00 e das 14.30 às 17.00

Rádio Peninsular
Das 10.00 às 12.00 e das 19.30 às 22.00

Clube Radiofónico de Portugal
Das 12.00 às 14.30

Rádio Voz de Lisboa
Das 17.00 às 19.30 e das 22.00 às 02.00

LEIA motor

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO 0-1
ATÉ ÀS 22 HORAS

ALTO DE S. JOÃO
Vitális, Rua Morais Soares, 69 (tel. 841779)
ALVALADE
Marbel, Av. de Roma, 131-A (tel. 776235)
AMEIXOEIRA
S. Bartolomeu, Vila Paulo Jorge,1(Galinheiras-Charneca) (Tel. 790969)
ANJOS
Guerra, Rua Andrade, 32/36 (Tel. 845513)
Magalhães, Av. Almirante Reis, 4 (tel. 49479)
AREEIRO
Garantia, Av. Padre Manuel da Nóbrega, 5-A)à Praça do Areeiro) (tel. 727300)
AVENIDAS NOVAS
Saldanha, Av. Praia da Vitória, 53 (tel. 43938)
BENFICA
S. João, Estrada da Luz, 124-A (tel. 783179)
CAMINHOS DE FERRO
Frazão Rua Cruz de Santa Apolónia, 90 (tel. 847019)
ESTRELA
Andrade Ribeiro, Av. Infante Santo, 66-B (tel. 666971)
OLIVAIS SUL
Antunes Rosas, Praça Cidade Luso, lote 199 (tel. 313610)
RESTELO
Tanara, Rua Rodrigo Reinel, 3-A (à encosta do Restelo, próximo dos Moinhos) (tel. 611814)
S. BENTO
Fénix, Rua Cruz dos Poiais, 52 (tel. 608531)
SETE RIOS
Curie, Av. Madame Curie, 15-A (tel. 778439)

TURNO 0-2
TODA A NOITE

ALVALADE
Belo, Av. de Roma, 53-A (tel. 776314)
AVENIDAS NOVAS
Vale, Avenida Marquês de Tomar, 45-49 (tel. 773043)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Ascenso, Praça Norte, 11-A (tel. 311216)
BAIXA
Estácio, Rossio 60 (tel. 327067-324224)
BENFICA
Macedo, Estrada Poço do Chão, 69-C (tel. 703697)
CAMPOLIDE
Imparcial, Rua General Taborda, 28 (tel. 680931)
ESTRELA
Linaide, Rua Ferreira Borges, 30 (tel. 660955)
GRAÇA
Almeida Dias, Largo da Graça, 38-A (tel. 862909)
LUMIAR
Douro, Alameda das Linhas de Torres 93-A (tel. 791131)
PICHELEIRA
Marluz, Calçada da Picheleira, 140-B (tel. 720703-728395)
RATO
Vicente de Jesus, Largo do Rato, 3-C (tel. 681947)
SANTO AMARO
Teles, Rua João de Barros, 2, frente (tel. 638176)
S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
S. Sebastião, Largo de S. Sebastião, 1-9 (tel. 48642)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Almeida Nifo, Av. C.G.Guerra, 64 (T. 212070)
PAÇO DE ARCOS
Godinho, Av. Patrão Lopes, 4 (T. 2432039). Toda a noite
OEIRAS
Central, R.Conde Ferreira, 29 (T. 2430058). Até às 22 horas
CARCAVELOS
Central. Até às 24 horas
PAREDE
Aisir, Av. Gago Coutinho, B.das Caixas de Previdência (T. 2472948). Toda a noite
ESTORIL
Parque, Arcadas do Parque, 3 (T. 260191). Até às 22 horas
ESTORIL
Amoreira. Toda a noite
CASCAIS
Nova, E.de Alvide, Fontaínhas (T. 281044). Até às 22 horas; Marginal, Av. Marginal (T. 280078). Toda a noite

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Amadora, P.28 de Maio, 3-A (T. 93551); Carmele, R.Elias Garcia, lote 28 (T. 933303); Helénica, R.Elias Garcia, 2 (T. 933613); S.Jorge, R.Pedro del Negro, 5, Reboleira (T. 938703)
DAMAIA
Lemos, R.de Goa, 21-A (T. 971121)
QUELUZ
Gil, Av. Miguel Bombarda, 28 (T. 950117); Simões Lopes, Av. Elias Garcia, 51 (T. 950123)
CACÉM
Central, R.Elias Garcia, 55 (T. 2940034)
MEM MARTINS
Química, E.de Mem Martins, 285 (T. 2910012)
S.PEDRO DE SINTRA
Valentim (T. 980456)
SINTRA
Marrazes, Vila (T. 2930155)
COLARES
Abreja (T. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro, L.António dos Santos Jorge, 15 (T. 234100)
ALHOS VEDROS
Portugal, Av. da Bela Rosa (T. 20420)
ALMADA
Castro Rodrigues, R.Capitão Leitão, 31-A (T. 270076)
BAIXA DA BANHEIRA
Nova Fátima, E.Nacional, 244-A (T. 2040141)
BARREIRO
Avenida, Av. Alfredo da Silva, 48 (T. 2073207)
COVA DA PIEDADE
Rainha Santa, E.das Barrocas, 50-A (T. 2494182)
MOITA
União Moitense, Av. Dr. Teofilo Braga (T. 239025)
MONTIJO
Montepio, R.Almirante Reis, 93 (T. 230035)
SESIMBRA
Lopes, R.Cândido dos Reis, 67 (T. 229028)

SETÚBAL
Marques, R.Arronches Junqueiro (T. 22783); Bonfim, Av. Rodrigues Manitto, 12 (T. 24558)
SEIXAL
Godinho, L.da Igreja, 51 (T. 2218580)

PORTO

TURNO 27

ATÉ ÀS 22 HORAS

Martino, Sucr, Praça Marquês de Pombal, 122; Pombeiro, Campo dos Mártires da Pátria, 152; Plelada, Rua Central de Francos, 316; S. Roque da Lameira, Rua de S. Roque da Lameira, 1111; Sá da Bandeira, Rua Sá da Bandeira, 236; Ameal Rua do Ameal, 1227; Campo Alegre, Rua do Campo Alegre, 723; Ferreira da Silva, Rua dos Mártires da Liberdade, 150; Peninsular, Rua Chã, 100; S. Lázaro, Avenida Rodrigues de Freitas, 297; Melo Taveira, Rua Alcaide Faria, 77

A PARTIR DAS 22 HORAS

Melo Taveira, Rua Alcaide Faria, 77; S. Roque da Lameira, Rua de S. Roque da Lameira, 1111; Sá da Bandeira, Rua Sá da Bandeira, 236; Ferreira da Silva, Rua dos Mártires da Liberdade, 150

COIMBRA

Cruz Viegas, R.do Brasil; Donato, R.Ferreira Borges; Rainha Santa, R.Figueira da Foz

PASSE
UM FIM-DE-SEMANA
SEM CONTRATEMPOS

QUANDO ACORDAR
ESTARÁ NO ALGARVE

SERVIÇO DE CARRUAGENS-CAMAS LISBOA-ALGARVE

Barreiro-V.R. Sto. Antonio: sextas-feiras
V.R. Sto. Antonio-Barreiro: domingos
INFORMAÇÕES TELEF. 32 62 26

Caminhos de Ferro Portugueses

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

MARIA VITÓRIA
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Até Parece Mentira»
MONUTENTAL
21.15 (18 anos)
«A Gaiola das Loucas»
MARIA MATOS
21.45 (13 anos)
«Seara da Vento»
LAURA ALVES
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Garotas no Espeto»
VARIEDADES
20.45 e 23.00 (18 anos)
«O Pá Pega na Vassoura»

LISBOA/Cinemas

OLIMPIA
21.30 (13 anos)
«O incêndio de Roma»
PARIS
21.15 (18 anos)
«Larajna Mecânica»
MOSCAVIDE
21.15 (18 anos)
«A Bela Helena»
JARDIM
21.15 (18 anos)
«Para Mim as Mulheres Nem Fu Nem Fa»

LINHA DE CASCAIS

ESTORIL
Casino
17.00 e 21.15 (18 anos)
«Os Sequestrados de Altona»

CASCAIS
S.José
21.00 (13 anos)
«Os Amigos»
Oxford
16.00 e 21.15 (18 anos)
«Por Ordem de Mussilini (Girolimondi)»

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 (18 anos)
«Liberdade à Solta»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (10 anos)
«Ben-Hur»

PORTO/Teatros

SÁ DA BANDEIRA
21.30 (18 anos)
«Dentadinhas na maçã»
ANTÓNIO PEDRO
21.30 (13 anos)
«Brecht»
TERÇO
21.30 (18 anos)
«Pides na Grelha»

PORTO/Cinemas

ÁGUIA DE OURO
21.30 (10 anos)
«Os 3 Mosqueteiros»
ESTÚDIO FOCO
21.30 (18 anos)
«Fellini Satyricon»

OLÍMPIA
21.30 (18 anos)
«Viúva Incomsolável»
VALE FORMOSO
21.30 (10 anos)
«Os 3 Mosqueteiros»
ESTÚDIO
21.30 (18 anos)
«Toda uma vida»
PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«Os Dificeis Vinte Anos»
BATALHA
21.30 (18 anos)
«As Bailarinas»
S. JOÃO
21.30 (18 anos)
«Pecado venal»
RIVOLI
21.30 (18 anos)
«O Comando Antidroga»
JÚLIO DINIS
21.15 (18 anos)
«Obsessão»
CARLOS ALBERTO
21.15 (18 anos)
«Os três gringos»
TRINDADE
21.30 (18 anos)
«Emanuelle»
COLISEU
21.30 (18 anos)
«Irma la Douce»

COIMBRA

AVENIDA
20.30 (18 anos)
«Emanuelle»
GIL VICENTE
21.15
Ciclo do Cinema Cubano
TIVOLI
21.30 (18 anos)
«Fantasma de Bikini»

cinemas

ESTREIAS DE HOJE

NOS CINEMAS
UNIVERSAL
CONDES E MONUMENTAL
ESTÚDIO
TIVOLI
CINEARTE
POLITEAMA

BERNA

T. 776098 — 14, 16.30, 19. 21.15

Grupo C 14 anos

L'EMMERDEUR

(O Chato)

DE Edouard Molinaro

Eastmancolor
3.ª Semana

APOLO 70

T. 763319 14.00, 16.30, 19.00,21.15

Não acons. a menores de 13 anos

PRIMEIRA PÁGINA

o grande filme de Billy Wilder

8.ª Semana

Hoje às 24.00 - 18 anos

ROMEU E JULIETA

ROXY

T. 42872 — 14.00, 16.30, 18.45, 21.15

Interdito a menores de 18 anos

A ARENA

A excitante luta das escravas sedentas de amor e liberdade

2.ª Semana

PATHÉ

T. 821933 14.15, 16.30, 18.45, 21.15

Interdito a menores de 18 anos

EMMANUELLE

2.ª Semana

Aviso ao público: Este filme contém cenas eventualmente chocantes

ALVALADE

T. 717480 — 15.30, 18.30, 21.15

(Interdido a menores de 18 anos

A mais espantosa comédia do ano!

A MINHA MULHER É UM VIOLONSEXO

comLandoBussanca,LauraAntonell

CINEBOLSO

T. 573407 14.30, 16.45, 19.00, 21.30

Não acons. a menores de 18 anos

O VALE DOS PERDIDOS

de Barbet Schroeder

Hoje às 24.00 - 18 anos

O AMOR ÀS TRÊS DA TARDE

Amanhã às 12.00 - 17 anos

(Hollywood e seus mitos)

TER OU NÃO TER

LIDO

T. 937593 — 21.15

Interdito a menores de 18 anos

AS BAILARINAS

D. JOÃO V — DAMAIA

T. 971794 — 21.00

Interdito a menores de 18 anos

MULHERES ACORRENTADAS

CINEMA 2000

ALGÉS — 21.15

Interdito a menores de 18 anos

A ARENA

UNIVERSAL

T. 774402 — Às 15.00 e 22.30

Não acons. a menores de 13 anos

A CORAGEM DUM POVO

Às 18.00 e 20.30

Interdido a menores de 18 anos

IREI COMO UM CAVALO LOUCO

RESTELO

T. 610375 — 21.00

Interdito a menores de 18 anos

DOROTHEA

c/Anna Henkel

Aviso ao público: este filme contém cenas eventualmente chocantes

EDEN

T. 320768 14.00, 16.30, 19.00, 21.15

Não acons. a menores de 13 anos

JUNTOS SÃO DINAMITE ... E QUANDO O DINAMITE EXPLODE...

Terence Hill e Bud Spencer

4.ª Semana

TIVOLI

T. 570595 — 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

PECADO VENIAL

CASINO ESTORIL

T. 26462) — 17.00, 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

OS SEQUESTRADOS DE ALTONA

CARLOS MANUEL — SINTRA

T. 293094 — 21.15

Interdito a menores de 18 anos

O BEIJO

POLITEAMA

T. 326305 — 21.30

Grupo D (18 anos)

CHIN HAU, O JUSTICEIRO NO TEXAS

ROMA

T. 727778 14.30, 16.45, 19.00, 21.15

Interdito a menores de 18 anos

EMMANUELLE

c/ Sylvia Kristel

CINESTÚDIO

T. 937593 — 15.30 21.30

Não acons. a menores de 18 anos

PRIMEIRA PÁGINA

VOX

T. 720808 14.15,18.30,19.00, 21.30

Não acons. a menores de 18 anos

QUE NOITE DE NÚPCIAS

5.ª Semana a rir

LUMIAR

T. 795296 — 21.15

Grupo C (14 anos)

OS REBELDES

SATÉLITE

T. 562632 — 15.30, 18.30, 21.15

Interdito a menores de 18 anos

SORRISO VERTICAL

3.ª Semana

MUNDIAL

T. 538743 — 18.30, 21.30

Interdito a menores de 18 anos

AQUELA GOVERNANTA

CALEIDOSCÓPIO

T. 794141 14.00, 16.30, 19.00, 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

TEOREMA

Premiado no festival de Veneza com Silvana Mangano

3.ª Semana

CONDES

T. 322523 12.30, 15.30, 18.30, 21.30

Não acons. a menores de 13 anos

PAPILLON

Do livro ao cinema — o maior êxito mundial!

ODEON

T. 326283 — 15.15, 18.15, 21.15

Grupo C-M. 14 anos

NOVO ÊXITO DE GARGALHADA COM ALFREDO LANDA EM

O DELICADINHO NA ALEMANHA

A alegre «tragédia» de um emigrante entre sua noiva e uma «vaca»

(Col.)

LONDRES

T. 801313 — 15.45, 18.30 e 21.15

Não acons. a menores de 13 anos

LACOMBE LUCIEN

(O COLABORACIONISTA)

Uma história da resistência

Um filme de Louis Malle

S. JORGE

T. 5415 3/4 — 15.15, 18.15, 21.15

MULHERES APAIXONADAS

4.ª Semana

AVIS

T. 47163 — 15.30, 18.30, 21.15

Interdito a menores de 18 anos

O COLCHÃO EM DELÍRIO

CASTIL

T. 530194 — 15.30, 18.30, 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

OS RAPAZES DO GRUPO

The Boys in The Band

CINEARTE

T. 660446 — 15.30, 21.15

Grupo D 18 anos

UMA JOVEM COMO EU

ESTÚDIO

T. 555135 — 21.15

Interdito a menores de 18 anos

CAMINHOS DO PRAZER

ESTÚDIO 444

T. 779095 14.30, 16.45, 19.00, 21.15

Interdito a menores de 18 anos

DOROTHEA

7.ª Semana

EUROPA

T. 661016 — 15.15, 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

AMOR LIVRE

Às 24.00

A PRIMA

IMPÉRIO

T. 555134 — 15.15, 18.30, 21.15

Grupo D - 18 anos

ONDE É QUE DOI?

Hoje às 18.30 — 18 anos

JULIETA DOS ESPÍRITOS

MONUMENTAL

T. 555131 — 15.00, 18.00, 21.00

Não acons. a menores de 13 anos

PAPILLON

DL
RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO-GERAL
E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º E 4.º
TELEF. 65453 1/2/3/4
REDACÇÃO E SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF. 32115 4/5, 32027 1/2/3
RUA DA ROSA, 57
END. TEL. DIBOA TELEX 12363
LISBOA-PORTUGAL

O DISCURSO DE VASCO GONÇALVES

Continuação da pág. 1

Vasco Gonçalves prosseguiu: «Nós avançamos combatendo os nossos inimigos. O 28 de Setembro permitiu a subida à presidência da República, do general de mais prestígio das nossas Forças Armadas, o homem que o Movimento tinha escolhido ainda na clandestinidade, o nosso general Costa Gomes».

«Além do 11 de Março permitir o avanço do processo — prosseguiu Vasco Gonçalves — a tomada de medidas revolucionárias, permitiu também o afastamento do sector spinolista, responsável por todas as tentativas de divisão dentro das Forças Armadas. O 11 de Março criou condições mais favoráveis para o povo português».

Muito aplaudido, o Primeiro-Ministro foi várias vezes interrompido aos gritos dos milhares de trabalhadores: «socialismo, sim: vigarice não» e «O Povo está com o M. F. A.»

. «A nossa missão é dura. Conciliar o que parece inconciliável. Resolver contradições que parecem irredutíveis. Arranjar unidade onde parece, haver desunião», disse mais à frente o brigadeiro Vasco Gonçalves. Considerando que a crise económica é o obstáculo fundamental a vencer o Primeiro-Ministro acrescentou: «ou recuperamos por nós próprios, com o nosso esforço, ou comprometeremos gravemente a marcha do nosso processo revolucionário. Da batalha da produção, a vitória depende o futuro da nossa revolução. A batalha da produção é uma etapa necessária para vencermos a crise económica e criar condições para o futuro desenvolvimento de uma via socialista. O principal papel nessa batalha da produção pertence a vós trabalhadores...o vosso esforço, o vosso trabalho reverterão em benefício da colectividade e não em benefício de classes privilegiadas.

O brigadeiro Vasco Gonçalves prosseguiu o seu discurso. Sempre muito interrompido. Quer com vibrantes aplausos, quer com a palavra de ordem «socialismo, sim: vigarice, não». Pedindo unidade e coesão, o Primeiro-Ministro prosseguiu: «É necessário que os trabalhadores não se deixem dividir por lutas políticas partidárias dentro dos vossos sindicatos. A vossa unidade e o vosso esclarecimento político e ideológico são a base principal do passo que temos de dar no caminho da revolução do futuro. Pedimos também aos trabalhadores lucidez. É preciso trabalhar e trabalhar muito. As reivindicações irrealistas causam vítimas e aqueles que as primeiro sofrem são os trabalhadores. É preciso combater ardorosamente e com determinação com paciência e com firmeza todos os divisionistas e todos os provocadores».

«O M. F. A. não faz demagogia. O M. F. A NÃO mente ao povo. O M. F. A. não faz promessas vãs» — prosseguiu Vasco Gonçalves. «É preciso um trabalho militante, revolucionário, trabalho de homens que saibam sacrificar-se pelo futuro da sua pátria. É necessário encarar a valorização profissional como uma opção verdadeiramente revolucionária, sem ódio, sem ambição de promoção, sem carácter pessoal e pediu aos trabalhadores, exemplo de idoneidade moral e isenção em matéria de saneamento. Nós precisamos aumentar 3 ou 4 vezes a nossa produção, mas isso não se faz de um dia para o outro. Faz-se com trabalho, aturado, permanente, consciente, com muito sacrifício para que possamos criar condições para uma distribuição do rendimento nacional mais equitativa, para que possamos satisfazer as necessidades das classes mais desfavorecidas. As empresas nacionalizadas devem ser os exemplos de rentabilidade. Nós seremos a geração do sacrifício, o sacrifício pela Revolução Portuguesa, desde o Presidente da República até ao trabalhador mais humilde.»

. . O brigadeiro Vasco Gonçalves terminou, reforçando o seu pedido de unidade e da luta pela consolidação da revolução, rumo ao socialismo.

MAIS DE CEM MORTOS EM LUANDA

. LUANDA, 2 — (R) — As autoridades militares portuguesas transmitiram ontem à noite apelos à ordem, após dois dias de lutas entre movimentos de libertação rivais, as quais causaram, segundo se julga, mais de uma centena de mortos e feridos.

Estes apelos seguem-se a reuniões de emergência entre as autoridades portuguesas e os três movimentos de libertação.

Pouco depois da F.N.L.A. pediu aos seus partidários que cessem imediatamente todas as hostilidades e ordenou às suas tropas que regressem aos respectivos aquartelamentos.

Da mesma forma o presidente do M.P.L.A. Agostinho Neto, aconselhou os militantes do seu movimento a evitarem qualquer acção ofensiva.

O recolher obrigatório foi mantido durante a noite e a cidade continua a viver num clima de tensão, embora o tiroteio tenha praticamente terminado durante a tarde.

Uma multidão de residentes nos bairros mais atingidos pela luta, na sua maioria brancos mas incluindo alguns negros, dirigiu-se ao Palácio do Governo para protestar contra a destruição das suas casas.

Homens de olhar desvairado contavam cenas de violência durante os incidentes. Muitas das pessoas que se juntaram no Palácio do Governo tinham perdido parentes ou ficado com as casas destruídas. Alguns trouxeram consigo tudo o que puderam salvar dos seus haveres e outros decidiram acampar em tendas que montaram nos terrenos do Palácio.

O dirigente da U.N.I.T.A. Jonas Savimbi, insistiu em que o seu movimento não esteve envolvido na luta e pediu aos seus partidários que mantenham a disciplina.

FESTA NAS RUAS DE LISBOA

. Eram 18 e 30 e ainda entravam manifestantes no Estádio 1.º de Maio. Tratava-se de um último grupo de socialistas, no qual se integrava uma delegação da Junta Democrática de Espanha. Pouco antes, tinham feito a sua aparição as bandeiras e os cartazes de outras organizações estrangeiras de esquerda: latino-americanas, mas também europeias, como a que numa grande bandeirola vermelha se solidarizava, em holandês, com os trabalhadores portugueses. «Viva a luta dos trabalhadores portugueses» era o «slogan» gritado por um grupo onde se detectavam diversos sotaques e que se reunia em torno de militantes do M. P. L. A. Chegavam também pequenas delegações das Juventudes Revolucionárias Monárquicas e dos trotskistas do Partido Revolucionário dos Trabalhadores.

Nessa altura há muito que começara o comício do Estádio 1.º de Maio. Provavelmente já se tinham registado alguns dos incidentes a que noutro lado aludimos. Mas na periferia do Estádio o ambiente era bem diferente, como o fora durante uma boa parte do percurso da manifestação, em que inúmeros grupos se formavam e integravam a meio caminho. Bandeiras do Partido Comunista viam-se ao lado das do Partido Socialista e da Frente Socialista Popular. As palavras de ordem eram, sobretudo, «O Povo está com o M. F. A.», ou «Soldado amigo, o Povo está contigo», quando cruzavam um «jeep» da Polícia Militar ou se avistavam soldados nos telhados de algum prédio mais baixo.

Essa atmosfera registara-se, durante toda a tarde, num largo perímetro em torno da zona do Estádio, indo até ao Campo Grande, de onde partiam também filas ininterruptas de manifestantes que seguiam directamente para o local do comício. Registou-se igualmente um carrossel de automóveis embandeirados, floridos, que percorreu toda a cidade até à noite e que, a partir das 15 horas, se adensava particularmente na zona das Avenidas Novas e dos seus acessos, chegando as bichas de automóveis até ao Marquês, num enorme concerto de buzinas.

A passagem, em sentido contrário, de um Chaimite coberto de cravos ou de um camião militar, provocava o crescendo das buzinas, aplausos e vivas ao M. F. A.

Uma parte da manifestação de ontem foi aliás constituída pelos automóveis que percorriam as ruas de Lisboa. Se abundavam as bandeiras, sobretudo do P. S. e do P. C. P., eram também muitos os carros floridos, que exibiam desde os «V» de Vitória às iniciais de partidos e mesmo «slogans» inteiros compostos com cravos vermelhos.

Quantos manifestantes, exactamente, teriam participado no 1.º de Maio organizado pela Intersindical, é extremamente difícil dizê-lo. Porque, além do cortejo principal, muitos outros se foram formando a pouco e pouco, ao acaso, nas ruas de acesso ao Estádio, ao mesmo tempo que desse cortejo principal se destacavam grupos que tomavam outros caminhos, para chegarem mais depressa ou tentarem ocupar melhores lugares. Houve um constante vaivém no Estádio, de onde, devido ao sol e à multidão que o enchia, muitos preferiram sair para se espalharem pelas ruas vizinhas.

O cortejo principal demorou mais de três horas a desfilar e, como dissémos de início, havia muito que o comício começara, o Primeiro-Ministro falava já e ainda chegavam manifestantes, em grupos compactos, ao Estádio. É difícil avançar um número, mas é certo que se tratava de várias centenas de milhares de pessoas, não devendo andar longe do meio milhão, contando com todos aqueles que desfilaram mas não chegaram a entrar no Estádio, como os aderentes do P. P. D., com os que participaram no comício sem terem desfilado. O cortejo aberto pela Intersindical, o comício do Estádio do 1.º de Maio, constituíram uma indiscutível demonstração da força dos trabalhadores e da sua integração no processo revolucionário em curso. Demonstração salientada ainda pelo modo pouco rígido, realmente festivo, como participaram nessas manifestações.

Assim, os incidentes registados no Estádio 1.º de Maio perdem muito da sua importância quando os comparamos à atmosfera geral que reinou no dia de ontem e ao modo como aderentes e simpatizantes dos diversos partidos, nas ruas, nas imediações do Estádio e mesmo lá dentro, se misturaram e caminharam lado a lado.

"SOCIALISMO SIM, VIGARICES NÃO"

. **Socialismo sim, vigarices não** — era a grande palavra de ordem de uma manifestação paralela, a dos marinheiros portugueses. Paralela porque percorreu a Avenida de Roma, em vez de subir a Almirante Reis e a Avenida do Aeroporto, como o fez o grande caudal humano saído da Alameda D. Afonso Henriques, local da concentração promovida pela Intersindical Quando a manifestação começou a emperrar por se encontrar já superlotado o estádio 1.º de Maio uma parte dela decidiu tomar outro caminho.

E, no caso dos marinheiros, foi uma festa impressionante Avenida de Roma acima. Animada pela Banda da Marinha, esta alegre marcha deu para tudo, sobretudo para uma bela confraternização entre o povo e os seus soldados. Ali vimos uma amálgama feliz de civis, jovens e menos jovens, com soldados, sargentos e oficiais da Marinha, todos de braço dado, dançando, cantando e dizendo em coro palavras de ordem que os populares nos passeios acompanhavam e aplaudiam. «Povo amigo, o marujo está contigo», era uma dessas palavras de ordem. Aliás, o M.F.A. concorreu em grande para transformar o 1.º de Maio numa verdadeira festa de unidade, tomando ele também a iniciativa: em carros da Polícia Militar, em chaimites e em grupos, todos em activa confraternização com os civis, as palavras de ordem, gritadas e escritas, eram «povo amigo, o soldado está contigo», que os militares, braços e punhos no ar, acompanhavam numa integração espectacular na grande manifestação.

SOLIDARIEDADE INTERNACIONAL

No estádio 1.º de Maio, o «slogan» **Socialismo sim, vigarices não** voltou a ser gritado com frequência. Mas, à frente da manifestação de marinheiros, Avenida de Roma acima em direcção ao estádio, outro grande ajuntamento popular bem significativo: numa mesma concentração, juntaram-se representações revolucionárias de muitos países, incluindo os de ex-colónias portuguesas: P.A.I.G.C., Fretilin, M.P.L.A., Frelimo e movimentos ou partidos de esquerda vindos de Espanha, Itália, Alemanha, Holanda, Brasil e outros países. «Espanha vencerá»; «Comunistas italianos estão com o povo português»; «trabalhadores portugueses, avante pelo socialismo»; «o povo unido jamais será vencido», eram palavras de ordem, variando conforme a procedência dos manifestantes.

LOPES GRAÇA PRESENTE

Na grande festa do 1.º de Maio de 1974, a primeira grande manifestação nacional da libertação, a Avenida do Aeroporto foi um mundo de emoções. Lá vimos, como então assinalámos, Maria Lamas, símbolo da resistência da mulher portuguesa ao fascismo, percorrendo no meio do povo alguns quilómetros, lágrimas nos olhos, amparada por amigos e por um marinheiro, que na outra mão erguia uma grande bandeira nacional. E lá ia, também, Fernando Lopes Graça no meio do seu coro, finalmente a cantar nas ruas da cidade, livremente.

Fernando Lopes Graça voltou este ano. Não já combalido pela emoção, não já de lágrimas correndo pela cara, mas de olhar firme e certezas transparentes, mais certo das belas palavras de uma das suas canções heróicas, palavra de ordem no 28 de Setembro e no 11 de Março: «nada poderá deter-nos». Ele e o Coro dos Amadores de Música encabeçavam a grande manifestação de ontem à tarde, a caminho do Estádio 1.º de Maio. Cantando sempre a nossa confiança, aplaudidos por milhares de pessoas que esperavam a massa humana para nelas se integrarem. Atrás dele, quatro «chaimites» cheias de povo fardado ou à civil eram o símbolo da aliança entre as duas grandes componentes do nosso processo revolucionário: o M.F.A. e o movimento popular de massas.

Melo Antunes na Holanda

HAIA, 2 (FP) — O ministro português dos Negócios Estrangeiros, major Melo Antunes, fez uma visita-relâmpago a Haia, durante a qual se avistou com o seu colega holandês Max van der Stoel. Do lado holandês indica-se que este encontro teve um carácter particular.

Chegado na quarta-feira à noite a Haia com o maior segredo, o homem de Estado português partiu ontem de manhã de regresso a Lisboa. Observa-se a mesma reserva nos meios portugueses oficiais.

O major Melo Antunes deve fazer uma visita oficial à Holanda na segunda quinzena deste mês, depois da viagem que tenciona efectuar à República Federal da Alemanha.

Van der Stoel encontrara-se na terça-feira à tarde com uma delegação do Governo Provisório de Moçambique, presidida pelo vice-presidente da Frelimo, Marcelino dos Santos.

CIDADE MARGINAL

O ESTIGMA INCÓMODO DA POBREZA

Vultos magros. Mas agéis. Cabelos desgrenhados pelo vento. E pela falta de pente. Sapatos em buracos. Camisolas e calças desbotadas. Largas e informes. Roupas de adultos em corpos franzinos. Entraram no Parque e agitaram as atenções. Pularam e gritaram, nos escorregas e balouços, usando a linguagem sem peias nem rebuscados dos bairros-da-lata. Das barracas onde nasceram, esfriaram nas noites gélidas e suaram nas tardes soalhentas e abafadas. De infâncias sem escola, a vender jornais e cautelas, perseguindo biscates ou esmolando, na clandestinidade, aos encontrões.

VOZES CRÍTICAS EM SURDINA

Manuel Rogério, Esmeralda, Segismundo. Assaltaram o recinto infantil do Parque Eduardo VII e, libertos, foram crianças por minutos. Mas logo vozes críticas soaram em surdina e depois, já declaradamente, numa ostentação quase agressiva. Decretando a sua expulsão. Não fora a presença desmobilizadora de um jovem, ao demarcar sem tibiezas: «Apenas crianças. Tão povo (ainda mais) do que os vossos filhos. Porque, senhores, e senhoras, este parque não é propriedade privada». Nem, acrescentaremos nós, privilégio exclusivo de uma classe: a burguesia.

POSIÇÃO DO P.P.D.

Continuação da pág. 12

próprios destinos em 25 de Abril de 1975, encontre novos senhores e novas ditaduras.

Pretende-se, novamente, a unicidade monolítica e imposta, em vez de unidade.

Dizemos «não» às ditaduras.

Dizemos «não» às actuações anti-unidade que, na prática, mais uma vez desmentem as palavras bonitas e tranquilizantes de quem fala, mas não pratica a democracia.

Lamentamos ainda que a irresponsabilidade e a falta de patriotismo dos «convidantes» tenha procurado, sem o conseguir, cobrir, com o nome do Presidente da República e do Primeiro Ministro, bem como do Conselho da Revolução, uma manobra de sectarismo, contra o povo português e a democracia.

Apesar das provocações e até agressões de que foram alvo os nossos militantes, comemorámos em unidade e alegria, o 1.º de Maio, manifestando-nos nas ruas de Lisboa, sem entrar no Estádio onde se desenrolava a falseada festa da unidade dos trabalhadores.

Acabámos esta tarde de festa com um Comício na Praça José Fontana, onde falaram, perante os milhares de pessoas que nos acompanhavam, alguns oradores do P.P.D.

Vivemos o 1.º de Maio, pela independência nacional!

. Noutros comunicados, daremos conta da participação do P.P.D. nas celebrações do 1.º de Maio em todo o País.»